

Parentalidade adolescente e jovem Entre o cuidar e ser cuidado

Filipa Guilherme Varandas

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais
(2^o ciclo de estudos ou mestrado integrado)

Professora Doutora Filomena Matias dos Santos

junho de 2020

Folha em branco

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora, à Professora Doutora Filomena Santos, por todo o apoio prestado desde o primeiro momento. A sua disponibilidade, dedicação e perfeccionismo mesmo com algumas limitações que o estudo nos trouxe.

Em segundo lugar agradeço aos intervenientes do nosso estudo que partilharam a sua história porque sem eles não seria possível apresentar resultados empíricos.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em todos os momentos da minha vida e me tornaram na pessoa que sou hoje. Se sou o que sou devo-o a eles!

Resumo

A presente investigação estuda os percursos biográficos dos jovens, tendo em conta, fundamentalmente, as suas origens e trajetórias familiares, escolares e profissionais. Em termos metodológicos optámos por uma pesquisa qualitativa, com recurso a entrevistas biográficas, mais adequada para captar percursos de vida, motivações, razões, significados, sentimentos e experiências subjetivas. Apesar das estatísticas indicarem uma redução acentuada da fecundidade adolescente e jovem (até aos 25 anos), sobretudo a partir dos anos 2000, a que não é alheio o facto das raparigas terem projetos de vida que, à semelhança das mulheres mais velhas, as levam a adiar a maternidade, a temática da parentalidade jovem continua atual.

Dos nossos resultados emerge o ideal de família ligado ao modelo biparental. Existem alguns casos de contradições entre o discurso e as práticas sobre a divisão das tarefas domésticas e parentais, onde as desigualdades de género persistem. Ainda assim, é nos cuidados e na educação dos filhos que os companheiros mais se envolvem. As principais alterações que a parentalidade trouxe foram o aumento da responsabilidade e da maturidade, menos tempo para a individualidade e conjugalidade, a redução das sociabilidades juvenis e a influência nos projetos de vida. O suporte familiar é referido como essencial por todos os participantes, na ausência ou escassez de apoios institucionais. É sobretudo nas entrevistadas que foram mães na adolescência que a gravidez proporcionou um ganho estatutário. São diferentes as formas de experimentar a parentalidade, em que a classe social, o género, as transições residencial e ocupacional, a conjugalidade (ou a sua ausência) e a (in)dependência financeira dos adolescentes e jovens, quase sempre através de inserções profissionais precárias, são alguns fatores que condicionam a transição para a vida adulta.

Palavras-chave

Parentalidade adolescente e jovem; desigualdades de género; transição para a vida adulta; percursos biográficos.

Folha em branco

Abstract

The present investigation studies the biographical paths of young people, taking into account, fundamentally, their origins and family, school and professional trajectories. In methodological terms, we opted for a qualitative research, using biographical interviews, better suited to capture life paths, motivations, reasons, meanings, feelings and subjective experiences. Although statistics indicate a marked reduction in adolescent and young fertility (up to 25 years old), especially from the 2000s onwards, the fact that girls have life projects that, like older women, lead them to postpone motherhood, the theme of young parenting remains current.

From our results, the family ideal emerges indelibly linked to the biparental heteronormative model. There are some cases of contradictions between discourse and practices on the division of domestic and parenting tasks, where gender inequalities persist. Still, it is in the care and education of children that partners are most involved. The main changes that parenting brought were the increase in responsibility and maturity, less time for individuality and conjugality, the reduction of youth sociability and the influence on life projects. Family support is referred to as essential in all participants, in the absence or scarcity of institutional support. It is mainly in the interviewees who were mothers in adolescence that pregnancy provided a statutory gain. There are different ways of experiencing parenting, in which social class, gender, residential and occupational transitions, conjugality (or its absence) and the financial independence of adolescents and young people, almost always through precarious professional insertions, are some factors that condition the transition to adulthood.

Keywords

Teen and young parenting, gender inequalities, transition to adulthood, biographical paths.

Folha em branco

Índice

Introdução	1
I - Enquadramento teórico	3
1.1 Família: Mudança e diversidade.....	3
1.2 O género e a parentalidade	8
1.3 Correntes teóricas da Sociologia da Juventude.....	11
1.3.1. Teoria classista	11
1.3.2. Teoria dos ciclos de vida.....	12
1.3.3. Teoria geracional.....	12
1.4 Transição para a vida adulta.....	13
1.5 A sexualidade nos adolescentes e jovens	15
1.6 Gravidez na adolescência e juventude	17
II – Metodologia	21
2.1 Perspetivas e modelo de análise.....	21
2.2 Hipóteses de trabalho.....	24
2.3 Métodos e técnicas de recolha de informação	25
III - Análise e interpretação das entrevistas	28
Discussão dos resultados	72
Considerações finais	87
Referências bibliográficas.....	90
ANEXOS	103
ANEXO I	104
ANEXO II.....	108
ANEXO III	117
ANEXO IV.....	126

Folha em branco

Lista de Figuras

Figura 1 Taxa de fecundidade por idades, em Portugal, entre 1950 e 2010.....	5
Figura 2 Representação do modelo de análise sob a forma de esquema	22

Folha em branco

Lista de Acrónimos

RSI Rendimento Social de Inserção

Folha em branco

Introdução

O presente trabalho de investigação tem o título de “Parentalidade adolescente e jovem: entre o cuidar e ser cuidado”, já que o objeto de estudo se centra no impacto da parentalidade na vida de adolescentes e jovens. O subtítulo pretende apontar para a ambivalência de ser cuidado, uma vez que os jovens estão muito dependentes do apoio dos pais e, ao mesmo tempo, a cuidar dos filhos.

No estudo de Ferreira e Aboim (2002) sobre os nascimentos fora do casamento, os autores consideram que a maternidade adolescente se insere numa idade inferior a 20 anos e a maternidade jovem entre os 20 e os 24 anos de idade. As mulheres que são mães nestas idades mais jovens caracterizam-se pela monoparentalidade de «dependência económica» e representam mais de metade das mães-sós. É também nestas faixas etárias que podemos encontrar um número elevado de inativas ou desempregadas e mulheres com dois ou mais filhos.

Atualmente a idade média para ter o primeiro filho é de 28.9 anos (dado de 2010) (Mendes, 2016). Os nascimentos em Portugal são adiados cada vez mais para idades menos jovens, ao mesmo tempo que a taxa de fecundidade tende a cair. Tem-se cada vez menos filhos e estes nascem cada vez mais tarde (Sobotka, 2016). A limitação da descendência leva alguns autores a classificarem a sociedade portuguesa como uma sociedade de filho único (Cunha, 2012). As razões para a limitação do número de filhos resultam do cruzamento de vários fatores, entre eles, a forte inserção das mulheres portuguesas no mercado de trabalho e a emancipação feminina, as políticas públicas (ou a falta delas) de apoio à parentalidade e à conciliação entre trabalho e família, o “novo” padrão de exigências sociais ligado ao exercício da parentalidade, as representações sobre o lugar da criança e as funções dos filhos (Cunha, 2005), a precariedade laboral e a incerteza quanto ao futuro profissional e o prosseguimento de estudos longos por parte dos jovens (Galland, 1995; Guerreiro e Abrantes, 2007).

Apesar das estatísticas indicarem uma redução da taxa de fecundidade na adolescência a partir dos anos 2000, a temática da gravidez na adolescência e em idades jovens continua atual e pode afetar o percurso de vida dos jovens. Ainda mais quando vários estudos realizados, dentro e fora do contexto português, indicam que a maternidade adolescente e jovem é um fenómeno socialmente localizado, afetando principalmente os setores mais vulneráveis e desfavorecidos da população, o que é bastante revelador das desigualdades sociais e de género que atravessam a juventude, nomeadamente, no

nosso país (Justo, 2000; Figueiredo *et al.*, 2004; Gerardo, 2004b; Leal, 2006; Monteiro, 2012; Baret e Gilbert, 2017).

O presente estudo visa responder essencialmente à seguinte questão de investigação: de que modo é que ser mãe/pai na adolescência e numa idade jovem afeta os projetos de vida? Pretendemos então analisar qual o impacto da entrada e vivência da parentalidade nos percursos biográficos dos jovens, na sua relação com os processos de transição para a vida adulta, e investigar quais as principais razões e contextos da parentalidade adolescente e jovem. Temos ainda em mente procurar saber quais as principais dificuldades e também os apoios (familiares, institucionais) dos adolescentes e jovens que se tornaram mães e pais. Os próprios percursos biográficos dos jovens (antes e após a entrada na parentalidade), são moldados por contextos sociais e de género, tendo em conta fundamentalmente as origens e as trajetórias familiares, escolares e profissionais.

Em termos metodológicos optámos por uma pesquisa qualitativa mais adequada para captar processos e percursos de vida, bem como as experiências subjetivas de parentalidade, privilegiando a relação aprofundada com os atores sociais (Santos, 2014). Após a análise dos dados recolhidos, foi possível traçar as principais conclusões do trabalho de campo, discutir algumas das suas limitações e fazer ainda algumas sugestões para futuras investigações.

A dissertação está dividida em três grandes tópicos: o enquadramento teórico, as opções metodológicas e a análise e interpretação dos dados. A problemática teórica foi orientada para aprofundar e problematizar o tema e, simultaneamente, fornecer instrumentos para a interpretação dos resultados. Numa primeira abordagem falamos sobre as mudanças e a modernização da família e as questões de género e, num segundo momento, de forma a afunilar os capítulos, analisamos as correntes da sociologia da juventude, a transição para a vida adulta, a sexualidade e a gravidez na adolescência e juventude.

I - Enquadramento teórico

1.1 Família: Mudança e diversidade

A mudança social e de valores têm vindo a transformar o cenário conjugal e as relações familiares no mundo contemporâneo ocidental, em que tanto as representações como as práticas se manifestam pelo movimento pluridimensional de desinstitucionalização (Roussel, 1989), de sentimentalização (Santos e Dias, 2016, 2019), privatização do casal e da família (Santos e Dias, 2016) e individualização da vida social (Beck, 1992).

Por desinstitucionalização entende-se a desvalorização dos aspetos institucionais e normativos que regem o casamento/conjugalidade e as relações familiares, onde prevalecem valores companheiristas em vez de institucionalistas (Santos e Dias, 2016). Supõe-se o abandono de constrangimentos religiosos e tradicionais para se desenvolverem valores de ordem secular e racional (Ferreira e Aboim, 2002). A privatização significa o declínio dos valores sociais dominantes vindos do “exterior” na regulação das relações privadas, no interior do casal e da família, a par da diminuição do controlo social sobre os comportamentos privados (Ferreira e Aboim, 2002; Santos, 2008; Santos e Dias, 2016). Assiste-se hoje a uma passagem de modelos de organização familiar assentes no casamento como instituição, com direitos e deveres pré-determinados, para modelos familiares de cariz modernista assentes na privacidade dos indivíduos, no bem-estar emocional e na valorização dos sentimentos amoroso e parental (Roussel, 1987; Santos e Dias, 2016).

Os movimentos de desinstitucionalização, de privatização e individualização acompanham o declínio do casamento como única forma de viver em casal e em família, assistindo-se ao recuo da nupcialidade, ao aumento do divórcio, das uniões informais (coabitação), das famílias monoparentais e recompostas (Ferreira e Aboim, 2002; Santos, 2008; Santos e Dias, 2016), adiamento do nascimento do primeiro filho (Almeida, 2016) e aos nascimentos fora do casamento¹ (Ferreira e Aboim, 2002).

A coabitação informal é a união entre duas pessoas que vivem na mesma casa, com ou sem filhos, sem recurso a um vínculo formal confirmado de forma jurídica, mantendo entre si uma relação afetiva e sexual (Santos, 2008). A coabitação funciona como opção duradoura ou como fase transitória que projeta um futuro casamento (Roussel, 1989; Guerreiro e Abrantes, 2007; Santos, 2008).

¹ As crianças que nascem fora do casamento são na sua maioria filhos de casais que vivem em coabitação conjugal (Ferreira e Aboim, 2002).

A individualização pressupõe um reforço da autonomia pessoal, em que os sujeitos têm liberdade para construírem a sua vida privada e íntima, sem seguirem códigos sociais rígidos assentes na religião e em papéis sociais de género tradicionais (Santos e Dias, 2016).

O impacto deste movimento pluridimensional nas mudanças da vida familiar, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, torna-se visível ao nível da igualdade dos papéis de género (mais negociados), da difusão de valores companheiristas e de uma progressiva importância do indivíduo nas relações sociais em que a criança é vista, também, como indivíduo de direitos (Santos, 2008; Santos e Dias, 2016). A família não tem por base um modelo único e dominante²; está cada vez está mais plural e diversificada (Santos e Dias, 2016) nas suas formas, estilos e lógicas de funcionamento interno (Wall, 2005; Wall, Aboim e Cunha, 2010) sem, contudo, colocar em causa o modelo de família nuclear que, em Portugal, continua a ser estatisticamente dominante (Ferreira e Aboim, 2002; Cunha e Atalaia, 2014). No entanto, todas estas tendências de modernização da vida familiar não são uniformes, variando em função dos contextos sociais e do género.

Uma das especificidades da sociedade portuguesa é o trabalho a tempo inteiro das mulheres em idades de forte entrada na conjugalidade e na maternidade. São elas que sofrem uma dupla pressão, pois exige-se que tenham uma profissão e que continuem a ser as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos. Também são elas as que mais trabalham, por comparação com outras mulheres europeias. Em Portugal a figura do trabalho a tempo parcial tem pouca adesão, nomeadamente, quando se tem filhos pequenos (Santos e Dias, 2016; Wall *et al.*, 2016). Por outro lado, países como a Holanda, Noruega (Schouten, 2011) e Bélgica³, com uma “cultura” em torno do tempo parcial como a melhor escolha feminina (Macedo e Santos, 2009), têm regimes de trabalho e políticas públicas mais preocupados com a conciliação entre trabalho e família (Wall *et al.*, 2016).

De acordo com Almeida, André e Lalandia (2002), até ao período da revolução de 1974 havia um controlo social e parental sobre a sexualidade dos jovens, sobretudo feminina, mas a pós-revolução aliada a uma maior abertura da sociedade, em termos de moral sexual e relações de género, fez subir a maternidade precoce. Um rejuvenescimento da

² A par do declínio do modelo de família instituição assiste-se hoje a uma crescente multiplicidade de arranjos familiares e de modalidades de viver em casal e de viver a parentalidade (famílias monoparentais, heteroparentais, homoparentais, recompostas, pluriparentais) (Santos, 2008; Santos e Dias, 2016).

³ De acordo com a informação do Eurostat (2007), a Holanda surge com uma percentagem de 74.7% mulheres a trabalhar em regime de trabalho a tempo parcial e a Bélgica com 42.6% (*in* Macedo e Santos, 2009).

maternidade nos comportamentos das mulheres mais jovens (entre os 15 e 19 anos de idade e entre os 20 e os 24 anos) fez registar um surto conjuntural de fecundidade no pós-25 de Abril, pois acreditava-se também que as condições de vida iriam melhorar (Mendes, 2012, 2016). É a partir dos anos 2000 (ver figura 1) que se dá uma diminuição acentuada da taxa de fecundidade nas idades mais jovens.

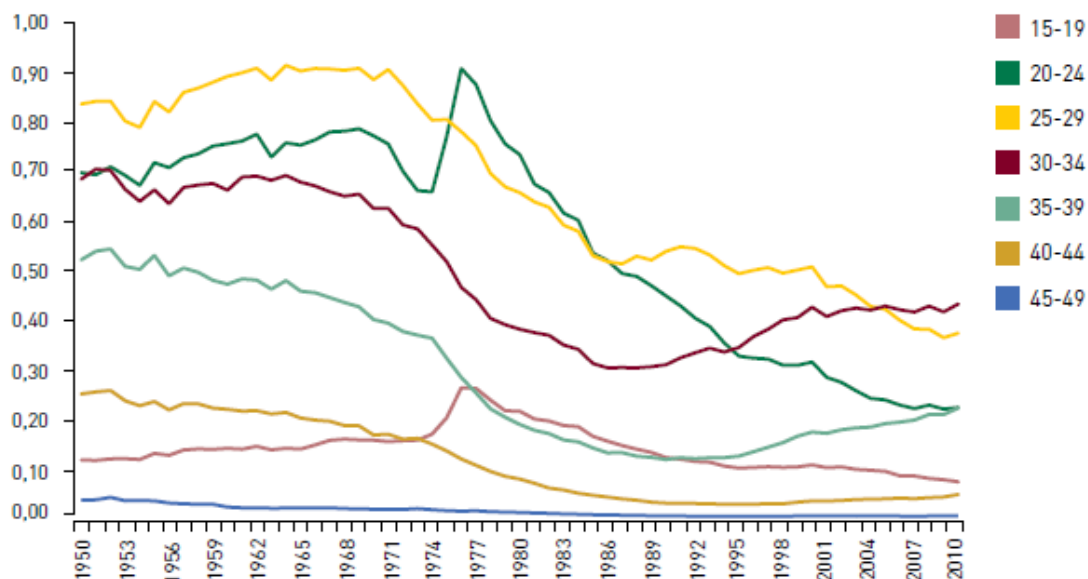


Figura 1 Taxa de fecundidade por idades, em Portugal, entre 1950 e 2010

Fonte: Mendes, Maria Filomena (2012)

O declínio da fecundidade aconteceu na segunda metade do século XX no Ocidente, embora em Portugal esse fenómeno seja mais tardio (a partir do final dos anos 80) e tenha algumas especificidades. A não substituição das gerações caminha ao lado da contraceção e faz parte da Segunda Transição Demográfica a partir dos anos 60, marcada pelo adiamento da maternidade (INE e FFMS, 2014). Noutros países europeus, o início da queda da fecundidade é marcado pelo adiamento da maternidade. O mesmo não acontece em Portugal, já que a maternidade incide por um lado, no filho único (Cunha, 2005) e, por outro, segundo Freijka e Sobotka (2008), corresponde ao padrão mais tardio de fecundidade tendo em conta a redução da maternidade precoce (até aos 25 anos de idade) e mais nascimentos acima dos 30 anos (*in* INE e FFMS, 2014).

O *Inquérito à Fertilidade 2013* (INE e FFMS, 2014) mostra que o número de filhos desejados é superior ao número de filhos nascidos, tal como sugere a pesquisa *Famílias no Portugal Contemporâneo* (Wall, 2005), cujo ideal de família está inscrito nas

descendências de dois ou três filhos e não no filho único. O cenário de filho único traduz-se numa contenção, ou seja, aspira-se idealmente ter dois filhos mas existe uma corrida “contra o tempo” devido à fertilidade e às condições sociais (Cunha, 2016), tais como a estabilidade económica, profissional, conjugal, a disponibilidade e o bem-estar do indivíduo, do casal e da família. São as despesas com filhos que limitam o número de nascimentos⁴ e não tanto a decisão de ter filhos (Wall, 2005).

Almeida (2016) usa a expressão «lado solar» da baixa fecundidade na sociedade portuguesa para explicar que a mesma resulta de um conjunto de melhorias nas condições de vida das mulheres e das crianças. Hoje em dia controlam-se os nascimentos por meio da contraceção e investe-se em cada filho de acordo com as novas tendências em torno do ideal da criança e da infância. O investimento das famílias portuguesas no diploma escolar dos filhos também limita o número de nascimentos, visto que a dependência económica para estudar mexe com os orçamentos familiares. Com o *empowerment* das mulheres, nomeadamente, através da inserção no mercado de trabalho e do aumento da escolaridade, elas fazem uma escolha racional da sua saúde reprodutiva que já não depende de um destino biológico mas de uma escolha, o que vem reforçar a autonomia feminina, aliada ao processo de individualização (Almeida, 2016). A contraceção, inicialmente lançada como medida de controlo de população (Monteiro, 2012), é hoje utilizada no planeamento familiar e permite à mulher e ao homem escolher quando querem ter um filho, o número de filhos e o espaçamento entre filhos (Frizzo, Kahl e Oliveira, 2005; Leal, 2006; Almeida, 2016).

Hoje a criança já não é considerada como outrora um «adulto em miniatura» (Almeida, 2010: 142). Com a passagem da «*família instituição*», centrada em finalidades instrumentais, para a «*família companheirista*» baseada nos afetos e no bem-estar de cada elemento da família (Cunha, 2007: 51), a procriação deixou de estar tendencialmente subordinada a finalidades económicas e passou a ser uma relação de afetos. Quando a família constituía uma unidade económica e de subsistência, e tendia a ser mais numerosa, era frequente as crianças trabalharem (Coleman e Husen, 1985; Almeida, 2010). Na «*família companheirista*» a criança passa a ser projetada a longo prazo, sendo um investimento para que na geração seguinte a família possa ter uma melhor posição social (Coleman e Husen, 1985).

⁴ Os casais mais jovens (até aos 29 anos), mesmo estando os dois a trabalhar, 52.6% não têm filhos e os que têm 78.5% concentram-se no filho único (Cunha e Atalaia, 2014). São as mulheres com o ensino básico, médio e secundário, e ligadas aos serviços (empregadas executantes), as que mais limitam os nascimentos (Wall, 2005).

Entre os séculos XVII e XIX, a família antes centrada na rede alargada de parentes e na comunidade fecha-se ao exterior e os progenitores aproximam-se da criança e dão-lhe mais atenção, resultado da sentimentalização da família que não valoriza apenas o casal e o sentimento amoroso (Cunha, 2005). Como as crianças foram separadas do mundo dos adultos, passaram a representar uma despesa e, também, ao limitar-se os nascimentos, começou-se a investir em cada filho – o ideal de infância protegida (Cunha, 2005; Santos e Dias, 2016). Os filhos têm cada vez mais um papel expressivo (Santos e Dias, 2016) e são um «bem de consumo afetivo» para o casal (Cunha, 2005: 52), em que os pais têm uma relação afetiva, pedagógica e vigilante sobre cada filho, o que conduz à individualização da criança⁵ (Ariès, 1988) e a padrões de parentalidade mais exigentes (Cunha, 2007).

Cunha (2005) com base num estudo extensivo sobre as famílias portuguesas identifica quatro dimensões do lugar da criança, a saber: a instrumental, a estatutária, a afetiva e a expressiva, sendo estas duas últimas que melhor traduzem a modernização da família e do lugar da criança.

Na dimensão instrumental, o filho ajuda nas tarefas domésticas e tem uma vida profissional (*função produtiva*), será uma ajuda em caso de necessidade (*função de solidariedade material*) e uma companhia para toda a vida (*função de solidariedade emocional*);

Na dimensão estatutária o filho ajuda a reconstruir a identidade da mulher (*função identitária*) e proporciona um estatuto que é valorizado, o filho constitui um exercício de poder e de influência (*função de aquisição de autoridade*), pode proporcionar a mobilidade social ascendente (*função de mobilidade social*) e dá continuidade à família (*função de linhagem*);

A dimensão afetiva vê os filhos como uma fonte de alegria (*função afetiva*); como um amor que dura a vida toda (*função afetiva extrema*); a criança dá alegria aos pais e a outros familiares (*função afetiva alargada*); dá sentido à história do casal (*função simbólica de coesão*);

A dimensão expressiva corresponde a cuidar dos filhos como um prazer (*função de papel*), ao papel das crianças como companheiros de brincadeira e de lazeres (*função de sociabilidade lúdica*) e são ainda agentes de socialização porque podem também ensinar os pais (*função socializadora*) (in Cunha, 2005).

⁵ Este conceito diz respeito à necessidade de criar a sua própria identidade, individualidade e de se distinguir dos outros (Ariès, 1988).

1.2 O gênero e a parentalidade

As ambivalências e os dilemas que colocam a mulher na vivência da dupla jornada entre o trabalho, o lar e os filhos, têm sido objeto de investigação nas ciências sociais, em torno da desigualdade de gênero e do lugar social da mulher. Recentemente a participação do homem no universo doméstico e parental tem sido evidenciada sobretudo em estudos realizados em países do norte da Europa e anglo-saxônicos que analisam os comportamentos parentais e as identidades masculinas (Wall, Aboim e Cunha, 2010).

Enquanto conceito, o gênero corresponde às diferenças sociais, culturais e psicológicas fabricadas culturalmente. Este difere do sexo⁶ por não estar pré-determinado e depender do contexto envolvente, é socialmente construído com base em expectativas e papéis sociais de ser homem e ser mulher (Amâncio, 1993, 1994; Schouten, 2011). Normas, crenças, expectativas e papéis sociais associados ao gênero são regulados pelas representações do masculino e feminino (Amâncio, 1994; Santos, 2008).

A perspectiva essencialista do gênero procura a essência do homem como racional e a mulher como sensível e emocional, ou seja, assumem-se capacidades e inclinações inatas para cada um dos sexos, características que mais não são do que estereótipos de gênero que desencadeiam e legitimam desigualdades, preconceitos e discriminações (Santos e Dias, 2019).

As representações sociais e de gênero são um conjunto de crenças e significados estruturados que, por sua vez, constroem a realidade social e são guias para justificar os modos de ser e de se comportar, tendo em conta o comportamento do próprio indivíduo e o dos outros (Amâncio 1992, 1994). Os diferentes papéis sociais, valores e normas de comportamento interiorizam-se por meio da socialização e têm funções normativas e prescritivas tanto na sociedade quanto na vida privada.

A investigação de Lígia Amâncio (1993) mostrou que as mulheres veem-se mais como mulheres e os homens mais como indivíduos. Porque a identidade feminina depende mais dos contextos, como que é refém e dependente dos conteúdos da feminilidade (Santos e Dias, 2019), e o homem percebe a sua identidade enquanto singularidade (Amâncio, 1993). Existe o modelo «masculino-universal», que se confunde com a pessoa adulta com uma diversidade de competências (Aboim, 2010) e o modelo

⁶ O sexo refere-se às diferenças anatómicas e fisiológicas, determinadas biologicamente, que definem o corpo masculino e o corpo feminino (Schouten, 2011; Giddens, 2013).

«feminino-específico» em que a feminilidade se une à família e à maternidade (Amâncio, 1992, 1993). Os papéis de género são normas de comportamento que se exprimem numa divisão de tarefas, competências e estatutos (Amâncio, 1994). Estes têm vindo a ser flexibilizados desde o século XX aos níveis da lei (direito ao voto), das qualificações, da participação das mulheres na vida pública (incluindo o mercado de trabalho) e da independência face ao pai e ao marido.

No entanto, a igualdade entre homens e mulheres ainda não é a desejada, pois continuam a reproduzir-se desigualdades de género, com contradições entre os discursos e as práticas. A ideologia da maternidade ainda está muito presente, uma herança do «amor romântico» que reforçou a «maternidade intensiva» (Badinter, 1998). A maternidade é vista como um talento de género, “potent force in shaping the lives and experiences of women.” (Cowdery and Knudson-Martin, 2005: 336). O «instinto maternal» é a crença de que a mulher tem uma inclinação para cuidar, como *gatekeeper* dos filhos, do marido e de outros familiares ascendentes (Marinho, 2011; Schouten, 2011). Tanto Ariès (1986) como Badinter (1985, 1998) concordam que a maternidade é uma construção social que varia consoante os contextos históricos, económicos, políticos e sociais, pois o valor atribuído à maternidade nem sempre foi o mesmo.

Desde a Idade Média até ao século XVII, o recém-nascido das famílias burguesas era entregue a uma ama, fenómeno que tendeu a generalizar-se mais tarde a todas as camadas da sociedade urbana; ao completarem oito anos de idade, os rapazes iam para os internatos e as raparigas para os conventos, para receber a educação considerada mais adequada ao seu género (Badinter, 1998).

A partir de meados do séc. XVIII surgem discursos em publicações que recomendam que as mães cuidem dos seus filhos e os amamentem elas próprias como forma de reduzir as altas taxas de mortalidade infantil (Badinter, 1998). Assim, a ideologia do amor romântico representou a maternidade como um amor natural e espontâneo, única forma de felicidade feminina e valor natural e social (Badinter, 1985, 1998). É no século XIX que a última responsabilidade de ser mãe é dar uma melhor qualidade de vida aos seus filhos sacrificando-se (Badinter, 1998).

Com o Movimento Feminista na década de 60, as mulheres negam a maternidade como única razão para se sentirem felizes e realizadas, fazendo-a depender de uma escolha, e exigem dos homens a partilha das tarefas parentais e a educação dos filhos (Badinter, 2010). Simone de Beauvoir (2015) contesta o determinismo biológico e diz mesmo que

a mulher independente é aquela que estuda, tira um curso e ingressa no mercado de trabalho e que, devido às dificuldades de conciliação entre vida pessoal e profissional, adia a maternidade.

Embora as mulheres sintam pressão para serem mães por parte da família, dos amigos e da sociedade em geral, algumas não o são por opção porque não veem a maternidade como uma etapa obrigatória nos seus percursos de vida. O estudo de Manteigas (2011) aponta razões que se prendem com a instabilidade económica e profissional, a difícil conciliação entre trabalho e papel de mãe, falta de apoios públicos e instabilidade da relação conjugal. Algumas destas mulheres acreditam que um filho pode atrapalhar a intimidade do casal ou então a maternidade não constitui desde logo um projeto de vida. Há ainda aquelas que acham que ter filhos as faz perder a autonomia e implica sacrifícios que mexem com a sua individualidade. Contudo, este estudo mostra também que muitas destas mulheres estão ligadas à família, umas porque ainda vivem em casa dos pais, outras porque valorizam a relação conjugal e o seu ciclo de amigos e parentes, podendo neste último caso conviver bastante com crianças (Manteigas, 2011 *in* Santos e Dias, 2016).

A ideia da mulher como natural cuidadora e que as mulheres são diferentes por serem mães ainda está muito presente na sociedade portuguesa. Vejam-se os resultados do International Social Survey Programme (ISSP)⁷ realizado em Portugal em 2014 mostram que face à divisão de papéis de género no trabalho pago e não pago, 41.6% dos portugueses é de opinião que a mulher deve ter um emprego fora de casa. Contudo, quando avaliam o impacto do trabalho feminino numa criança pequena (até ir para a escola), os portugueses tendem a achar que a independência económica da mulher não deve sacrificar o bem-estar da criança (Ramos, Atalaia e Cunha, 2016) já que 43% dos inquiridos concordam que a vida familiar é prejudicada quando a mulher trabalha a tempo inteiro (Wall *et al.*, 2016). Assim os portugueses concordam, por um lado, que as mulheres devem ter um emprego em pé de igualdade com os homens mas, por outro, que o devem saber gerir em prol do interesse dos filhos (Aboim, 2010: 63).

O estudo de Cowdery and Knudson-Martin (2005) mostra o modo como a igualdade de género na divisão do trabalho familiar é negociada no casal e como se estabelece o relacionamento parental entre o homem e a mulher. Foram encontrados dois modelos de maternidade: o modelo de *maternidade como um talento de género* associa-se à

⁷ O ISSP é uma rede internacional de estudos longitudinais e comparativos sobre valores e atitudes sociais. O inquérito realizado em Portugal em 2014 teve uma amostra representativa de 1001 indivíduos residentes no Continente com idade igual ou superior a 18 anos (Ramos, Atalaia e Cunha, 2016).

divisão do trabalho mais tradicional, com a crença no laço natural, inato e insubstituível entre a mãe e o filho. Assim, a mãe gere sozinha a vida quotidiana das tarefas domésticas e o cuidado dos filhos e consegue criar relações mais fortes com a criança enquanto o pai tende a afastar-se; o modelo de *maternidade como uma colaboração consciente* já diz respeito a uma divisão do trabalho mais igualitária, onde as tarefas parentais e as responsabilidades são partilhadas e ambos conseguem desenvolver relações próximas com a criança. Neste modelo a mãe não intervém quando o pai aprende sozinho as tarefas parentais e assume o cuidado infantil (Cowdery and Knudson-Martin, 2005).

Os principais resultados da investigação de Wall, Aboim e Cunha (2010) sobre a vida familiar no masculino indicam que a maioria dos homens entrevistados (pais ou padrastos) recusa o papel tradicional de único provedor e figura de autoridade na família. É transversal a opinião de que o homem nunca deve deixar de trabalhar, sendo essa circunstância mais aceitável na mãe. São muitas vezes as mulheres que prescindem da individualidade e da igualdade para serem o suporte da vida familiar. Os homens aderem a uma nova imagem de pai “presente” e “educador”, em oposição ao pai “autoritário”, “distante” e aplicador de castigos (Wall, Aboim e Cunha, 2010). Contudo, esta pesquisa mostra também que um dos principais obstáculos à participação masculina nos cuidados e educação dos filhos diz respeito à persistência da ideologia da maternidade.

1.3 Correntes teóricas da Sociologia da Juventude

1.3.1. Teoria classista

Pierre Bourdieu (1984) inicia a teoria classista da juventude e nega o seu carácter unitário. Este autor considera que a categoria juventude não existe e fala em dois setores que embora sejam biologicamente iguais são socialmente diferentes (a burguesia e as classes populares). Segundo ele na juventude não há geração mas sim reprodução, a reprodução da sua condição de classe, como função de adaptação. Os teóricos que olham para a juventude como um conjunto diferenciado e heterogéneo, com diferentes condições de vida e profissionais, formam a teoria classista (Augusto, 2006). Na linha de Bourdieu (1984), o papel da mudança social é secundário e caso aconteça é feita pela luta de classes.

As críticas à corrente classista centram-se no determinismo económico, em que tudo depende da posição que os jovens ocupam na estrutura social. Esta perspetiva não acompanha a diversidade dos perfis de transição e os critérios de geração e idade não existem, uma vez que se privilegia a classe social. Esta teoria desconsidera os aspetos juvenis trans-classistas e tem dificuldade em explicar aspetos da vivência juvenil resultante de escolhas (Augusto, 2006).

1.3.2. Teoria dos ciclos de vida

Os teóricos que olham a juventude como uma unidade social e privilegiam a homogeneidade de características sociais dos jovens, associam-se à teoria dos ciclos de vida e à teoria geracional (Augusto, 2006).

A teoria dos ciclos de vida vê a juventude como uma categoria sociológica que constitui uma etapa da vida. Centra-se na vida feita de uma sequência de etapas, infância-juventude-velhice, marcadas por características biopsicossociais. A versão behaviorista (psicologia) parte do princípio de que somos uma «tábua rasa» e que vamos «enchendo» ao longo das etapas: a infância surge como construção da personalidade e a adolescência e juventude como adaptação ao mundo adulto. A versão funcionalista (sociologia) baseia-se nas funções de socialização e de transmissão em que os filhos absorvem e reproduzem aquilo que os pais lhes ensinam. Ambas as linhas teóricas defendem que a juventude é uma etapa de adaptação e de absorção, em que a agência não existe. A juventude é encarada como um problema numa fase em que existe irresponsabilidade temporária porque os jovens ainda não têm as funções de adulto nem «assentaram» na vida (Augusto, 2006).

As críticas à corrente dos ciclos de vida baseiam-se na imagem negativa em torno da juventude, considerada uma espécie de hiato temporal uma vez que nem se é criança nem adulto e que não promove mudança (Augusto, 2006).

1.3.3. Teoria geracional

Tal como a teoria dos ciclos de vida, vê a juventude como uma etapa da vida e considera-a uma categoria sociológica. Mas ao contrário da primeira, a perspetiva geracional não olha a juventude como uma etapa de adaptação mas sim de experimentação: fase normativa em que se experimenta o contexto dependendo da idade e do historicismo. Para Mannheim (1982) esta fase de experimentação gera diferentes visões do mundo («*zeitgeist*»), em que os jovens se podem opor às visões das

gerações anteriores, aparecendo o «*generation gap*» (fosso geracional). Quanto mais adverso for o contexto, maior a probabilidade de ocorrer mudança social, ou seja, a juventude pode gerar mudança a partir da agência. É neste contexto que surgem as ideias de experimentação, contexto e «*fresh contacts*» (primeiros contactos), pois os jovens estão numa fase sensível de experimentação e de confrontação com o mundo social. É o confronto entre gerações que promove a mudança social, em torno do conflito entre diferentes perceções do mundo. O que mais muda de geração em geração são os valores sociais que resultam precisamente de visões do mundo socialmente produzidas. Os valores e representações sociais orientam a ação e repercutem-se assim nos nossos comportamentos (Mannheim, 1982).

1.4 Transição para a vida adulta

A transição para a vida adulta é uma sequência de percursos que podem ou não ser lineares. É a fase de alteração do estatuto social e dos papéis sociais, o que implica a autossuficiência económica, a saída do sistema educativo e a saída de casa da família de origem (Ferrão, 2008). É a emancipação da tutela parental e a adoção da identidade sexual que permitem a entrada na vida adulta (Claes, 1985).

As três etapas sequenciais enunciadas por Olivier Galand (1995) (da conclusão dos estudos à saída de casa dos pais; da saída de cada dos pais à formação da conjugalidade; da formação da conjugalidade ao nascimento do primeiro filho) podem ficar adiadas se os estudos e a fase profissional forem prolongados. Quanto mais tarde terminarem os estudos, mais tarde os jovens têm acesso a um emprego, ocupam uma casa própria, vivem em casal e têm filhos. Assim a idade para se chegar a adulto é cada vez mais tardia (Pinto *et al*, 2018), alargando a dependência económica e familiar por mais tempo (Leal, 2006).

Cherlin (1997) conclui que é nos países da Europa do Sul que os jovens tendem a permanecer mais tempo em casa dos pais em comparação com os países nórdicos (*in* Tavares, 2015), sob o regime de «welfare family» (Pais, 2001). Segundo Pais (1998) dá-se a passagem de uma parentalidade centrada na austeridade e restrição moral para uma experiência de relações familiares assentes no afeto e liberdade relativa (*in* Pappámikail, 2004b).

Nos finais dos anos 60, a juventude era vista como «um problema», associado a uma crise de valores. Já na década seguinte transformou-se numa categoria económica devido à passagem de trajetos lineares e previsíveis, da escola para o trabalho

(Guerreiro e Abrantes, 2007), para «trajetórias *yo-yo*», entre emprego-desemprego-formação ou formação-desemprego-emprego (Pais, 2001).

Os jovens no processo de transição para a vida adulta valorizam a independência financeira e a linearidade trabalho-casamento-parentalidade é rejeitada pela maioria. A permanência dos jovens em casa dos pais é acompanhada do lazer e dos consumos imediatos, não tendo em vista a poupança ou a constituição de uma família, em que os pais os deixam usufruir da totalidade dos seus salários (Pappámikail, 2004 a, b) antes que cheguem as responsabilidades, os encargos da vida adulta e o «pacote familiar» (comprar casa, casar e ter filhos) (Kugelberg, 1998). Mesmo vivendo em casa dos pais, os jovens procuram a autonomia nas decisões, escolhas e opções de vida. Eles constroem uma biografia reflexiva e encontram nos pais uma «bolsa de recurso» que lhes permite escolherem, errarem e voltarem atrás (Pappámikail, 2004a).

A forma que os jovens encontram para fugir à precariedade é continuarem os estudos e a viver em casa dos pais, a fim de suportar situações de instabilidade laboral. Classificam este processo de transição assincrónica (Galland, 1995; Guerreiro e Abrantes, 2007).

Vários autores (Guerreiro e Abrantes, 2007; Ferrão, 2008) são unânimes em considerar que a classe e o género fazem variar os percursos dos jovens, enquanto que uns frequentam a escola durante mais tempo e ficam dependentes da família, outros entram mais rapidamente no mercado de trabalho, na conjugalidade/coabitação e na parentalidade. Em Portugal, o casamento é um projeto de vida que pertence à vida adulta mas predomina o início da prática sexual antes do matrimónio (Leal, 2006).

O que é socialmente esperado das raparigas é que constituam vida familiar, considerada “uma prioridade” (Guerreiro e Abrantes, 2007: 119), sobretudo nos meios mais desfavorecidos. Este facto contribui para a manutenção e reprodução das desigualdades sociais e de género. Como as raparigas tendem a casar e a ter filhos antes de uma integração estável no mercado de trabalho e os rapazes a ter maiores preocupações com o trabalho, acaba-se por legitimar a gentrificação dos papéis no seio do casal (Guerreiro e Abrantes, 2007).

1.5 A sexualidade nos adolescentes e jovens

Segundo a OMS, a adolescência é a fase da vida entre os 10 e os 19 anos de idade, que se divide em etapa precoce (10-14 anos) e em etapa tardia (15-19). Assim, a adolescência coloca o indivíduo entre a infância (marcada pela dependência) e a idade adulta (marcada pela independência) (Lemos e Leandro, 2004; Leal, 2006).

A adolescência implica mudança e desenvolvimento ao nível biológico, social e psicológico. Com a puberdade⁸ o corpo sofre alterações, os pensamentos mudam e a vida social procura a emancipação da tutela parental. A mudança corporal permite reconstruir a imagem sexuada, assumir a identidade de género e alcançar a sexualidade por meio de um parceiro sexual (Tavares, 2015). A sexualidade é definida como o conjunto de atitudes e comportamentos sexuais em determinado espaço (Pité, 1997), que depende da cultura normativa de um grupo ou sociedade. É uma forma de expressar o nosso amor, reforça a relação amorosa e é responsável pelos desejos intensos e pelo prazer que acompanham os pensamentos e as ações (Araújo, 2007).

Os adolescentes pretendem a autonomia e a independência⁹ em relação à sua família, ter relações afetivas de maior intimidade, explorar uma carreira profissional e formar a identidade¹⁰. Autores como Schultz e Schultz (2003) concordam que é durante a adolescência que os jovens formam a imagem de si mesmos, partindo do que eles próprios pensam e do que os outros pensam (*in* Carvalho, 2012). Também Lígia Amâncio (1992, 1994) tal como Singly (2000) sublinham a origem individual e coletiva da construção da identidade.

Para Erikson (1972) a sexualidade é uma experiência importante na fase da adolescência, devido à «polarização sexual» em que se confirma a orientação sexual. O mesmo autor explica que pode existir uma «crise de identidade», em que o adolescente está num estado de procura permanente, inquietação e de alienação, não sabendo o que é, o que será e qual é o seu lugar.

Ao nível da socialização do adolescente, existe uma substituição do agente de socialização família pelo grupo de pares da mesma idade (Mendes *et al.*, 2011), também como forma de se libertar da tutela parental¹¹ (Claes, 1985). No trabalho de investigação

⁸ A puberdade é a maturidade reprodutiva e sexual (Tavares, 2015).

⁹ Enquanto a autonomia é a possibilidade do indivíduo ditar as suas próprias regras, a independência é a existência de recursos financeiros para o indivíduo se tornar autossuficiente (Gerardo, 2004a).

¹⁰ A identidade constrói-se na relação com os outros e na perceção de si próprio em diferentes contextos (Amâncio, 1993; Singly, 2000).

¹¹ No inquérito conduzido por Bianca e Zazzo (1996), a independência em relação à família prende-se mais com a autonomia e não tanto com a quebra afetiva ou ideológica (*in* Claes, 1985).

de Fleming (1993) sobre a autonomia adolescente encontrou-se um sentimento precoce de autonomia porque é provável que o adolescente procure a individualidade e a diferença, em que as saídas de casa por curtos períodos de tempo (sem o controle parental) permitem que se envolva com o grupo de pares numa «*self*-representação de independência» (Fleming, 1993: 193). De acordo com Dias e Fontaine (2001) no final da adolescência o jovem deve estar “emancipado” da tutela parental, ter capacidade de decisão, estabelecer relações amorosas e ter objetivos de vida aliados à autonomia.

De acordo com Connolly *et al.* (1999) à medida que a maturidade reprodutiva e sexual avança, desperta o ritual do namoro e o início da atividade sexual nos adolescentes. Namorar traduz o desejo de assumir uma nova relação com o outro, fora do espaço familiar (Fleming, 1993). Sobre as relações de namoro, as raparigas idealizam a primeira relação com alguém especial num contexto de enamoramento, onde predomina a justificação sentimental. No caso dos rapazes, podem simular um falso enamoramento como forma de seduzir e investem menos nos campos afetivo e emocional (Pais, 2012).

Educar os jovens para a sexualidade é uma forma de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis e as gravidezes indesejadas e não planeadas. A comunicação sobre esta temática pode ser difícil em casos em que os pais têm valores tradicionais. No estudo de caso com lugar no Centro de Saúde de Braga II elaborado por Lemos e Leandro (2004), verificou-se que por falta de abertura dos pais face à temática da sexualidade, potenciam-se gravidezes precoces e quanto mais novas forem as adolescentes menos informação têm sobre a sexualidade. Como na sociedade contemporânea os pais trabalham maioritariamente fora de casa e é onde passam a maior parte do seu dia, as crianças e adolescentes passam cada vez mais tempo em instituições como a escola (Coleman e Husen, 1985), lugar onde promovem as relações sociais e experimentam as primeiras vivências sexuais (Lemos e Leandro, 2004).

A sexualidade é influenciada pelos grupos de pares e pelos *mass media*, onde se procuram soluções imediatas e urgentes (Lemos e Leandro, 2004). A informação procurada nos *media* é resultado de uma democratização do acesso à cultura, pois existe uma difusão em massa da atividade sexual através dos meios de comunicação (Almeida, Oliveira e Jaleco, 2011). O grupo de pares funciona como fonte de novas experiências, muitas vezes associadas a comportamentos de risco (Borges, 2007), como fumar, ter um estilo de vida sedentário, ter comportamentos aditivos ou relações sexuais desprotegidas (Gardner e Steinberg, 2005).

As vivências sexuais acontecem cada vez mais cedo nos adolescentes e se a primeira experiência sexual ainda não tiver acontecido, são vistos como uma exceção (Lemos e Leandro, 2004) quando tanto os rapazes como as raparigas querem ser aceites pelos amigos (Tavares, 2015). Naturalizou-se a sexualidade juvenil: 23% da população de jovens inquiridos tinha iniciado a sua vida sexual antes dos 16 anos de idade e 70% teve a primeira relação sexual até aos 18 anos (Vasconcelos, 1998). A tolerância face às relações sexuais dos jovens fora do casamento é hoje bastante transversal na sociedade portuguesa, em contraste com a expectativa que as mulheres fossem virgens para o casamento em gerações anteriores. Vários estudos mostram que o relacionamento sexual antes da entrada na conjugalidade e nos primeiros tempos de envolvimento amoroso tornou-se num fenómeno bastante generalizado na sociedade portuguesa, independentemente da idade, género, pertença social e crenças religiosas (Marques, 2007 *in* Santos, 2012; Vasconcelos, 1998). Estamos perante uma mudança social e de valores conotada com a modernidade, onde o casamento como ato fundador do casal e única forma considerada legítima para viver o relacionamento sexual deixou de ser a norma (Santos, 2008, 2012).

Autores como Pantoja, Bucher e Queiroz (2007) consideram que uma maior informação acerca dos métodos contraceptivos não implica maior adesão a estes por parte dos jovens. O uso de métodos contraceptivos parte de pessoas que se dizem sexualmente ativas (Frizzo, Kahl e Oliveira, 2005), algo, muitas vezes, não assumido pelos jovens, como explicam Machado e Paula (1996 *in* Leal, 2006), porque na maioria dos casos têm relações esporádicas que dão a falsa sensação de segurança.

1.6 Gravidez na adolescência e juventude

A gravidez é possível biologicamente nos jovens mas é socialmente indesejável (Justo, 2000). Os discursos sociais dominantes sobre a maternidade precoce assentam num «problema» e «ameaça social» partindo dos contextos em que ocorre, maioritariamente envolvidos em dificuldades financeiras, abandono escolar, precariedade laboral, estigmatização social (McDermott e Graham, 2005), desemprego, falta de esperança no futuro (Frizzo, Kahl e Oliveira, 2005) e isolamento familiar e social (Gerardo, 2004b). Existem fatores de risco para a gravidez na adolescência, tais como o abandono escolar ou a baixa escolaridade, a precipitação do casamento, a dependência de terceiros, nomeadamente dos pais, a falta ou o atraso de conhecimento sobre a sexualidade, e a precariedade laboral (Mendes *et al.*, 2011). Os «handicaps» sociais ligados às famílias de meios desfavorecidos, como os baixos recursos económicos, o

insucesso escolar, o abandono escolar precoce e o desemprego, poderão desencadear, em especial nas mães adolescentes, processos de exclusão social (Gerardo, 2004b).

Como a maior parte das mães jovens têm baixas qualificações sujeitam-se a empregos com irregularidade de horários e com uma criança a cargo a integração no mercado de trabalho torna-se ainda mais difícil. A situação das mães «sós» surge associada a dificuldades acrescidas na guarda da criança e por esse motivo podem ter que faltar mais vezes ao trabalho e verem-se excluídas de determinados empregos, já que os empregadores preferem geralmente jovens sem filhos (Gerardo, 2004b).

No estudo de Leal (2006) encontraram-se grávidas adolescentes em todos os estratos sociais e em condições socioeconómicas desfavorecidas no estudo de Lemos e Leandro (2004). No entanto, ambos os estudos observam maior incidência em meios sociais desfavorecidos, aqueles onde as famílias são muito numerosas, com baixo nível de escolaridade, desemprego ou formação profissional inexistente.

Para Menezes (1996) a gravidez na adolescência pode corresponder a uma necessidade inconsciente da mãe. Neste caso o bebé significa o seu renascimento ou irá preencher uma carência afetiva (*in* Frizzo, Kahl e Oliveira, 2005). No trabalho de Jongenelen (2004) é visível a conversão do parceiro em figura ausente ou então representa uma escolha para a vida, antecipando-se o casamento. Letourneau, Stewart e Barnfather (2004) observam que as fontes de apoio mais referidas pelas mães adolescentes são a família, seguidas do companheiro, dos amigos e, por último, surgem os profissionais de saúde como psicólogos, médicos e enfermeiros.

Quando as jovens mães continuam em casa dos pais, a adolescência fica mais realçada (ser jovem e ser mãe) e a dependência financeira constitui um entrave sério à autonomia (Gerardo, 2004a). Ward e Carlson (1995) sublinham também que a adolescente para além de ser recetora de cuidados tem de prestar cuidados ao filho (*in* Mendes *et al.*, 2011).

A separação física e residencial dos pais permite uma maior independência dos jovens em relação a eles, assim como uma autonomia educacional em relação ao seu filho, porque há casos em que a avó pode exercer a parentalidade sobre o neto (Gerardo, 2004a).

Na pesquisa de Filomena Gerardo (2004a) realizada em Portugal e em França a situação familiar das mães adolescentes e jovens é, deste ponto de vista, diversificada. Pode ser viver em casa da família, viver com o pai da criança, viver sozinha com a

criança ou em instituições de acolhimento. Esta última opção é mais frequente no contexto francês e as instituições ensinam estratégias para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais para o cuidar (Monteiro, 2012), assim como incentivam as jovens a retomar os estudos¹² ou a frequentar cursos profissionais, promovendo também o contacto com o grupo de pares. A institucionalização das jovens mães permite criar laços sociais para a reinserção social e profissional, assim como proporciona uma estabilidade residencial que favorece a procura de emprego (Gerardo, 2004a).

No contexto português, vários estudos indicam que a maternidade precoce ao mesmo tempo que pode reduzir as oportunidades e sociabilidades, também permite uma valorização das identidades e relacionamentos, mexendo com os projetos de vida (Vilar e Gaspar, 1999). Em contextos populares mais desfavorecidos, muitos jovens veem o casamento e a maternidade como uma forma de se emanciparem (Guerreiro e Abrantes, 2007).

O *Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo* mostra que as mulheres inquiridas (25-49 anos) consideram o início da vida conjugal e o nascimento do primeiro filho como os dois momentos mais marcantes das suas vidas. Estes dois acontecimentos contribuem para a construção da identidade social das mulheres, da maneira como elas se veem e se posicionam nos contextos familiar e social (Lalanda, 2005).

O casamento ou a coabitação conjugal adquire um duplo sentido: independência da família de origem mas também perda de independência pessoal, nas saídas e contactos com amigos, dando lugar ao nós-conjugal. Nesta fase, umas perderam a vontade de estudar (18.6%) enquanto outras valorizam a atividade profissional (24.4%) (Lalanda, 2005).

As mulheres mais escolarizadas e ativas consideram as áreas da vida familiar, profissional e a rede de amigos como prioridades mas desvalorizam as tarefas domésticas e deixam frequentemente as crianças entregues a amas ou a creches. As mães pouco escolarizadas tendem a valorizar o espaço doméstico, são normalmente domésticas e mães a tempo inteiro, pelo menos no primeiro ano de vida da criança, e centram-se na família e no papel maternal como fontes de gratificação e de construção da identidade pessoal (Lalanda, 2005). Vanessa Cunha (2005) observa igualmente que

¹² Muitas jovens pela sua condição de mãe veem-se forçadas a abandonar a escola (Almeida, Oliveira e Jaleco, 2011), especialmente quando continuam em casa dos pais ou casam/coabitam (Gerardo, 2004a).

nos jovens de meios mais desfavorecidos e/ou em certas etnias a maternidade é considerada o destino da mulher.

No estudo com universitárias portuguesas de Coimbra e de Lisboa levado a cabo nos anos 90 (Vilar *et al.*, 2004), a importância de ser mãe é mencionada pela maioria das entrevistadas, a tal ponto a maternidade pertence ao universo feminino mesmo que ainda só namorem ou estudem. Existe um número minoritário que recusa a maternidade como um destino esperado da mulher. A decisão de ter filhos depende de certas condições de vida, relativas à mulher, ao casal, à profissão e à família. Para as jovens universitárias que ainda não foram mães, a maternidade resulta de uma escolha e permite a realização individual, a aquisição de poder e a criação de um vínculo com a criança. As mulheres que já foram mães encaram a maternidade como um processo de maturidade e, em meios sociais mais desfavorecidos, a maternidade é vista como um ganho estatutário (Vilar *et al.*, 2004). Para a maioria das mulheres entrevistadas, especialmente as mais jovens, o casamento não precisa de vir em primeiro lugar. As jovens escolarizadas, estudantes ou ativas, são de opinião que a maternidade em casal é o ideal, especialmente para a criança não se sentir estigmatizada pela ausência da figura paterna, mas defendem, também, que uma mulher pode ter um filho sozinha sem existir conjugalidade (Vilar *et al.*, 2004).

II – Metodologia

2.1 Perspetivas e modelo de análise

A problemática inicial propõe as seguintes perguntas de partida:

- Ser mãe e pai na adolescência e numa idade jovem afeta os projetos de vida?
- Qual o impacto da entrada e da vivência da parentalidade nos percursos biográficos dos jovens na sua relação com os processos de transição para a vida adulta?
- Quais as principais razões e contextos da parentalidade adolescente e jovem?

Tendo como referência as questões iniciais, definiram-se os seguintes objetivos: perceber se os projetos de vida podem ser alterados com a gravidez e a entrada na parentalidade; analisar a transição para a parentalidade e as suas experiências do ponto de vista dos jovens; compreender em que contextos ocorreu a gravidez.

As questões de pesquisa apontam para o surgimento de uma gravidez precoce e/ou inesperada que pode colocar entraves às expectativas e projetos de vida dos adolescentes e jovens (Monteiro, 2012), em que muitos deles se veem obrigados a abandonar a escola (Almeida, Oliveira e Jaleco, 2011) e a entrar mais cedo no mercado de trabalho. O que está em causa não é só a idade mas o contexto (Frizzo, Kahl e Oliveira, 2005), já que a parentalidade marca a transição para a vida adulta (Galland, 1995; Ferreira e Aboim, 2002) mas esses processos de transição são atravessados por desigualdades sociais e de género (Pais, 2001; Gerardo, 2004ab; Lemos e Leandro, 2004; Guerreiro e Abrantes, 2007; Machado e Silva, 2009; Mendes *et al.*, 2011). A própria situação de (in)dependência resulta da situação na profissão tanto do jovem como do cônjuge, e se vive ou não com a família de origem (Figueiredo *et al.*, 2004).

Como a parentalidade cria grandes mudanças no sistema familiar e traz consigo rotinas quotidianas, responsabilidades, expectativas, preocupações, cuidados e restrições à liberdade pessoal (Coelho, 2017) é importante a análise desta etapa no processo de transição para a vida adulta. A fim de compreender o significado e as experiências subjetivas da parentalidade adolescente e jovem construímos um modelo de análise (figura 2) que contém três eixos explicativos principais: o contexto social de classe, o percurso biográfico e o género. Partimos do pressuposto que os percursos de vida dos jovens não existem no vazio social mas que estão eles próprios ancorados em contextos

sociais e de género. Dentro dos segmentos das classes populares, existem diferenças de género (Almeida, André e Cunha, 2005) em que são geralmente as raparigas que têm mais sucesso na escola, concluem a escolaridade obrigatória e, muitas vezes, seguem estudos longos.

A figura 2 destaca ainda as principais dimensões de análise que pretendemos explorar. Em primeiro lugar, as trajetórias escolares e profissionais dos jovens (antes e após a entrada na parentalidade) e as suas expectativas e projetos de vida. No sentido de conhecer e avaliar o impacto da transição e da vivência da parentalidade nos percursos dos jovens, incluímos também na análise aspetos como a situação conjugal e familiar, anterior e pós gravidez, assim como a reação e suporte (emocional, material, ajuda nos cuidados à criança) por parte de familiares, cônjuges e amigos das mães e pais jovens.

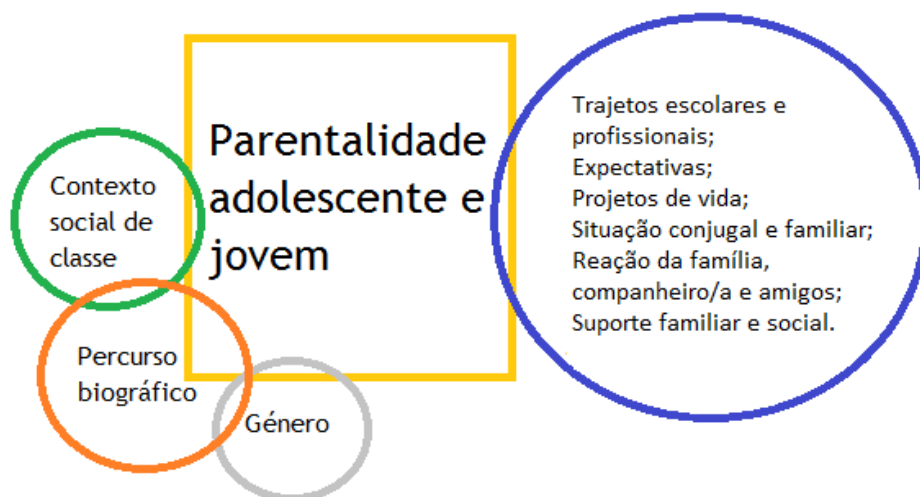


Figura 2 Representação do modelo de análise sob a forma de esquema

Como mostram vários estudos (Wall, 2005; Santos, 2008; Wall, Aboim e Cunha, 2010) o género e a classe social são fatores que estruturam valores, atitudes e comportamentos face à família e à parentalidade. É também em contextos mais desfavorecidos que os jovens têm filhos mais cedo, principalmente no que toca às raparigas (Gerardo, 2004ab; Guerreiro e Abrantes, 2007; Monteiro, 2012).

O percurso biográfico enquanto conceito está muito ligado à perspetiva do curso de vida (*life course*). Esta abordagem tem como objetivo compreender o modo como a ocorrência de certos eventos na vida dos indivíduos influenciam a direção da trajetória de vida (Dannefer, 2002 *in* Nico, Cunha e Casimiro, 2016). Para Elder, Johnson e Crosnoe (2002) os indivíduos constroem as suas biografias, os seus percursos de vida a

partir das escolhas e ações feitas entre as oportunidades e constrangimentos das circunstâncias históricas e sociais onde se inserem.

No nosso estudo, o percurso biográfico abrange as dimensões da origem e situação familiar, a vivência da infância e da adolescência, os grupos de pares, as trajetórias escolares e profissionais e os chamados eventos críticos que, de acordo com Machado e Silva (2009), são acontecimentos significativos do ponto de vista subjetivo, podendo estes estar ligados a ruturas biográficas. A origem social não explica por si só as trajetórias de vida já que outros fatores, como perdas familiares e as relações com a família, escola, grupos de pares e mercado de trabalho têm grande impacto nas vidas dos jovens (Machado e Silva, 2009). Mas nem todas as transições produzem crises biográficas. Tudo depende do acontecimento, da existência de dispositivos de apoio e da reflexividade¹³ do próprio sujeito (Caetano, 2018).

Machado e Silva (2009) mostram a importância do percurso biográfico de jovens, entre os 16 e 30 anos de idade, numa população globalmente desfavorecida em termos sociais, escolares e profissionais, residentes num bairro social de Lisboa, existindo uma diversidade de percursos de transição para a vida adulta. As trajetórias de tendência («caminhos de vulnerabilidade social») e de contratendência («caminhos de mobilidade ascendente»)¹⁴ podem ser explicadas à luz do plano familiar, no interior da própria escola, nas políticas públicas e nos grupos de pares. Os indivíduos são percebidos como sujeitos ativos e com capacidade de agência, sem descurar as estruturas sociais que podem forçar o curso de vida (Maciel, 2014). Como no presente estudo se pretende dar conta dos valores, ideias, representações e vivências dos indivíduos, num determinado tempo e contexto, adotar-se-á a corrente geracional da Sociologia da Juventude, pois os jovens podem gerar mudança a partir da agência (Mannheim, 1982) sem descurar os aspetos estruturais privilegiados pela teoria classista (Bourdieu, 1984).

A investigação *Famílias em Portugal* (Wall, 2005), que integra a perspetiva do *life course*, salienta que certos acontecimentos (como uma doença ou morte) e momentos de transição (como o casamento ou a parentalidade) têm impacto nas relações dos membros da família e na reformulação de papéis e identidades de género (Wall, 2005).

¹³ Giddens explica que certos acontecimentos levam os indivíduos a tomar decisões e que a reflexividade trata de submeter esses acontecimentos a novos conhecimentos e informações, onde é preciso uma nova organização da vida (in Javeau, 2006).

¹⁴ Enquanto “uns saem da escola no 9º ano, ou até antes, carregados de reprovações, são pais e mães muito cedo, entram no mercado de trabalho muito novos e vão alternando empregos precários e desemprego [, outros] prosseguem a escolaridade até ao fim do secundário, ou mesmo até à universidade, conseguem maior estabilidade e integração profissional e só têm filhos mais tarde.” (Machado e Silva, 2009: contracapa).

As experiências dos indivíduos influenciam a rede de relações interpessoais, quer na família, quer no grupo de pares ou no emprego. Ou seja, o percurso de vida individual liga-se com o percurso de vida de outros indivíduos. Um dado evento crítico pode implicar arranjos na vida do indivíduo e na vida das pessoas que o rodeiam (Elder, Johnson e Crosnoe, 2002), como é o caso de um divórcio ou separação onde os filhos podem experimentar, por exemplo, a guarda partilhada.

Os projetos de vida podem ver-se alterados depois da notícia da gravidez: os jovens podem deixar de estudar, ingressar mais cedo no mercado de trabalho (Gerardo, 2004b; Almeida, Oliveira e Jaleco, 2011) ou ainda antecipar a entrada na conjugalidade com o pai da criança (Jongenelen, 2004).

2.2 Hipóteses de trabalho

Hipótese 1: A entrada na parentalidade proporciona um ganho estatutário devido à valorização do papel maternal como trampolim para a vida adulta, sobretudo em meios desfavorecidos.

A literatura mostra que as raparigas, e as mulheres de uma maneira geral, com baixos capitais escolares e profissionais estão mais dependentes dos aspetos simbólicos associados à feminilidade, em especial da maternidade (Cunha, 2005; Lalanda, 2005; Guerreiro e Abrantes, 2007). Ter filhos cedo, antes ou após a entrada na conjugalidade, ou ser mãe a sós, é muitas vezes encarado como uma forma de emancipação que contribui para uma reformulação identitária de sentido positivo. O significado atribuído à maternidade jovem enquanto ganho íntimo e estatutário, principalmente em meios desfavorecidos das classes populares, surgiu em diversas pesquisas (Vilar e Gaspar, 1999; Guerreiro e Abrantes, 2007). A pesquisa de Filomena Gerardo (2004a) centra-se na mais-valia que o papel das mães traz para as jovens adolescentes, nomeadamente, na questão da identidade estatutária. O ganho estatutário está aliado ao papel social que cada indivíduo tem na sociedade (Singly, 2000). Singly (2000) refere este conceito na construção da identidade que abarca as dimensões estatutária e íntima. A identidade estatutária reflete a posição social, os papéis e as pertenças sociais, ou seja, como os indivíduos são reconhecidos pelos outros (Gerardo, 2004a); a dimensão íntima da identidade é a perceção que o indivíduo tem de si próprio (Singly, 2000), centrada no *self* (Gerardo, 2004a). Assim, a gravidez a maternidade numa idade jovem possibilita a entrada mais cedo na vida adulta (Galland, 1995; Gerardo, 2004a).

Hipótese 2: As redes sociais de apoio às mães e pais jovens baseiam-se fundamentalmente em apoios familiares informais.

O suporte social facilita a capacidade individual para lidar com a transição para a parentalidade e verifica-se mais no apoio facultado pelas redes de apoio formal como os profissionais de saúde e pelas redes de apoio informal como os familiares, amigos, colegas, vizinhos e grupos sociais (Schlossberg, Waters e Goodman, 1995; Letourneau, Stewart e Barnfather, 2004). Em Portugal, a família apoia os indivíduos com ajudas materiais e financeiras e presta serviços de cuidado e guarda às crianças, especialmente na ausência de políticas sociais e familiares fortes (Portugal, 2000). Assim, a família funciona para alguns autores (Santos, 1999) como sociedade providência em substituição do Estado Providência. O inquérito às *Famílias no Portugal Contemporâneo* (Vasconcelos, 2005) mostra que os recursos mobilizados pelas famílias variam em função dos contextos sociais de classe.

2.3 Métodos e técnicas de recolha de informação

Este projeto trabalha com recurso à metodologia qualitativa, uma vez que pretende analisar as experiências subjetivas do ator social, representações e significados atribuídos ao mundo que o rodeia, através de uma análise de discursos e narrativas (Santos, 2014). Iremos usar entrevistas biográficas para obter material narrativo e autobiográfico: narrativo porque o sujeito “conta como foi”; autobiográfico porque fala na primeira pessoa e pertence à história (Chanfrault-Duche, 1988). Através das entrevistas pretendemos explorar algumas questões no decorrer do percurso biográfico desde a notícia da gravidez à vivência da parentalidade, tendo em conta as reações das pessoas mais próximas dos adolescentes e jovens, o apoio e a situação familiar depois da gravidez. A Sociologia Compreensiva de Weber pretende compreender e explicar o sentido e os significados da ação social. Nesta linha os atores sociais não são agentes passivos das estruturas, mas produtores ativos da ação social (Kaufmann, 1996 *in* Santos, 2014). É preciso um processo de empatia em que o cientista social se coloca do ponto de vista dos observados: é um mediador para o próprio indivíduo se ver a si próprio, analisa a realidade do ponto de vista subjetivo e os significados que o mesmo atribui ao seu comportamento e ao comportamento dos outros (Duarte, 2004).

As entrevistas são semiestruturadas (ver guiões anexos III & IV) porque, por um lado, existe um esquema de entrevista, considerando a pergunta de partida, objetivos e hipóteses definidas e, por outro, dão liberdade para os entrevistados contarem a sua história (Lakatos e Marconi, 2003). O entrevistador pode propor algumas questões previamente definidas e outras mais flexíveis que surjam no decorrer da entrevista, consoante o contexto das respostas dadas pelos participantes.

Foi empregue uma abordagem não-probabilística de «bola de neve». Este formato usa-se mais com populações a que temos difícil acesso e difícil informação, em que indivíduos com determinadas características nos levam a outros com as mesmas características (Lakatos e Marconi, 2003). Mendes (2016) ao analisar a fecundidade das mulheres portuguesas considera dois grupos etários de jovens designadamente entre os 15 e 19 anos de idade e entre os 20 e os 24 anos. Assim sendo o presente estudo adotará como proposta para operacionalizar o conceito de parentalidade adolescente e jovem os grupos etários referidos, respetivamente os 15-19 anos e os 20-24 anos de idade. Como se trata de reconstruir a transição biográfica para a parentalidade, excluímos à partida adolescentes e jovens que ao saberem da gravidez decidiram pela interrupção voluntária da mesma ou pela adoção.

No recrutamento dos jovens entrevistados recorremos às redes da investigadora, nomeadamente, antigos professores do Ensino Secundário numa escola do concelho da Covilhã e, também, a colegas de trabalho, operadores de caixa num hipermercado da Covilhã. Por sua vez, os entrevistados indicaram outros jovens dentro da sua rede de amigos¹⁵. Entrevistámos onze jovens que, à data das entrevistas, tinham idades compreendidas entre os 21 e os 26 anos e que foram pais na adolescência ou numa idade jovem e que, pelo menos um dos progenitores tivesse sido mãe/pai entre os 15 e os 24 anos.

As entrevistas foram realizadas individualmente, mesmo na situação do casal Fátima e João¹⁶, entre os dias 6 de fevereiro e 3 de março, sempre de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Todos os participantes foram lembrados da garantia de anonimato e de confidencialidade, tendo em conta que a gravação em áudio só foi usada para a transcrição integral e posterior análise. As entrevistas tiveram a duração média total de aproximadamente 45 minutos e foram realizadas nas áreas geográficas da Covilhã e Fundão.

O guião da entrevista é constituído por onze unidades de análise formuladas a partir do modelo representado na figura 2 e das hipóteses previamente definidas. Primeiramente faz-se uma caracterização sociodemográfica. Obtêm-se dados sobre a inserção do(/a) entrevistado(/a) nas estruturas de emprego e de estratificação social (pelos indicadores de escolaridade, profissão, situação na profissão e condição perante o trabalho) e tipo

¹⁵ Sónia foi indicada por um professor e ela, por sua vez, indicou-nos Débora. Carlota e o casal João e Fátima também foram contactados através de antigos professores. Andreia, Olívia, Bianca, Isabel e Miguel foram através de colegas da investigadora. Núria chegou até nós por ser amiga de Isabel.

¹⁶ Este foi o único caso em que os dois elementos do casal foram entrevistados, embora em separado para evitar influência recíproca nas respostas.

de vínculo laboral (regime de trabalho, horário e tipo de horário), assim como o rendimento líquido do agregado. Ainda se pretende conhecer informação sobre o agregado familiar.

A partir do tema «a infância, juventude e vida familiar» pretende saber-se o percurso biográfico dos participantes, começando pelas dimensões da situação e ambiente familiar na infância e juventude. A temática «sexualidade na adolescência» tem como objetivo analisar a (in)existência de informação sobre a sexualidade na vida do(/a) adolescente e jovem e perceber se houve adesão a métodos contraceptivos. O bloco temático da «gravidez e as suas reações» recai sobre o contexto da gravidez, se partiu de uma experiência ocasional ou de uma relação, e quais as reações das pessoas mais próximas ao saberem da notícia e se se ponderou a interrupção voluntária da gravidez. «O desejo de ser mãe ou pai e família ideal» mostra para algumas questões em torno da hipótese sobre o ganho estatutário. O tema sobre a «situação familiar atual e o suporte social» aponta o caminho feito a partir da reação das pessoas mais próximas e revela as principais dificuldades e desafios, ajudando a analisar a segunda hipótese. Deseja-se obter informação sobre quem e como se ajudam estes adolescentes e jovens, desde o conhecimento da gravidez até à experiência da parentalidade. Também pretendemos conhecer o envolvimento do pai da criança desde a gravidez até agora. A seguir debruçamo-nos sobre «o impacto da transição para a parentalidade nas relações» do(/a) adolescente e jovem com os familiares, amigos e com o pai/a mãe da criança. O tópico dos «trajetos escolares e profissionais», antes e depois da entrada na parentalidade, que é mencionado no modelo de análise retoma o percurso biográfico. Trata-se de obter informação sobre as trajetórias escolares e profissionais, e se houve algum acontecimento ou «evento crítico» (Machado e Silva, 2009). A temática sobre a «adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida» debruça-se sobre as alterações que ocorreram na vida dos adolescentes e jovens, ao nível da vida social, escolar, familiar e profissional. Aqui propõem-se questões que mostram o dia-a-dia dos participantes e que exploram a identidade estatutária e íntima, ou seja, como os indivíduos são vistos pelos outros e como se veem a si próprios (Singly, 2000; Gerardo, 2004). As dimensões abordadas são o tipo de laço entre pais e criança e as práticas parentais. Também surgem perguntas sobre representações sociais do género e da família. Dimensões como a divisão familiar do trabalho não pago e a dedicação ao trabalho e à família são questionadas. Ainda se faz alusão aos projetos de vida que os participantes têm. Para finalizar valida-se a entrevista ao recolher informação não solicitada anteriormente e avalia-se o guião a partir da ótica do(/a) entrevistado(/a), agradecendo a sua colaboração no estudo.

III - Análise e interpretação das entrevistas

No âmbito do presente estudo foram entrevistadas onze pessoas, nove do sexo feminino e duas do sexo masculino que tiveram pelo menos um filho na adolescência e juventude. Procedemos à apresentação e análise dos casos um a um (análise vertical), acompanhados de retratos sociológicos. A metodologia dos retratos sociológicos foi proposta por Bernard Lahire (2004). Num primeiro momento faremos uma caracterização sociográfica dos entrevistados e depois uma análise caso a caso consoante os eixos temáticos e o modelo de análise previamente definido, tendo-se optado por incluir também excertos significativos do seu discurso.

Os nomes atribuídos tratam-se de nomes fictícios, inventados pela investigadora, de modo a garantir o critério de anonimato e para que o leitor consiga identificar a quem correspondem as citações.

Descrição dos participantes do estudo

A idade atual dos participantes no estudo varia entre os 21 e os 26 anos de idade. Foram mães/pais na adolescência com 16, 17 e 19 anos e na juventude com 22, 23 e 24 anos. Uma das entrevistadas foi mãe duas vezes, a primeira vez com 16 anos, sendo a única que se encontra casada (Núria). Em relação ao pai da criança, as idades estão compreendidas entre os 21 e os 33 anos, mostrando que na maioria são mais velhos em relação às progenitoras, alguns casos com grande diferença de idades (Carlota e Andreia, diferença de 7 anos). Apenas a primeira entrevistada, Sónia, não tem grande conhecimento acerca do progenitor, escolaridade, profissão e a idade ao certo, porque a gravidez foi fruto de uma relação ocasional, ao contrário de todos os outros testemunhos que relataram uma relação de namoro. Dois dos casos, o pai da criança (de Carlota) e o companheiro (de Andreia) já têm filhos de relações anteriores.

Apenas três entrevistados são oriundos de famílias com condição socioeconómica mais favorecida (Fátima, Débora e Miguel), enquanto os restantes vêm de meios mais desfavorecidos. As mães e os pais entrevistados têm o 12^o ano (Sónia, Carlota, Andreia, Olívia, Fátima, João, Isabel e Débora), o 9^o ano (Núria) e dois casos a frequentar a universidade com a licenciatura incompleta (Bianca) e a licenciatura completa (Miguel). Duas das entrevistadas encontram-se a estudar, uma em formação profissional e a receber o subsídio de desemprego (Sónia) e outra a concluir os estudos na universidade (Bianca). As fratrias dos entrevistados são tendencialmente grandes, tendo entre 1 a 5 irmãos, onde apenas três dos casos representam filhos únicos (Olívia, Fátima e Miguel).

Quanto à situação familiar, a maioria das entrevistadas vive em coabitação conjugal e apenas um caso se trata de uma família monoparental (Sónia), e existem

duas famílias recompostas (Andreia e Olívia). Existem três casos em que os participantes residem com a família de origem (Fátima, João e Miguel) e, como já referido, apenas uma entrevistada é casada (Núria). Importa realçar que um dos entrevistados, atualmente separado, experienciou outro tipo de situação familiar diferente da do momento da entrevista, a de coabitante com a mãe da filha em casa dos seus pais (Miguel). Fátima e João, quando não trabalham ao fim de semana, vivem na mesma casa que os pais de Fátima e acabam por cuidar do filho junto da família de origem materna.

Onze casos, onze histórias

Caso 1 – Sónia

Sónia tem 23 anos, recebe o abono de família e o pai da criança é mais velho do que ela e quando foram pais ele fazia biscates. A jovem é filha de uma ajudante de cozinha e de um construtor civil, atualmente divorciados, e tem mais quatro irmãos. Quando soube da gravidez, aos 22 anos, Sónia vivia com o seu pai, mas mais tarde mudou-se para a casa da mãe onde permaneceu até ao primeiro ano de vida do bebé. Nesse primeiro mês recebeu muita ajuda da mãe, depois foi viver sozinha com o filho Bruno e aos 4 meses colocou-o no infantário. Sónia não pode contar com o apoio do progenitor do filho, atualmente casado, uma vez que sempre rejeitou a criança, com quem está em tribunal. Sobre o pai de Bruno, Sónia não fornece muita informação, o que demonstra o carácter ocasional de que resultou a gravidez. Apesar da jovem ter reagido com espanto e surpresa, Bruno tornou-se um bebé desejado, “por um lado foi bom, depois foi desejado”, explica ela. Sónia tem como suportes familiares principais a mãe e as irmãs, com quem às vezes deixa o Bruno para frequentar o curso de formação profissional e Sónia também fica lá a dormir. Continua a sair à noite com amigas e deixa o filho ao cuidado de uma das irmãs. Ao longo da trajetória escolar, Sónia reprovou no 7º ano, recebeu apoios para melhorar e concluiu o 12º ano. Os estudos não são uma prioridade na vida de Sónia nem pensa muito no assunto devido a questões financeiras. Todos os empregos que teve foram nas áreas da restauração e hotelaria e de momento encontra-se numa formação profissional em fiação, para mais tarde, segundo espera, arranjar trabalho nesta área.

Embora Sónia represente uma família monoparental, com os cuidados domésticos e parentais a seu cargo, conseguiu conciliar a vida profissional, e agora o curso, com a vida familiar, muito por conta do apoio diário da sua mãe, já que ambas vivem no mesmo prédio. Está empenhada na educação de Bruno e admite não pensar em relações amorosas, pelo menos para já.

Família de origem

Sónia viveu com os pais e os quatro irmãos e relata que todos se davam bem. Olhando para a profissão dos pais, percebemos que Sónia é oriunda de uma família pouco escolarizada e com poucas qualificações profissionais, pois a mãe é ajudante de cozinha e o pai é construtor civil. A mãe de Sónia experienciou a maternidade com 16 anos, ou seja, observa-se uma reprodução intergeracional de gravidez precoce. Atualmente os pais de Sónia estão divorciados e menciona a sua estadia em casa de seu pai quando soube da gravidez e, nos últimos meses de gravidez, a estadia em casa da mãe onde veio a residir até ao primeiro mês de vida do bebé.

Namoros e experiências sexuais

Acerca do controlo parental Sónia conta que havia horas estipuladas para chegar a casa e que era cumpridora. Foi tendo namorados com relações de pouca duração ao longo da sua adolescência e teve a sua primeira relação sexual aos 17 anos. Sempre adotou métodos de contraceção e na família sempre falaram do assunto abertamente.

Conhecimento da gravidez e suas reações

Sobre o conhecimento da gravidez, Sónia deslocou-se ao hospital com febre e reagiu com surpresa quando soube (já de 6 semanas) mas achou positivo e o seu bebé passou a ser um bebé desejado. A primeira vez que contou a sua gravidez foi ao pai que, apesar de ter sido num contexto ocasional, reagiu bem à notícia e apoiou-a qualquer que fosse a sua decisão quando ao futuro da gravidez, e uma das irmãs também deu apoio. A mãe não soube da gravidez por ela mas pelo pai da criança que andava “a espalhar o boato de não se tratar de um filho seu”. O pai da criança reagiu mal e insistiu para que Sónia interrompesse a gravidez, decisão que ela nunca colocou em cima da mesa.

Sobre o apoio recebido aquando da notícia da gravidez, Sónia fala de uma das irmãs e de amigas que a acompanharam às ecografias. Também recebeu ajuda da mãe, com quem foi viver no primeiro mês de vida do filho. Contudo, procurou emancipar-se e foi viver sozinha, considerando que se tem dado bem: “fui para casa da mãe para ela me ajudar. Mas depois, ao final de um mês, fui viver mais o menino. Já lá estou há 9 mesinhos”. Sónia vive no mesmo prédio que a mãe e refere que ela “vem muitas vezes cá abaixo ver do menino” enquanto toma banho e tem dias em que dorme em casa da avó. Assim sendo, a condição de mãe fê-la sair de casa dos pais, e nesse aspeto acelerou a sua transição para a vida adulta. Quando ficou grávida já se encontrava a trabalhar como empregada de andares.

Desejo em ser mãe e trajetória conjugal

Sobre as expectativas de ser mãe, não se imaginava a ser tão cedo, talvez só aos 28 anos já com família formada, o que lhe daria a noção de estabilidade para avançar para a maternidade. Sónia é de opinião que todas as mulheres deviam ser mães e que o filho

Bruno recebe o amor e a atenção necessários, apesar dele não ter o pai presente: “(...) desde que eu tenha uma vida estável. Eu acho que o essencial é o amor, carinho, a dedicação no fundo. (...)” Sónia acredita que uma família ideal é onde existe bom relacionamento entre os dois progenitores: “como nós nos dávamos, o menino não se iria dar bem. A melhor coisa é estarmos assim mesmo. Assim sempre se adapta à ideia de que não tem o pai, quer dizer tem mas não com a mãe. Mas se pudesse era com ele que estava, sem dúvida”. Quanto ao significado de viver em conjugalidade, admite preferir a coabitação em detrimento do casamento.

Suporte social

Sónia recebe abono de família e apoio material em dinheiro, em géneros, cuidados à criança e aconselhamento por parte da mãe e das irmãs, enquanto as amigas dão mais apoio emocional. O apoio informal que recebe da mãe e irmãs é diário: “(...) às vezes se eu [for para a formação], vou deixar o menino a casa das minhas irmãs ou estou a dormir em casa da minha mãe e ela fica com ele (...)”. O apoio formal pago refere-se ao infantário e está presente desde os 4 meses da criança.

Relacionamentos interpessoais

Ao nível do impacto da maternidade nas relações interpessoais, o relacionamento com os pais melhorou e é muito presente, especialmente a figura materna. O relacionamento com os amigos manteve-se e no caso do pai da criança ficou pior. Embora a jovem continue a sair com amigas e colegas, inclusive à noite, a sua vida social viu-se reduzida desde que foi mãe: “fiquei mais limitada. Não saio tanto como antes”.

Percurso escolar e profissional

Sónia considera ter sido uma aluna média, reprovou no 7º ano e conta-nos que não recebeu apoio da parte da escola para melhorar o aproveitamento. Considera que os seus pares não influenciaram o seu percurso escolar, tendo estes ido até ao 12º ano, tal como ela. Sobre a possibilidade de retomar os estudos, admite que não pensa no assunto, mas que também por razões económicas seria difícil tal cenário.

A jovem já tinha deixado a escola e encontrava-se no mercado de trabalho quando teve conhecimento da gravidez, como empregada de andares, mas considera que ser mãe condiciona as funções num emprego por ter horas em que é preciso amamentar. O primeiro emprego foi como empregada de balcão e os restantes, até à formação onde está agora, foram sempre na área da hotelaria e restauração. Atualmente Sónia encontra-se a receber o subsídio de desemprego e a frequentar um curso de formação profissional.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Como já foi referido, Sónia recebeu apoio da sua mãe no primeiro ano de vida do bebé para depois ir viver sozinha. Ela coloca os interesses todos em Bruno, não querendo que nada lhe falte, e apenas sai com o grupo de amigos quando tem alguém com quem deixar a criança. Reconhece que a maternidade a tornou mais adulta, porque acresce a responsabilidade de não cuidar só de si mas também de um novo membro. A jovem tende a considerar que as mães têm um instinto maternal inato: “é o sonho de todas as mulheres serem mães”; “acho que todas as mulheres querem ser. Também só crescem dentro da nossa barriga”. Nota-se no discurso desta jovem uma grande dependência dos conteúdos simbólicos associados à feminilidade e a uma conceção da mulher-mãe como natural cuidadora.

No seu dia a dia, apenas se sente preocupada em relação ao filho quando tem tarefas a fazer e não pode ficar a olhar por ele nessas alturas. A entrevistada explica que ser pai e mãe é quem cria e que o facto do pai de Bruno não ser uma figura presente na vida dele, mais tarde irá saber por ela o porquê dessa ausência.

Sónia pretende dar ao filho uma educação diferente da que teve, no sentido de querer transformar o modelo de referência maternal porque a sua mãe não foi uma figura muito presente: “a minha mãe também foi mãe muito nova e não esteve tão presente no meu desenvolvimento. Quero estar mais presente na vida do meu filho como ela não esteve”.

No que respeita à avaliação do seu desempenho enquanto mãe, a entrevistada refere que não liga muito a opiniões externas mas quem convive com ela de perto considera-a uma boa mãe, não só porque é ela a única responsável pelos cuidados e educação de Bruno, como também é ela que tem a responsabilidade e o papel de ganha pão.

Ainda que Sónia não tenha projetos pessoais imediatos, nem pretenda atualmente investir em relações amorosas, deseja ter mais um filho por volta dos 28 anos, preferencialmente no contexto de uma relação conjugal. De momento Bruno veio preencher esse espaço, dando-lhe toda a atenção e afeto: “(...) não preciso de ninguém. Aliás, o meu filho veio preencher esse espaço”. Na ausência de uma relação conjugal, a esfera da vida mais importante para a jovem é a família, dado que se tem mantido próxima da sua família de origem de quem recebe apoio. Para esta jovem de 23 anos, a família e os filhos são o centro da construção da sua identidade pessoal, em detrimento do investimento em outras esferas da vida como a profissão ou o prosseguimento dos estudos.

Caso 2 – Carlota

Carlota tem 26 anos, o 12º ano de escolaridade e tem dois empregos, um durante a semana numa confeitaria e outro ao fim de semana como empregada de balcão. Foi mãe de Tiago aos 23 anos, recebe o abono de família e vive com filho e com o pai da criança Luís, embora este esteja a trabalhar no estrangeiro. O filho em comum do casal tem hoje dois anos e meio. Luís tem 33 anos, tem o 12º ano completo e trabalha como técnico de energias renováveis e já tem um filho com 6 anos de uma anterior relação. Luís foi pai de Tiago com 30 anos e já se encontrava no ramo das energias renováveis. Carlota é filha de um pai agricultor e de uma mãe operária fabril, que presentemente é auxiliar num lar de idosos, e tem um irmão de 24 anos. Perdeu o pai aos 12 anos e foi o acontecimento mais marcante na vida da jovem, não se recordando muito bem da sua infância. Carlota tinha planeado ter um filho com Luís mais tarde, precisamente este ano. Quando Carlota ficou grávida o casal já se conhecia há 9 anos mas haviam começado a namorar e a viver juntos apenas há 2 meses e a reação da jovem foi um misto de emoções, enquanto Luís ficou contente. Carlota recebeu apoio por parte da mãe e de Luís que, embora a trabalhar fora do país, fazia questão de estar presente em todas as ecografias de Tiago.

Carlota teve um percurso escolar marcado por altos e baixos devido ao falecimento do pai e aos amigos que a influenciavam a sair muito, numa altura que também começou a fumar. Abandonou a escola com a conclusão do 9º ano e retomou mais tarde até concluir o 12º. O seu primeiro emprego foi num bar e a trajetória profissional de Carlota ficou marcada por períodos em que trabalhava tanto no estrangeiro (Alemanha e Luxemburgo) como em Portugal, sempre como empregada de balcão. Quando engravidou de Tiago já se encontrava no trabalho atual, como costureira numa confeitaria.

É sobre Carlota que recaem os cuidados do filho e como trabalha muitas vezes ao fim de semana, deixa-o em casa da avó materna. Hoje a jovem reconhece que seria bom ter continuado os estudos para conseguir um trabalho que a realizasse, talvez na área do desporto ou educação. Tiago é a companhia de Carlota todos os dias. Não pretende mudar-se para o estrangeiro onde trabalha Luís, visto que “(...) é aqui que tenho a nossa família e sempre ajudam”, explica ela.

Admite só ter tempo para si e para estar em casal nas férias da Páscoa e porque o infantário continua aberto. Não pensa também arranjar outro emprego visto que tem um contrato efetivo na confeitaria, com horário regular e salário certo.

Família de origem

Carlota oriunda de uma família de meios populares recorda que os pais tinham uma boa relação e apenas havia quezílias entre os dois irmãos, com idades aproximadas. O pai da jovem faleceu tinha ela 12 anos e após este acontecimento, Carlota passou por uma fase de revolta que lhe prejudicou os estudos. Talvez devido a esta perda ela tenha bloqueado as suas memórias de infância, segundo conta.

Namoros e experiências sexuais

Por volta dos 15/16 anos, período em que abandonou a escola, Carlota começou a sair muito com os amigos, embora sempre com horas estipuladas pela mãe, uma vez que o pai já tinha falecido, especialmente nos primeiros tempos por reconhecer o seu mau comportamento. Foi tendo alguns namoros e iniciou a sua vida sexual com 16 anos com a adoção de métodos contraceptivos, tendo informação destes a partir da sua mãe e de médicos.

Conhecimento da gravidez e suas reações

Carlota e Luís já viviam juntos quando souberam da gravidez. A suspeita partiu do atraso menstrual e Carlota conta que na altura, na ausência de Luís, não era muito certa na toma da pílula. Acabaram por ir comprar o teste juntos que deu positivo (grávida de 1 mês). A gravidez não foi planeada mas acabou por ser levada adiante sem nunca se ter falado alguma vez em abortar. Luís e Carlota ficaram felizes mas um pouco assustados. A mãe da jovem também fica feliz pela gravidez enquanto o irmão, num primeiro momento “não achou piada à ideia de ser tio”, mas hoje acaba por estar muito presente na vida do sobrinho.

Desejo de ser mãe e trajetória conjugal

Carlota explica-nos que sempre quis ser mãe jovem, entre os 25-28 anos, para que conseguisse acompanhar o crescimento do filho: “(...) não queria ser mãe tão tarde porque depois não consigo acompanhar se calhar...não sei. Penso positivo, eu aos 30 tenho um filho com 6 anos. Está meio caminho andado. Ali aos 40 está tudo feito”. Tanto Carlota como Luís haviam planeado serem pais mais tarde, após 2 ou 3 anos de vida em comum. A jovem é de opinião que as condições para se ter um filho se prendem com o bom relacionamento entre progenitores e com as condições básicas e o amor presentes. Conheceu o que viria a ser o pai do seu filho ainda na adolescência mas só começaram a namorar e a viver em comum muito mais tarde, cerca de 3 meses antes do filho nascer.

Suporte social

O apoio recebido vem sobretudo das avós e do companheiro Luís que contribui financeiramente e sempre que vem a Portugal ajuda Carlota nas tarefas domésticas e nos cuidados do filho: “(...) quando o pai está presente ajuda em tudo. Ele faz tudo, até

eu que não gosto de cozinhar. E a minha mãe, às vezes, quando pode, também me vem ajudar, quando não trabalho. Por isso há sempre ajuda”. As avós também costumam ficar com a criança e costumam receber a visita do neto ao domingo e o irmão de Carlota costuma visitar o sobrinho depois do trabalho ou ser ele a levá-lo e a ir buscá-lo às avós. As avós, para além de “mimos”, dão apoio material através de roupa, calçado, fraldas e comida. Tiago fica muitas vezes ao cuidado delas, sendo este cuidado mais prestado pela avó materna aos fins de semana quando Carlota não trabalha. Durante a semana, Tiago está no infantário e Carlota tira as férias de acordo com o mês de encerramento da instituição e, como só são 15 de férias, as avós acabam por ficar a cuidar do neto até ao final de agosto. Ainda recebe ajuda dos amigos que, apesar dos horários complicados, costumam visitar a criança.

Relacionamentos interpessoais

O relacionamento com a mãe da jovem sempre foi bom e atualmente é “uma avó babada”; o relacionamento com o irmão ficou igual e com Luís, Carlota admite que ficou melhor. Quanto aos amigos, estes continuam presentes e a jovem continua a sair com eles sempre que pode mas “(...) já não me posso dar a esse luxo. Também já não é vida para mim sair à noite, sinceramente. As noitadas passo-as eu com o meu filho”.

Percurso escolar e profissional

Carlota considera ter sido uma aluna com uma boa vinculação à escola até ao falecimento do pai, que a fez chegar a um momento em que não gostava de ir às aulas. Também referencia o seu grupo de pares como tendo tido uma influência negativa no seu percurso escolar: “(...) acho que foi ali o falecimento do meu pai e os amigos. As noitadas e o ter começado a fumar”. Abandonou os estudos e retomou mais tarde para concluir o ensino secundário.

Após a conclusão dos estudos e antes da gravidez, a jovem já havia experimentado a emigração numa trajetória profissional intermitente, em que ia e vinha da Alemanha e do Luxemburgo, sempre com trabalhos na área da restauração. Carlota já estava empregada na fábrica de confeitaria quando ficou grávida de Tiago, enquanto que Luís anteriormente ia e vinha do estrangeiro até decidir, após o nascimento do seu segundo filho, ficar definitivamente a trabalhar fora de Portugal, com possibilidade de subir na carreira e obter melhores rendimentos.

Atualmente ao trabalho na confeitaria acrescenta-se o trabalho ao fim de semana como empregada de balcão. Carlota admite que o trabalho regular, efetivo e remunerado, embora sem realização pessoal, faz com que ela não procure um emprego melhor: “(...) eu também não posso aventurar-me com horários, tem de ser uma coisa muito certinha, ordenado certinho ao fim do mês”.

Carlota valoriza o trabalho como forma de autonomia pessoal: “sempre gostei de trabalhar”. Quanto à pergunta se ponderava largar o emprego para se dedicar exclusivamente ao filho, admite que só o faria por um certo período de tempo “porque eu não gosto de estar em casa”, explica. Contudo, em comparação com Luís, percebemos que é ela que sacrifica a procura de um emprego melhor, porventura mais gratificante e melhor remunerado, em função do bem estar do filho e para estar mais perto da família.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Desde que foi mãe, Carlota dispensa sair e passear para ficar com Tiago e só o deixa entregue às avós quando vai à esteticista e ao cabeleireiro, sendo que na maioria das vezes, a jovem leva-o com ele. Reconhece que só tem tempo de qualidade para si e para o companheiro quando Luís vem de férias a Portugal “(...) tenho sempre férias que o vou pôr sempre ao infantário. Faz-nos bem ter um pouco de tempo para nós. E só acontece em abril, nas férias da Páscoa. Quando o pai está cá conseguimos ter tempo de qualidade. Ir ao cinema, passear, ir jantar fora. Ou fazer coisas em casa, ou então dormir (...)”. A jovem observa que o seu filho é a sua companhia mas em contrapartida tem dificuldades em dormir e ele faz muitas birras.

Abordando a questão da identidade íntima, Carlota tornou-se mais adulta por volta dos 17 anos, diz ela, e encara que até essa idade tinha comportamentos de garota. A jovem preocupa-se com a saúde do companheiro e em manter com ele um bom relacionamento para o bem-estar do filho. Pretende transmitir-lhe os valores que os pais lhe passaram. Para ela, ser boa mãe e bom pai é dar amor e carinho, bens essenciais e não dar bens supérfluos. Não acha que bater seja educar, mas costuma repreender o filho quando necessário.

Carlota tenta conciliar a vida profissional com a vida familiar, embora reconheça que Tiago lhe consome muita energia. Casar não está nos planos da jovem que prefere manter uma relação de coabitação que seja de longa duração. No seu discurso, a jovem acaba por fazer alusão à ideologia da maternidade quando diz: “para além de passar 9 meses no nosso corpo, é um filho que será sempre nosso, um amor que não lhe consigo explicar...” mas não acha que todas as mulheres devem ser mães devido a casos de maus tratos.

Acerca da atribuição de uma identidade estatutária, em torno do seu papel enquanto mãe a jovem diz ligar a opiniões exteriores, sublinhando, contudo, a apreciação positiva que outros fazem do seu duplo papel enquanto mãe e trabalhadora: “acho que estão contentes com o meu papel de mãe e o facto de estar sozinha e conseguir cuidar dele e de conseguir conciliar tudo com o trabalho”. Carlota é de opinião que hoje em dia todas as mães passam pouco tempo com os filhos e nesse aspeto ela não é exceção à regra.

No que respeita aos projetos de vida, Carlota pretende apenas focar-se no trabalho em detrimento de outros projetos, privilegiando um trabalho a tempo inteiro, estável e que permita cuidar e criar o filho, mesmo que isso implique alguns sacrifícios em termos de realização pessoal. Quanto a estudos universitários, já pensou em educação ou desporto, mas acha que não teria tempo. Não deseja ter mais filhos porque exigem muito mas como Luís gostava de ter mais um, se planearem será daqui a quatro anos. Depois do filho, a esfera da vida mais importante para Carlota corresponde às relações com a família alargada, talvez pela proximidade e apoio que esta lhe dá quando diariamente é a única a cuidar de Tiago na ausência do companheiro. Tal como Sónia, o projeto de parentalidade a sós no primeiro caso, e até as relações familiares em torno do bem estar da criança parecem sobrepor-se ao projeto de conjugalidade enquanto fonte de gratificação e construção identitária.

Caso 3 – Andreia

Andreia tem 26 anos, foi mãe de Maria aos 23, concluiu o 12º ano e é empregada de balcão no restaurante do seu atual companheiro Vasco, padrasto de Maria. Atualmente são cinco pessoas no agregado familiar (família recomposta, já que Vasco tem dois filhos de anteriores relações, um com 6 e outro com 9 anos de idade que vivem com o casal, mais a filha de Andreia). Maria tem atualmente 3 anos. Vasco tem o 9º ano e é empresário no ramo da restauração. O pai de Maria tem 33 anos, foi pai com 30, é solteiro, coabitante, tem o 12º ano e é operador de armazém, encontrando-se atualmente desempregado e não está presente na vida da filha nem contribui para o seu sustento. A entrevistada foi entregue à avó materna pela progenitora aos 7 meses, que já tinha ao seu cuidado outros dois irmãos, um irmão hoje com 28 e outro com 30, mas são sete irmãos no total. A mãe de Andreia era empregada de limpeza e o pai é construtor civil, mantendo contacto com ele, ao contrário da mãe com quem não tem qualquer ligação. Andreia diz sempre ter tido boas notas, apenas reprovou em pequena, no 4º ano e mudou de curso no 10º ano. O seu mau comportamento e o absentismo acabaram por baixar-lhe as notas. O abandono da progenitora quando ela ainda era bebé é uma herança negativa que Andreia carrega no seu percurso biográfico, tendo também passado por uma tentativa de violação durante o ensino secundário, dois acontecimentos que considera serem os mais marcantes. O seu primeiro emprego foi no *McDonald's* para adquirir um computador portátil. Entretanto mudou-se para Coimbra com intenções de tirar um curso superior em fisioterapia, mas não chegou a candidatar-se porque preferiu, segundo ela, investir na carreira profissional, trabalhando no Coimbra Shopping e no Pingo Doce.

Andreia reagiu mal quando soube da notícia da gravidez aos 23 anos: “(...) por causa daquela revolta da minha mãe me ter abandonado, eu nunca quis ser mãe”, explica, e tentou abortar aos 6 meses de gravidez. A jovem já vivia com o pai de Maria em Coimbra, namoravam há um ano e meio, e encontravam-se ambos a trabalhar. Embora ele tenha reagido bem à notícia da gravidez, acabou por trair Andreia com outra rapariga: “a meu ver, como eu fui abandonada, é a falta de interesse da parte dele. Porque na altura [da separação após a traição] tínhamos combinado, pronto ele seguia a vida dele, eu seguia a minha. (...)”. Ficou decidido abrirem uma conta conjunta para a filha, em que o pai de Maria também tinha de contribuir mensalmente mas isso não aconteceu e também não acompanhou a gravidez nem o parto da filha.

Com a separação, Andreia regressou à Covilhã e foi viver com a avó materna que já inspirava cuidados devido à falta de mobilidade. Foi a avó que lhe deu mais apoio e, para ela, a chegada de Maria foi uma “bênção” porque Andreia deixou as noitadas e as saídas com amigos. Despediu-se do Pingo Doce no ano passado, onde estava efetiva como operadora de armazém, para ir trabalhar com Vasco. Andreia tem muito pouco tempo para si visto que também trabalha ao fim de semana e deixa Maria entregue à bisavó materna. É Vasco que faz atividades de lazer com os filhos, incluindo a filha de Andreia. É ao padrasto que Maria chama de pai e é a ele que Andreia pede conselhos.

Família de origem

Andreia foi deixada pela mãe ao cuidado da avó materna tinha ela 7 meses de idade, já os pais se encontravam separados. No total são 7 irmãos e ela e os dois irmãos mais novos (com 28 anos e com 30 anos) também já residiam com a avó materna porque os pais não tinham condições para criar todos. Andreia é proveniente de uma família numerosa e de um meio desfavorecido com o pai a trabalhar na construção civil e a mãe nas limpezas. A jovem tem algum contacto com o pai mas com a mãe, ainda que a família alargada tenha tentado, não conseguiu criar um laço: “(...) o meu pai ainda tenho... tinha contacto com ele. (...) Com a minha mãe sabia onde é que ela vivia... tentaram-me criar ali uma ligação com ela mas eu nunca tive... nunca me apeteceu... não gostava dela”. A mãe de Andreia foi mãe pela primeira vez aos 23 anos tal como Andreia.

Namoros e experiências sexuais

No que respeita ao controlo da avó como figura parental, a mesma supervisionava Andreia nas suas saídas noturnas, podendo chegar no máximo às duas da manhã e apenas a deixava dormir fora de casa quando praticava a modalidade de futsal: “(...)

como sempre joguei futsal, tinha jogos fora... longe e acabávamos por dormir lá, muitos torneios e assim e dormíamos fora, e aí não se importava, desde que conhecesse as pessoas com quem fosse... Sempre foi muito protetora, a minha avó”.

Andreia iniciou a sua vida sexual aos 15 anos de idade e diz que usava métodos contraceptivos. Obteve informação sobre a sexualidade na escola, na família e em especial junto da irmã mais velha.

Conhecimento da gravidez e suas reações

Andreia já vivia com o pai da criança em Coimbra quando souberam da gravidez. Ela sempre teve atraso na menstruação e, por isso não foi por aí a desconfiança, mas por ter começado a ver a barriga a crescer, dirigindo-se ao hospital onde fez o teste, deu positivo e apanhou “uma bebedeira nessa noite”. Andreia não tinha o desejo da maternidade devido ao que ela considera ser abandono da sua própria mãe. A jovem ponderou a interrupção voluntária da gravidez, chegando a ir a uma clínica privada, quando já era proibido abortar acima das 10 semanas de gestação e já se encontrava de 6 meses, mas o batimento cardíaco da bebé acabou por mexer com ela: “(...) depois quis abortar mesmo já sabendo que era muito tarde. Tentei abortar. Ou seja, fui a clínicas mesmo privadas, para tentar abortar. Até que eles [médicos]... são umas pessoas muito... fáceis, puseram o coração da menina a bater, então aí uma pessoa... começa a mexer connosco”.

O pai da criança, com quem já namorava há um ano e meio, reagiu bem à notícia. Entretanto houve uma traição amorosa por parte deste e Andreia decidiu regressar à Covilhã para casa da avó materna, numa altura em que a mesma precisava de cuidados devido à sua falta de mobilidade. Embora o pai de Maria tenha demonstrado um sentimento de felicidade inicial, não acompanhou a gravidez e o parto e atualmente não é uma figura presente na vida da filha nem contribui para as despesas dela, algo que tinha sido acordado entre os dois após a separação.

A primeira a saber da gravidez foi a avó materna e a sua reação foi de felicidade e de preocupação ao mesmo tempo devido aos comportamentos de Andreia e saídas à noite: “(...) acho que foi mesmo isso que ela pensou que não ia ser uma boa mãe, que eu era cabeça no ar, que só queria bola, saídas...”. Os amigos ao conviverem com a jovem nas saídas e noitadas, ficaram chocados com a notícia da gravidez. Já entre os irmãos, quem mais a apoiou foi a irmã mais velha, também já mãe na altura.

Suporte social

Andreia coloca a avó materna como pilar emocional mas devido à sua falta de mobilidade, quem a acompanhava às consultas era a irmã mais velha. As ajudas diárias provêm do atual companheiro e é também quem leva as acrianças a fazer atividades; a avó de Andreia fica com a bisneta ao fim de semana porque Andreia trabalha. A criança

está no infantário e costuma ser a mãe a deixá-la e a ir buscá-la e considera que existe falta de apoios públicos para o cuidado dos filhos.

Relacionamentos interpessoais

Ao nível dos relacionamentos, a jovem apenas viu alterada a relação com os amigos devido à sua nova condição, preferindo a companhia de outras amigas também elas jovens mães: “nós ficamos mais seletivas quando somos mães. Isso mudou bastante, drasticamente. Só se mantiveram as pessoas que já eram mães é que ficou mais forte ainda e as saídas com eles deixaram de acontecer.” Assim, se verifica que Andreia abdicou drasticamente da sua vida social ativa, como as saídas com os amigos e noitadas, para desempenhar o papel materno, sentindo que tem mais responsabilidades agora que é mãe: “sinto-me mais responsável, mais consciente e ponderada. Antigamente atirava-me de cabeça para tudo. Agora já não penso em mim, já só penso é nela. Antes ia todos os dias para a noitada, mesmo, bares, discotecas. Ao outro dia ia trabalhar como se não se tivesse passado nada. Agora já não, dispenso uma saída à noite, agora só quero estar com ela (...)”.

Percurso escolar e profissional

Andreia define-se como uma boa aluna, capaz de receber bolsas de estudo, no entanto reprovou no 4º ano, altura em que os pais assinaram um papel por não ter notas suficientes para transitar de ano, e repetiu o 10º ano quando mudou de curso. Teve influência do grupo de pares para o absentismo que, apesar de ter boas notas, o seu mau comportamento tinha implicações nas avaliações letivas: “por exemplo, no meu 9º ano apanhei assim certos e determinados colegas que me influenciavam só para o mal. Então era aula sim, aula não que ia para a rua. Depois claro, influenciava as minhas notas. (...)”. Andreia ainda nos conta que teve dois acontecimentos marcantes na sua vida que afetaram o seu trajeto escolar: “para além do abandono, houve mais uma situação, tentaram-me violar.”

A jovem não pretendia ficar pelo 12º ano de escolaridade e ambicionava tirar um curso superior em Coimbra e foi por isso que foi viver para essa cidade, algo que ficou por ficar adiado. Acha que foi um erro ter começado a trabalhar, tinha 19 anos de idade, e queria ganhar o seu próprio dinheiro: “(...) o meu principal problema foi ter começado a trabalhar. Cheguei a tirar 2000€ de ordenado e eu disse “estudos, estudos não!”, pronto, pior asneira”.

Quando Andreia soube da gravidez encontrava-se a trabalhar como operadora de armazém no Pingo Doce, mais o pai da criança, desempenhado os dois as mesmas funções. A jovem expressa uma forte vontade para adquirir autonomia e independência financeira desde muito cedo (aos 19 anos de idade), e o seu primeiro emprego teve em vista um consumo imediato, adquirir um computador: “(...) já não me sentia

dependente de alguém para comprar as coisas que eu queria. Por exemplo, eu trabalhei no *McDonald's* só para comprar o meu portátil. E assim comecei a ser independente e assim o dinheiro a cair-me na conta era muito melhor do que estar a pedir...” A jovem já teve quatro empregos ao longo da sua carreira, tendo iniciado no *McDonald's*, esteve no Coimbra Shopping e Pingo Doce, que considera “darem muito dinheiro”, até trabalhar atualmente no restaurante com Vasco.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Andreia devido ao trabalho exigente que desempenha, com clientes até tarde, deixou de ter tempo para si e identifica o seu horário como um entrave para estar com a filha. Conta-nos que o único tempo que tem para si é nas tarefas domésticas e quando toma o café antes de entrar para o trabalho. Embora coabite e conte com pequenas ajudas diárias do atual companheiro, a jovem avalia a sua maternidade como difícil porque não pode contar com a figura paterna da filha.

Andreia considera ter adquirido o estatuto de adulta aos 19 anos por conta da sua transição pública: “(...) desde os 19 anos, ao sair de casa, ao ganhar dinheiro. A conseguir autossustentar-me, sem depender de ninguém (...)”. Para o bem-estar de Maria, o que importa é o lado afetivo e dar-lhe o que Andreia não teve, admitindo que a avó materna ficou surpreendida e a vê como boa mãe “(...) ela foi como a minha avó costuma dizer, que foi uma bênção de Deus para eu atinar (...)”. Andreia tem colegas que também foram mães numa idade jovem e observa que o perfil depende da idade e da maturidade: “ser mãe nova depende muito. Tenho muitas colegas que foram mãe novas. Acho que, a meu ver, a idade importa e a maturidade.” Sair de casa da avó, ganhar o seu próprio dinheiro e, sobretudo, ser mãe foram sem dúvida marcos importantes na transição para a vida adulta.

Andreia refere educar a sua filha com repreensões quando é preciso, para que esta reconheça que fez mal, e pretende apoiar-se no modelo da avó materna no exercício da maternidade, que lhe ensinou a ter regras desde cedo. Maria é uma fonte de gratificação pessoal e quer dar-lhe o melhor: “(...) dou-lhe tudo o que eu não tive. Eu quero que ela viva tudo aquilo que eu não vivi. E isso faz que ela seja o meu mundo...”

Prefere a coabitação em detrimento do casamento, embora o compromisso esteja sempre presente, segundo ela. Na opinião de Andreia, todas as mães deviam ficar a tempo inteiro com os filhos até à idade escolar para que as crianças não tenham de ir tão cedo para o infantário. A jovem afirma existir a colaboração mútua nas tarefas domésticas e nos cuidados aos filhos, mas como ela prefere fazer certas tarefas (“para que não fiquem mal feitas” por Vasco) acaba nitidamente por ficar sobrecarregada. O companheiro reserva para si as atividades mais prazerosas na relação com os filhos e enteada. É significativo que Andreia refira a realização das tarefas domésticas, quando

não está a trabalhar no restaurante durante a semana e também aos fins de semana, como “tempo para si”.

A esfera mais importante para a jovem é a maternidade (a filha é “o seu mundo”), seguida da relação com a família, e depois a relação conjugal. Tem o desejo da filha ser boa pessoa e é o que espera dela no futuro. Quanto a retomar os estudos, não coloca essa hipótese completamente de parte, pensando em estudar à noite, mas tal poderá só acontecer quando a filha for mais crescida. Vasco deseja ter mais um filho, mas Andreia não tem esse desejo porque a sua vida já é agitada, muito cansativa com longas jornadas de trabalho. Por outro lado, quando olha para a experiência da irmã, com um filho de meses, tem receio que a filha saia prejudicada com falta de atenção após a chegada de um irmão.

Caso 4 – Olívia

Olívia tem 22 anos, o 12^o ano de escolaridade completo e é operadora de *call center* em regime part-time. Foi mãe de Afonso anos 19 anos de idade e coabita com o seu atual companheiro, padrasto de Afonso, que também tem o 12^o ano completo e é empregado de balcão. Gabriel é pai de Afonso, tem 27 anos, foi pai aos 25, é solteiro, tem o 12^o ano de escolaridade e está empregado como operador de armazém. Afonso tem dois anos, tem a guarda partilhada e existe residência alternada, uma semana com a mãe, outra semana com o pai. Os pais de Olívia têm ambos o 12^o ano, o pai é construtor civil e a mãe é empregada de limpeza e estão emigrados. A jovem soube da gravidez às 3 semanas de gestação e os pais dela não aceitaram, algo que Olívia previa mais da parte da mãe. Depois da gravidez, Olívia foi viver com o pai de Afonso e só após a separação é que os pais da jovem se aproximaram e deram apoio. Olívia ingressou no mercado de trabalho ainda a frequentar o 12^o ano, como operadora de caixa e quando soube da gravidez de Afonso era operadora de loja, enquanto Gabriel já estava no trabalho atual.

Hoje separados, Olívia e Gabriel decidiram ter a guarda partilhada de Afonso, em que a criança vive ora com o pai ora com a mãe, em períodos iguais, de semana a semana: “(...) não é que eu não concordasse que o pai tinha que estar presente, mas acho que como ele era muito pequenino, devia ter a guarda inteira para a mãe”, explica Olívia hesitante ao início. Como o contrato de trabalho de Olívia é a termo, tem receio de não conseguir um emprego com horário flexível para gerir o tempo com o filho. Ela diz ter tempo para tudo, para sair com amigos e para estar com o Afonso, tendo em conta o horário a part-time e a guarda partilhada com Gabriel.

Família de origem

Olívia é filha única e residia com os pais. À semelhança das outras mães jovens é oriunda das classes populares com fracos capitais escolares e profissionais, pai construtor civil e mãe empregada de limpeza, ambos com o 12º ano de escolaridade. A jovem conta-nos que o ambiente familiar era bom e que se dava melhor com o pai, tendo mais conflitos com a mãe devido à diferença de personalidade entre as duas. A mãe de Olívia, tal como a filha, também foi mãe aos 19 anos de idade, existindo assim um padrão intergeracional. Os pais da jovem encontram-se neste momento emigrados.

Namoros e experiências sexuais

Olívia tinha controlo parental sobre as saídas com horários estipulados para chegar a casa. Iniciou a sua vida sexual com 17 anos, mas veio a conhecer o pai do seu filho mais cedo, tinha ela 16 com quem teve uma relação duradoura. Obtinha informação sobre a sexualidade a partir dos pais e da escola e existia adesão aos métodos contraceptivos.

Conhecimento da gravidez e suas reações

Olívia soube da gravidez com 3 meses, ainda a residir em casa dos pais, devido a sintomas de enjoos, o que a fez comprar o teste numa farmácia e, ao dar positivo, marcou uma consulta no hospital. Na altura Olívia já tinha concluído o 12º ano e encontrava-se a trabalhar como operadora de loja, enquanto Gabriel era operador de armazém. Foi ele o primeiro a saber da notícia e reagiu bem, ao contrário de Olívia que ficou em choque e pensou na reação negativa que a mãe dela poderia ter, o que se veio a confirmar. Os pais de Olívia não aceitaram a gravidez, não queriam o avançar da mesma e os conflitos foram surgindo a partir daí: “(...) não aceitaram ao início. Porque planearam um estilo de vida diferente para mim do que aquele que ia acontecer”.

Desejo de ser mãe e trajetória conjugal

Olívia explica que já tinha o desejo em ser mãe, mas planeava-o entre os 25-30 anos quando já tivesse mais experiência profissional e uma vida mais estável. Para ela as necessidades básicas, amor e um ambiente estável e agradável são as condições necessárias para a parentalidade. Foi a gravidez que despoletou a vivência em conjugalidade com Gabriel, vindo o casal a separar-se mais tarde e a voltar para casa dos pais, encontrando-se hoje a coabitar com um novo companheiro.

Suporte social

Dado que os pais de Olívia só se reaproximaram da jovem e estiveram presentes na vida do neto após a separação do pai da criança, o apoio dado durante a gravidez partiu de Gabriel, sendo este apoio mais emocional, e dos pais dele em questões mais práticas como o acompanhamento às consultas.

Entretanto, os pais de Olívia dão apoio emocional e ajudam nas necessidades do neto e ela tem a ajuda diária do seu atual companheiro, tendo em conta o horário noturno

deste. A estas ajudas informais da rede familiar acrescenta-se o apoio formal pago relativo ao infantário. Olívia também conta com Gabriel ao deixá-lo semana sim, semana não, em casa do pai.

Relacionamentos interpessoais

Olívia conta-nos que os pais dela só se reaproximaram aquando da separação dela com Gabriel. Ao nível das oportunidades de sociabilidade e convivialidade, a jovem continua a sair com o grupo de pares e reconhece que o continua a fazer uma vez que tem a guarda partilhada de Afonso, só sendo preciso assegurar cuidados diários quando calha a semana da mãe, também para combater a monotonia dos dias: “(...) mesmo para quebrar um bocadinho essa rotina. Como eu tenho essa facilidade quando ele está no pai...”.

Percurso escolar e profissional

A jovem sempre teve uma boa relação com a escola, foi uma aluna média e o desemprego dos pais em simultâneo acabou por ter implicações na sua trajetória escolar, mas não conta com reprovações. Apesar dos pais quererem que ela prosseguisse para o ensino superior, Olívia ficou no ensino secundário por opção, tendo em conta que ingressou no mercado de trabalho ainda a frequentar o 12º ano: “(...) como entrei no mercado de trabalho ainda a acabar o 12º depois já não quis continuar”. Conseguiu o seu primeiro emprego como operadora de caixa por via de um contacto informal e de proximidade, nomeadamente através da mãe de uma colega que desempenhava as mesmas funções. Olívia ficou contente ao ter começado a sua vida profissional para obter independência e uma ocupação para lá da escola: “(...) independência financeira também. E o facto de me abstrair um pouco dos estudos, ter outro tipo de vida”, explica.

Olívia neste momento tem um horário de trabalho a tempo parcial de 4h para conseguir ter tempo para criar e educar o filho Afonso, ao contrário do anterior emprego, como operadora de caixa, que tinha horários por turnos. O seu trabalho tem contrato de duração determinada e torna-se uma preocupação constante na vida da jovem: “(...) é não saber se fico de hoje para amanhã e, se entretanto, aparece outro igual”.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Olívia encara a maternidade como um critério para conseguir o estatuto de adulto: “a partir de que o garoto nasceu”; “acho isso porque nos tornamos mais adultas e começamos a dar valor às coisas que antes, para nós, não tinham qualquer significado.” e considera essa experiência como algo a viver por todas as mulheres, sem haver necessidade de abdicar de um emprego. O casamento já foi projetado anteriormente na vida da jovem com o pai do filho mas agora acha que a vida a dois, em coabitação informal, já é uma forma de criar família. Ser bom pai e boa mãe é mostrar, quer o lado

afetivo, quer o lado da autoridade parental e “(...) [um filho] é o melhor que qualquer mãe e pai pode ter”.

Em relação à educação do seu filho, a jovem apoia-se no modelo paternal porque o seu pai tem uma personalidade mais pacífica, embora considere que dar uma palmada é admissível. Olívia está satisfeita com o seu papel enquanto mãe e acha que passa tempo suficiente com Afonso: “(...) é mesmo por opção que eu estou a trabalhar a part-time, para passar mais tempo com ele”, ou seja, a organização do trabalho foi gerida em função dos cuidados parentais e não o contrário, mesmo que em contrapartida hajam menores rendimentos no agregado familiar. A jovem pensa que a visão exterior sobre as suas funções parentais é de esforço e de presença na vida da criança.

Quanto às tarefas domésticas e parentais, Olívia acha que devem ser repartidas entre os membros do casal e de facto, pelo seu discurso sobre a rotina diária, isso parece ser uma realidade com o atual companheiro. No que respeita à divisão dos cuidados parentais e educação da criança, não existe sobrecarga sobre um progenitor guardião, e Olívia conta-nos que Afonso faz atividades lúdicas na semana em que está com o pai, e que quando há necessidade de tomar decisões, costumam telefonar um ao outro e chegar a acordo. Quando a criança adocece, Gabriel tem facilidade em ficar com o filho para que Olívia continue a trabalhar. Costumam tirar as férias de acordo com a semana em que a criança está a cargo do pai ou da mãe, quer um, quer outro, para ficarem a tempo inteiro com ela. Sobre a guarda partilhada, a jovem tinha a opinião inicial de que devido à pouca idade de Afonso, deveria passar todo o tempo à guarda da mãe, mas mais tarde mudou de opinião. Isto mostra o peso da ideologia da maternidade associada à crença que só as mulheres têm competências e qualidades para tomar conta dos filhos, sobretudo quando se trata de crianças pequenas.

O projeto desta jovem, para já, não passa pelo investimento nos estudos e, em vez disso, a prioridade é a maternidade atual “mudou se calhar os objetivos de vida, se calhar pensaria em aproveitar mais a vida. Agora pensamos mais no futuro dele”, seguindo-se o projeto conjugal e familiar com desejo de ter mais um filho dentro de três anos.

Caso 5 – Bianca

Bianca tem 23 anos, é mãe de Gustavo com 3 anos e encontra-se neste momento a estudar na universidade após ter interrompido os estudos quando concluiu o 12º ano. Quando soube que estava grávida, aos 20 anos, Bianca, trabalhava no *McDonald's*. A jovem já namorava há 4 meses com o pai da criança, Hugo, quando foram pais, tinha este 23 anos e já trabalhava como polidor de metais. A jovem vivia em casa dos pais e a gravidez foi um “trampolim” para entrada na conjugalidade.

Em casa de Bianca havia mau ambiente visto que o pai era alcoólico e o irmão mais velho toxicodependente. O pai de Bianca tem o 4º ano e era funcionário num lar de idosos e a mãe concluiu o 6º ano e era operária fabril. Estão atualmente divorciados e reformados. Foi Hugo que soube da notícia da gravidez em primeira mão e foi ele que contou aos pais de Bianca. A mãe chorou por ser “dramática” e o pai ficou feliz. A jovem sempre teve o apoio emocional do namorado Hugo, que a acompanhava às ecografias, e confessa ter tido menos apoio a esse nível por parte dos pais. No entanto, hoje em dia quando é preciso que Gustavo fique ao cuidado de um adulto, Bianca deixa-o entregue à avó materna, especialmente quando a jovem vai para a universidade, quando a criança fica doente e quando o infantário fecha. É depois de regressar das aulas que Bianca aproveita para ir tomar café com as amigas, quando não tem de ir para casa estudar.

A jovem teve uma trajetória escolar marcada pelo ambiente vivido em casa, com os problemas do pai e do irmão mais velho e pelo absentismo no secundário, com influência dos seus amigos. Hoje Bianca arrepende-se de ter interrompido os estudos porque já poderia estar a trabalhar na área de que gosta, em design industrial. Tem o desejo em casar-se com Hugo pela Igreja, ter mais um filho daqui a 2 ou 3 anos e arranjar emprego na área depois de concluir a licenciatura, estando ainda em dúvida quanto ao mestrado.

Família de origem

A jovem vivia com os pais e com os irmãos. O mais velho com 39 anos tem o 6º ano e o do meio com 31, concluiu o 12º ano. Bianca é oriunda de uma família com baixas qualificações escolares, cujos pais desempenham profissões operárias (mãe) e empregados executantes (pai). A jovem conta-nos que a vivência em família foi marcada por um histórico de álcool por parte do pai e de toxicodependência por parte do irmão mais velho. Este ambiente familiar explica, sem dúvida, a “pressa” de Bianca em sair de casa, a interrupção dos estudos para começar a trabalhar e a entrada simultânea aos 20 anos na parentalidade e na conjugalidade. Contudo, o apoio do pai da criança, e a ida de Bianca para a universidade parece apontar para uma trajetória futura de menor vulnerabilidade social quando comparada com outros jovens do mesmo meio social com inserções desqualificadas e precárias no mercado de trabalho e que foram mães sós, mesmo quando usufruem de algum apoio informal nos cuidados e guarda das crianças por parte de familiares.

Namoros e experiências sexuais

Bianca tornou-se uma adolescente revoltada com a situação vivida em casa e começou a sair com amigos apesar do controlo parental, principalmente nos primeiros tempos.

A única informação que a jovem obtinha sobre a sexualidade era por meio da escola porque na família esse tema não surgia. Bianca conta que foi tendo relações mais ou menos duradouras e regista-se um início de vida sexual precoce, aos 14 anos, e uma utilização regular de contraceptivos.

Conhecimento da gravidez e suas reações

Bianca soube da gravidez de Gustavo pelo atraso na menstruação e, como o primeiro teste deu negativo, foi no hospital que obteve a confirmação já com 4 semanas de gestação. A primeira pessoa a saber da notícia foi o pai da criança que reagiu com felicidade e foi Hugo que contou aos pais de Bianca, porque a jovem tinha medo da reação da mãe. O casal já namorava há 4 meses e encontravam-se no mercado de trabalho quando tiveram conhecimento da gravidez, Bianca trabalhava no *McDonald's* e Hugo era polidor de metais.

A mãe de Bianca chorou e o pai ficou contente, mas receoso. Os irmãos de Bianca ficaram contentes e souberam através da mãe: “a minha mãe é assim um bocado dramática, ela é que contou, sem eu dizer para contar”, explica.

Desejo de ser mãe e trajetória conjugal

Mais uma vez, este testemunho representa uma gravidez não planeada, em que Bianca tencionava ser mãe por volta dos 24/25 anos, por projetar nessa altura uma vida mais estável. Considera que o bom relacionamento familiar e um emprego e casa estáveis são as condições necessárias para a entrada na parentalidade. Bianca explica que ela e Hugo já ambicionavam ir viver juntos, mas foi a situação de gravidez que acelerou a entrada na conjugalidade.

Suporte social

Foi Hugo quem mais apoiou a jovem a nível emocional e era ele que a acompanhava às ecografias. Atualmente os pais ajudam a jovem na guarda de Gustavo quando este adocece ou quando Bianca tem de ir para a universidade. Ela embora reconheça o apoio dos pais como sendo o melhor que podem dar, sentiu durante a gravidez falta de apoio emocional por parte deles. Os cuidados diários da criança estão ao cuidado do casal e do infantário.

Relacionamentos interpessoais

A jovem confessa que recebeu apoio por parte dos amigos, mas que a maioria se afastou devido ao seu novo papel. A maternidade alterou-lhe as oportunidades de socialidade e de convivialidade, abdicando das saídas à noite mas como Gustavo já tem 3 anos é

costume encontrar-se com amigas durante a tarde, enquanto tem a criança no infantário ou entregue à avó materna.

Percurso escolar e profissional

Bianca conta que sempre teve uma boa relação com a escola e, que apesar dos acontecimentos marcantes com os problemas de adição de droga do irmão, o alcoolismo e desemprego do pai, a sua trajetória não teve reprovações. A jovem admite que a sua vida escolar foi influenciada pelo seu grupo de pares no ensino secundário, que a conduziu ao absentismo e interrupção dos estudos após a conclusão do 12º ano.

O primeiro emprego de Bianca foi como empregada de andares, antes de ter engravidado. Depois retomou ao mercado de trabalho durante dois anos até se candidatar à universidade. A jovem confessa-nos que devia ter prosseguido os estudos assim que concluiu o 12º ano de escolaridade. Bianca está empenhada em terminar a licenciatura para conseguir trabalhar na área onde se sente realizada, design industrial, e para tentar dar um bom futuro ao filho.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Bianca vê-se como jovem adulta desde os 21/22 anos de idade e a maternidade ajudou-a a encarar objetivos de vida diferentes, algo que diz acontecer com todas as mulheres que passarem pela experiência: “(...) a maternidade também ajudou, vemos que há consequências e objetivos diferentes.”; “(...) acho que uma pessoa cresce muito e vê o mundo de outra forma (...)”. Assim, esta jovem encara a maternidade como um processo de maturidade que lhe permite a obtenção de um estatuto social.

Bianca explica que o bem-estar do filho se consegue pela satisfação das necessidades de afeto, segurança e de saúde e que ser bom pai e boa mãe é estar presente e acompanhar o desenvolvimento da criança. Quanto à educação a dar, a jovem pretende transformar os modelos de referência dos seus pais, de forma a estabelecer uma relação mais próxima, de confiança e de amizade com Gustavo.

Quando ingressou no mercado de trabalho sentiu felicidade porque adquiriu a sua independência financeira e reconhece que no futuro não pretende abdicar do tempo com o filho para ter um trabalho por turnos, porque já teve essa experiência ainda não era mãe. Bianca conta-nos que continua a ter tempo para si por só ter aulas de manhã e conseguir ir buscar Gustavo às 17h ao infantário.

Sobre o seu papel de mãe, a visão que as pessoas têm é interpretada por Bianca como sendo demasiado preocupada e protetora, de ser «mãe galinha». Quando interrogada para abdicar do trabalho e se dedicar inteiramente à família e aos filhos, a jovem admite que, se o ordenado não fizesse falta, se dedicaria definitivamente ao filho. Ela coloca Gustavo em primeiro lugar (“ele tornou-se a minha vida basicamente. Não consigo decidir nada sem pensar primeiro se será o melhor para ele”) e logo depois a

relação conjugal. Ou seja, as esferas de gratificação pessoal da jovem incidem sobre a maternidade e a conjugalidade, tendo em conta que no futuro pretende casar pela Igreja: “(...) acho que é mais pelo simbolismo religioso que trás e a união que traz. Querer passar a vida para sempre os dois”. Quanto aos estudos, colocado em penúltimo lugar, ainda está em dúvida se o mestrado aumenta as qualificações, mas este testemunho representa uma tentativa de caminho social ascendente. Bianca pretende arranjar emprego como designer assim que acabar a licenciatura.

Ao contar a sua rotina durante a semana e ao fim de semana, é visível que é sobre Bianca que recaem as lides domésticas e o cuidado da criança e, embora defenda a divisão igualitária entre o casal, Hugo costuma fazer tarefas como despejar o lixo, tirar a loiça da máquina e estender a roupa.

Caso 6 e 7– João e Fátima

João tem 24 anos, tem o 12º ano de escolaridade completo e trabalha como segurança privado num horário laboral por turnos. Vive atualmente com os avós maternos e experimenta a conjugalidade com Fátima em casa dos pais dela ao fim de semana, quando ela não trabalha. Filipe, o filho do casal, tem 15 meses. O pai de João é operário e tem o 9º ano e a mãe é esteticista e tem o 12º ano completo. A relação que o jovem tem com o pai não é afetiva, os pais separaram-se e o jovem foi viver para casa dos avós maternos. João era um aluno médio, reprovou no 8º ano por faltas, devido a um jogo de computador que o viciou e também por influência dos amigos. Também chegou a candidatar-se à faculdade mas acabou por desistir ainda no 1º ano. Ao contrário de Fátima, João gostava de voltar a estudar porque está arrependido de não se ter aplicado na escola para conseguir um emprego melhor.

Os pais de João reagiram com felicidade, embora não tão demonstrada pelo pai. O jovem diz ter ganho uma nova responsabilidade com o nascimento de Filipe, mas continua a ter tempo para si e para os amigos. Já o tempo em casal é menor: “(...) às vezes só tenho tempo de estar com ela [namorada] na pausa dela do almoço (...)”. É aos fins de semana quando Fátima não trabalha que João passa mais tempo com o filho e está presente nos seus cuidados. Durante a semana é o jovem que leva o filho ao infantário. Ambiciona ter uma casa para os três e abrir um negócio.

Fátima tem 23 anos, o 12º ano de escolaridade e é operadora de loja com um horário por turnos. A jovem foi mãe aos 22 anos e sempre viveu com os pais, a mãe é operadora de loja e o pai está reformado da GNR, tendo ambos o 12º ano de escolaridade. A jovem soube da gravidez às 14 semanas de gestação por sintomas de enjoos e dirigiu-se ao hospital.

Tanto Fátima como João ficaram chocados inicialmente e chegaram a discutir a interrupção da gravidez com a mãe dele. A mãe de Fátima reagiu com surpresa e o pai ficou feliz, e passaram a dar todo o apoio à filha.

Fátima teve um percurso escolar marcado por uma reprovação no 8º ano causada por absentismo, acontecimentos em comum com João. O primeiro emprego da jovem foi como operadora de loja ao fim de semana quando regressava de Coimbra, por lá se encontrar a tirar uma licenciatura que ficou pelo caminho. Foi neste trabalho que se manteve quando soube da gravidez, com o contrato a chegar ao fim. A relação com João já tinha 2 anos e ele estava a trabalhar numa loja de um centro comercial. Entretanto Fátima conseguiu o emprego onde está atualmente como operadora de loja, mas com horários por turnos, o que dificulta a sua vida familiar.

Filipe passa mais tempo em casa dos avós maternos, recebendo mais cuidados da avó e João que é quem costuma levar o filho ao infantário. Fátima tem o desejo de casar com João pela Igreja, ter mais um filho e abrir um negócio, mas de momento esses projetos não parecem estar ao seu alcance devido à falta de recursos. O casal tem tentado mudar-se e irem viver os três, até agora sem sucesso, para ganharem autonomia e tempo em casal.

Família de origem

João é oriundo de uma família do meio operário e executante, em que o pai é operário, com o 9º ano de escolaridade, e a mãe é esteticista, com o 12º ano. Tem um meio-irmão da parte da parte do pai com o qual não mantém contacto. O jovem relata-nos que o ambiente em casa foi “pesado” sobretudo a partir do seu segundo ano de escolaridade, tendo culminado na separação dos pais: “(...) até ao meu segundo ano de escola ainda se davam, de resto, foi sempre a piorar entre eles”. João dá-se melhor com a mãe devido à ausência de laços com a figura paterna “(...) nunca senti que o meu pai fosse apegado a mim. Foi ter por ter. Não houve assim uma ligação...muito forte”.

Já Fátima, filha única, vivia com os pais e tinha um bom ambiente familiar. Conta-nos que na adolescência tinha uma personalidade rebelde e aos fins de semana e depois das aulas costumava ir para casa dos avós. Ao nível das habilitações escolares, os pais da jovem têm o 12º ano completo, o pai é reformado como militar da GNR e a mãe é operadora de loja.

Namoros e experiências sexuais

O jovem conta-nos que viveu ao máximo a sua adolescência, era rebelde e que costumava sair com amigos. Existe incidência de gravidez precoce na sua família de origem porque a mãe do João o teve muito jovem, com 17 anos de idade.

João iniciou a sua vida sexual por volta dos 13/14 anos e o canal de divulgação dos métodos contraceptivos foi a família. A relação mais duradoura que teve foi de um ano e

dois meses. Quando interrogado, o jovem nega a pressão do grupo de pares para iniciar a sua vida sexual numa idade precoce.

Fátima dizia ter controlo parental, com horários para chegar a casa depois das saídas e, quando era incumpridora, os pais repreendiam-na. Iniciou a sua vida sexual aos 15 - 16 anos, tendo sido prescrita a pílula aquando da primeira relação sexual. Foi tendo alguns namorados e a informação que Fátima obtinha sobre a sexualidade vinham da família e da internet. Dentro do seu grupo de pares, também houve gravidezes precoces, em idades entre os 17 e 18 anos.

Conhecimento da gravidez e suas reações

O jovem conta-nos que a sua primeira reação foi de choque ao saber da gravidez de Fátima, mas depois aceitou. A mãe de João foi a primeira a saber da notícia e reagiu com felicidade, enquanto o seu pai também ficou contente, mas não o demonstrou muito. O casal chegou a discutir a interrupção voluntária da gravidez (não permitida já com as 14 semanas de gestação, quando descobriram) com a mãe dele, mas Fátima reconhece que caso tivesse dado para abortar, não se sentiria capaz. João explica que o verdadeiro impacto é o parto e não tanto as ecografias, às quais tentava estar presente. A mãe de Fátima reagiu com surpresa e o pai com felicidade, vindo os dois a dar todo o apoio após a notícia.

Fátima e João já namoravam há 2 anos e estavam ambos no mercado de trabalho. João estava a trabalhar como operador de loja com contrato a prazo, enquanto Fátima era operadora de loja com o contrato a termo a chegar ao fim, ficando de baixa ao oitavo mês de gestação.

Desejo de serem pais e trajetória conjugal

Mais uma vez, este casal não planeou a gravidez e João desejava ser pai, mas não tão cedo, por volta dos 28/29 anos, justificando a estabilidade e a maturidade como critérios para avançar com a parentalidade.

Fátima tinha vontade de ser mãe mas mais tarde, por volta dos 26/27 anos, numa etapa da sua vida projetada com estabilidade a nível financeiro e profissional. O casal apenas tem uma breve experiência conjugal ao fim de semana em casa dos pais de Fátima e é desejo de ambos arranjam casa.

Suporte social

Para João foi Fátima que lhe deu mais apoio durante a gravidez e apoiavam-se mutuamente. Reconhece que o apoio familiar é fundamental para gravidezes jovens. João e a mãe de Fátima costumavam acompanhar a jovem às ecografias e Fátima teve todo o apoio necessário antes, durante e após o parto. A jovem tem a ajuda diária da mãe, com a toma do banho de Filipe e na muda de fraldas, e do João, que é quem costuma ir pôr o filho ao infantário. A criança fica à guarda a maior parte do tempo dos

avós maternos, devido ao casal ter de cumprir horários por turnos e às vezes ao fim de semana. A família da jovem contribui em géneros alimentícios, fraldas e roupa para a criança, mas é a mãe de Fátima que mais fornece bens essenciais, e o casal também conta com ajuda da mãe de João, ficando por vezes com a guarda do neto.

Fátima e João têm tentado alcançar a autonomia residencial em relação às suas famílias de origem (pais no caso de Fátima, avós maternos no caso de João). Fátima considera ter poucos apoios estatais, tal como João, e a principal dificuldade reside na falta de intimidade com João, porque têm falta de privacidade e pouco tempo para estarem juntos. Quando o casal tenta tirar tempo para si ou os dois pretendem sair, costumam deixar Filipe entregue aos avós maternos ou à avó paterna. O padrinho também ajuda em géneros e costuma ficar com o filho do casal.

Relacionamentos interpessoais

Enquanto Fátima considera que o filho os aproximou, João acha que a relação ficou diferente devido à falta de disponibilidade para o “nós-casal”, havendo tempo só quando Fátima está na pausa do almoço e, ao fim de semana, quando Fátima não trabalha.

Desde que foi pai, o jovem tem menos oportunidades de sociabilidade, de convivialidade, de tempos livres e de lazer: “mesmo nos horários. Nos tempos livres. E a responsabilidade, acresce”.

Fátima conta-nos que houve um certo afastamento com o seu grupo de pares porque o envolvimento nas tarefas parentais traduz-se numa menor disponibilidade para a vida social: “(...) sair à noite já não sei o que é sair. Tenho de cumprir os horários do menino e a rotina dele”.

Percurso escolar e profissional

João considera ter tido uma boa relação com a escola, classificando-se como um aluno médio, embora tenha tido uma reprovação no 8º ano por faltas, porque ficou viciado num jogo de computador, acabando por revelar também que o absentismo teve influência do seu grupo de pares. Hoje, olhando para trás, João está arrependido em não se ter aplicado e obter um melhor aproveitamento escolar, de forma a alcançar um emprego que o realizasse, tendo em conta que acabou por desistir, logo no 1º ano da licenciatura, do curso superior ao qual se tinha candidatado (Estudos Portugueses e Espanhóis).

O seu primeiro emprego foi a trabalhar de porta em porta para uma operadora de comunicações e, embora o classifique como o pior que já teve, ficou contente porque havia alcançado a sua autonomia e independência financeira. Dali conseguiu um emprego como operador de loja e atualmente está a trabalhar como segurança privado por turnos.

Fátima assume a sua rebeldia como motivo para a reprovação por faltas no 8º ano, por influência do seu grupo de pares. Conta-nos que queria ter ido além da conclusão do ensino secundário, chegando a ficar colocada em Coimbra, mas acabou por desistir no primeiro ano de faculdade por não conseguir conciliar com o trabalho ao fim de semana como operadora de loja na Covilhã. Este trabalho foi conseguido através da mãe da jovem, porque foi informada no seu local de trabalho. Com o contrato de trabalho a terminar, coincidente com o período da gravidez, teve dificuldade em encontrar um novo emprego após o término da licença de maternidade. Mas voltou a conseguir emprego na mesma área num horário por turnos, onde se encontra atualmente. Embora Fátima esteja empregada, ainda é a sua mãe que lhe “paga” as contas porque é com os pais que vive.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

João diz ter adquirido o estatuto de adulto a partir dos 21/22 anos de idade mas que foi a parentalidade que reforçou esse estatuto, tal como Fátima, devido à assunção de novas responsabilidades: “(...) aquela situação de termos de cuidar de uma vida para além da nossa.” (João); “(...) temos uma responsabilidade nos braços. Fazer tudo por ele, isso implica ser-se um adulto” (Fátima).

O jovem explica que pretende satisfazer as condições básicas de Filipe, sem que ele se torne mimado (“não ter as coisas tão de mão beijada”) e mudar o modelo de referência parental que lhe foi transmitido pelos pais. Para Fátima, ser bom pai e boa mãe implica transmitir afeto e ser uma figura presente na vida da criança. A jovem pretende transmitir ao filho uma educação diferente da que lhe foi transmitida, com mais afeto, liberdade, sem deixar de assumir uma função disciplinadora, chegando a confessar-nos que, se fosse possível, abdicaria do seu emprego definitivamente para se dedicar a Filipe.

João tem alguma dificuldade em conseguir conciliar a vida profissional com os cuidados do filho devido ao seu horário de trabalho, também por turnos, tal como Fátima. Ainda assim, considera que continua a ter tempo para a sua individualidade, indo passear e ter com amigos e, que nesses casos, deixa Filipe à guarda de Fátima ou dos avós maternos. Cai na jovem em primeiro lugar cuidar dos filhos. Os jovens rapazes ficam com mais liberdade para saídas e encontros com amigos, tal como se observará no discurso do outro entrevistado homem (Miguel) e no companheiro de Débora. Fátima também diz ter dificuldade em conseguir conciliar o trabalho com a vida familiar e este é um dos aspetos que gostaria de mudar na sua vida. Acha que ser mãe é uma experiência pela qual todas as mulheres deviam passar por considerar ser uma experiência única e pensa que os outros a veem como uma boa mãe.

Fátima defende a negociação e a comunicação entre o casal, uma repartição das tarefas domésticas e parentais mas, dado que se encontra em casa dos pais e apenas tem uma breve experiência da conjugalidade ao fim de semana, as práticas que deseja igualitárias ainda terão que ser avaliadas no futuro. Embora a jovem seja de opinião que um casal ao viver junto já é uma forma de estar casado, Fátima pensa no casamento: “(...) pensamos nisso, em oficializar. Pelo religioso, vestida de branco. Se é para ser, é em grande”.

Existe um ganho íntimo da experiência da parentalidade em João, mas não fala do círculo social envolvente. Ele confessa-nos que gostava de voltar a estudar para obter um emprego melhor do que o atual. Aqui observa-se outra diferença de género porque a prioridade de Fátima é o filho e não pensa aumentar as suas qualificações escolares. João também está de acordo em oficializar a relação com Fátima através do matrimónio pela Igreja. O jovem considera que deve haver repartição nas tarefas domésticas e parentais, coloca o filho como prioridade (“ter ali a coisinha do meu mundo (...)”) e depois a relação conjugal. João ambiciona abrir uma empresa e ter outro filho aos 28/29 por pensar vir a ter mais disponibilidade nessa altura.

Fátima pretende ser mãe mais uma vez, aos 28 anos, com uma vida estável e o casal tem o desejo comum de mudarem de emprego e de abrirem um negócio por conta própria. Dá-se de novo conta através do seu discurso que Fátima valoriza o trabalho fora de casa como meio de alcançar independência financeira e estabilidade na sua vida. Ainda existe um projeto em casal que consiste em arranjar casa, já que a transição residencial e familiar tem sido difícil de alcançar na vida do casal.

Caso 8 – Isabel

Isabel tem 24 anos é mãe de Elsa de 6 meses, tem o 12^o ano, é auxiliar num jardim de infância com horário a tempo parcial de quatro horas e meia e vive com o pai da criança, Duarte, que tem 25 anos e é carpinteiro por conta de outrem. Isabel nasceu na Suíça mas com um ano de idade os pais regressam a Portugal. Isabel é filha de uma empregada doméstica com o 4^o ano e de um electricista com o 6^o ano, já falecidos. A vida da jovem e da sua família acabou por ser marcada pelo alcoolismo do pai, em que Isabel foi “obrigada a crescer”: “(...) o meu pai não nos batia mas fazia-nos a vida negra. Cortava-nos a luz, a água”. Devido à violência psicológica exercida pelo pai, Isabel encontrava refúgio na mãe, com quem chegou a sair várias vezes de casa. Isabel era acompanhada pela psicóloga da escola e foi influenciada negativamente no seu aproveitamento escolar devido ao ambiente vivido em casa. A mãe da jovem apoiou-a caso fosse para a universidade, mas como isso implicaria mais sacrifícios por parte da mãe, Isabel optou por procurar logo trabalho após a conclusão do 12^o ano para ajudar a mãe nas despesas.

Arranjou o primeiro emprego como empregada de balcão a tempo inteiro numa pastelaria, através de uma amiga.

Isabel já namorava com Duarte há 6 anos quando engravidou de Elsa, uma gravidez bastante desejada por este, enquanto Isabel tem uma personalidade mais ponderada: “(...) por mim, era mais um anito ou dois. Eu sou um bocado pensativa. Quando é para fazer alguma coisa, penso mil vezes. Mais terra a terra”. Quando ficou grávida, Isabel já se encontrava no trabalho atual a part-time, enquanto Duarte já era carpinteiro. O sonho de “casar como uma princesa” deixou de fazer sentido assim que os pais faleceram porque seria um momento feliz, assim como foi o nascimento de Elsa, no qual já não estiveram presentes.

Por enquanto Isabel não tenciona retomar a sua vida social porque Elsa ainda só tem meses, mas sempre que pode procura ter alguns momentos de descanso para si e deixa a filha ao cuidado de Duarte.

Desde o início que a jovem tem muito apoio dos pais de Duarte e dos irmãos. Isabel divide as tarefas domésticas e parentais com Duarte, considerando que “(...) participando nessas tarefas também é importante para criar laços com a bebé” e já estão a construir uma casa para irem viver os três.

Família de origem

Isabel tem dois irmãos mais velhos, um irmão com 45 anos com o 9º ano e uma irmã de 39 anos de idade com o 12º ano. No primeiro ano de vida de Isabel, ela, os pais e a irmã mudaram-se para Portugal, enquanto o irmão mais velho ficou na Suíça. A jovem conta-nos que teve uma infância complicada, devido ao alcoolismo do pai que exercia uma violência psicológica sobre ela e sobre a mãe, numa altura em que a irmã tinha regressado à Suíça, tinha Isabel 9 ou 10 anos. Considera que devido ao clima vivido em casa, prolongado na adolescência também, teve de aprender a crescer depressa.

Namoros e experiências sexuais

Apesar dos pais controlarem os seus horários e saídas, Isabel por vezes ficava a dormir em casa de amigas. Iniciou a sua vida sexual aos 16 ou 17 anos e tomava a pílula desde a primeira consulta de planeamento familiar. A jovem conta-nos que as suas principais fontes de informação eram a mãe e a escola e que a relação mais duradoura que teve foi com o Duarte, cujo namoro durou 6 anos. No seu ciclo de amigos, tem uma amiga que foi mãe precocemente, na adolescência e já tem o segundo filho (fala de Núria).

Conhecimento da gravidez e suas reações

Os pais de Isabel já tinham falecido quando ela ficou grávida aos 24 anos. Soube da gravidez devido ao atraso na menstruação e aos sintomas de enjoos e cansaço, acabando por fazer dois testes. Reagiu com um misto de emoções e não acreditava até

ter tido uma consulta com o médico que veio confirmar, estando já quase de três meses. Considera que na altura ainda não tinha uma vida estável mas o primeiro a saber foi Duarte, com quem já vivia desde os primeiros meses de namoro, que reagiu com satisfação, visto que ele já desejava ter filhos nessa altura. Isabel contou aos irmãos que reagiram bem, mas com a opinião de que a jovem devia ter aproveitado mais a vida.

Desejo de ser mãe e trajetória conjugal

Quanto à motivação para ter filhos, Isabel diz que “(...) também quero deixar um pouco de mim neste mundo (...)”. A jovem confessa-nos que tem uma personalidade ponderada e que por isso tencionava ser mãe aos 26/27 anos, com uma vida mais estabilizada e como perdeu a mãe não se sentia preparada para ter filhos aos 24 anos. Após o falecimento da mãe, Isabel ficou a viver sozinha durante uns meses e só depois é que foi viver com Duarte.

Suporte social

Isabel contou com o apoio de Duarte tanto emocional como em ajudas práticas, especialmente na sua baixa de repouso. Conta que ia sempre acompanhada às ecografias por ele. Isabel confessa que a primeira reação ao saber da gravidez foi pensar que não tinha a mãe a quem pedir apoio, mas os pais de Duarte e os irmãos ajudam sempre que podem. A família tem dado fraldas e oferece-se para ficar a tomar conta de Elsa. Como Isabel trabalha só da parte da tarde, passa as manhãs com a filha e deixa-a no infantário quando entra ao serviço ao meio dia. Duarte ajuda diariamente mais ao fim do dia, com o banho e a muda das fraldas.

Relacionamentos interpessoais

Com o falecimento da mãe de Isabel, a jovem conta-nos que Duarte foi o seu suporte e que o nascimento da Elsa veio fortalecer a relação do casal.

Isabel explica que não haveria problema se quisesse sair com o seu grupo de amigos pois deixaria a sua filha entregue a Duarte, mas é algo que não costuma fazer. Devido à pouca idade da filha não tenciona retomar a vida social e o que mais tem acontecido são saídas casuais, tais como aniversários, e nessas ocasiões a pequena Elsa também acompanha os pais.

Percurso escolar e profissional

Isabel considera que a relação de vinculação à escola era a “normal” e que gostava da escola pelo ambiente em si. Chumbou no 8º ano devido aos problemas do pai com o álcool e também porque achou ser um ano difícil. Tinha apoios para a melhoria do aproveitamento escolar e psicológico. Concluiu o ensino secundário sem perspetivas de continuar, embora a mãe da jovem falasse no prosseguimento dos estudos: “(...) mesmo com os problemas do meu pai, já ela falava disso comigo e disse logo que podia fazer sacrifícios só para eu ir para a universidade. Que iria fazer de tudo (...)”.

Quando terminou o 12^o ano, Isabel ingressou logo no mercado de trabalho e o seu primeiro emprego foi como empregada de balcão a tempo inteiro numa pastelaria, emprego esse conseguido por via informal e de proximidade, através de uma amiga que trabalhava lá ao fim de semana na distribuição. A jovem expressa o seu sentimento de felicidade ao ter começado a trabalhar porque já tinha a sua independência e queria contribuir monetariamente para ajudar a mãe. Atualmente encontra-se no jardim de infância como auxiliar e já lá se encontrava a meio tempo quando ficou grávida de Elsa, não vindo a sentir dificuldades no trabalho devido à sua nova condição.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Isabel sente que se tornou adulta muito cedo, por volta dos 15 anos, devido ao alcoolismo do pai, numa altura coincidente com a sua adolescência que, segundo ela, poderia ter sido melhor aproveitada. Para esta jovem, ser boa mãe significa ser como a própria mãe foi para ela, porque foi a sua principal figura de vinculação: “(...) quero ser muito o que a minha mãe foi para mim. Espero bem ser”, mas tem receio de falhar com a filha. Isabel dá conta do peso da responsabilidade que a parentalidade implica e as suas principais preocupações são ao nível monetário e ao nível do cansaço, mas consegue conciliar o trabalho com a vida familiar porque dispõe de tempo destinado à filha, especialmente de manhã, visto que trabalha do meio dia às 18:30h, com duas horas de almoço.

Isabel é de opinião que a experiência da maternidade devia estar disponível a todas as mulheres e acaba por fazer referência ao instinto maternal com esta resposta: “(...) é algo que é só nosso”. A jovem tem a perceção de que a veem como boa mãe mas na verdade não tem bem a certeza porque nunca ninguém lhe falou sobre o assunto, tratando-se mais de um ganho íntimo.

As práticas no cuidado de Elsa coincidem com a representação social que Isabel atribui ao lugar da criança associada a uma infância protegida e a um forte investimento afetivo. Como trabalha perto de casa aproveita o período de almoço para tratar de algumas lides domésticas tais como a preparação do jantar, para que no regresso do infantário tenha mais tempo para usufruir com a filha. Existe ajuda mútua tanto nas tarefas domésticas como nas tarefas parentais: “(...) se um está ocupado da bebé, o outro faz algo relacionado com a casa (...)”. Há um aspeto curioso na hierarquia das esferas da vida: verifica-se neste caso a aposta de Isabel na família e na conjugalidade e só depois na maternidade, provavelmente porque Duarte é a única família que a jovem tem, os irmãos estão na Suíça, e foi ele quem mais apoio lhe deu quando a mãe faleceu, há 3 anos.

Aumentar as qualificações escolares não é algo que Isabel ambiciona e casar já foi algo mais pensado do que agora devido ao falecimento dos pais. Tem um projeto de vida a

dois que pretende alcançar a curto prazo, que é o de construir a sua própria casa: “(...) já começámos e agora é a fase de terminar...é um sonho que está a ir aos poucos. Mas queremos que se concretize rapidamente, para os três”.

Caso 9 – Núria

Núria tem 24 anos, foi mãe pela primeira vez aos 16 anos e desde os 18 que é casada com Edgar, seis anos mais velho, de quem tem dois filhos, Sofia de 8 anos e Pedro de 6 meses. Vivem os quatro no Fundão e recebem o Rendimento Social de Inserção e o abono de família dos filhos. Têm os dois o 9º ano de escolaridade, Edgar é canalizador, atualmente desempregado e em formação no centro de emprego, enquanto Núria é doméstica e toma conta do filho mais novo a tempo inteiro. Os pais de Núria têm o 4º ano, a mãe é operária fabril e o pai é jardineiro. A jovem teve uma boa infância, ao contrário da adolescência que foi atribulada devido à mudança de residência da família da Covilhã para o Fundão, deixando os amigos para trás e a gravidez numa idade precoce. Foi quando mudou de escola que conheceu a irmã de Edgar e através dela o seu futuro marido. A mãe de Núria apenas sabia do namoro mas não sabia que a filha mais nova já tomava a pílula. Embora Núria tenha ficado em choque ao saber da gravidez inesperada, aos 16 anos, não planeada, recebeu todo o apoio do namorado e da família e foi isso que a fez avançar. Edgar tinha 22 anos na altura e encontrava-se a trabalhar num restaurante a *part-time*. Núria engravidou quando ainda estava no 8º ano (já tinha reprovado no 6º devido à mudança de residência), tendo abandonado a escola nesse ano letivo e tornou-se «aprendiz» do novo papel ao ter tido ajuda da mãe para se adaptar à nova experiência. Retomou mais tarde os estudos e frequentou o curso das “Novas Oportunidades” para concluir o 9º ano. Após a conclusão do terceiro ciclo ingressou no mercado de trabalho numa pastelaria, sem contrato, como empregada de balcão durante meio ano mas acabou por desistir: “(...) eu a pensar que com os meus estudos ia andar sempre ansiosa em ter e não ter trabalho, preferi abdicar e conseguir o RSI”, explica. Ao ser-lhe atribuído este apoio estatal deu-se a transição residencial e familiar e Núria casou com Edgar aos 18 anos, por imposição dos pais da jovem. Foi já na gravidez da filha que Núria acabou por reduzir as saídas com amigos, sendo estas muito frequentes antes da filha nascer. Fora algo muito criticado pelos vizinhos que mudaram a sua opinião após Núria ter abdicado do trabalho para se dedicar à família, o que mostra a pressão social exercida sobre as jovens mães que não tem equivalente no caso dos jovens pais. Núria e Edgar voltaram a ser pais, Núria aos 24 e Edgar aos 30 e Pedro foi resultado de uma gravidez planeada.

Devido à situação de Edgar, desempregado a fazer biscates, ele pondera a possibilidade de optar pela emigração para ajudar a sustentar a família, enquanto Núria prefere manter-se em Portugal a cuidar dos filhos.

Família de origem

Em termos de origem social, Núria pertence a meios desfavorecidos. Os pais têm baixos capitais escolares (4º ano de escolaridade), a mãe é operária fabril e o pai é jardineiro. A jovem vivia com eles e com a irmã mais velha de 31 anos, com o 12º ano de escolaridade, e conta-nos que o ambiente era bom até se sentir revoltada pela mudança de residência. Reconhece que, como a irmã sempre foi mais “atinada”, a ajudava a estudar. Foi no Fundão que veio a conhecer o pai dos seus filhos por via da irmã mais nova deste, tratando-se da sua primeira amizade ao chegar à nova cidade porque frequentavam as duas a mesma escola.

Namoros e experiências sexuais

No que respeita à vigilância dos pais sobre as saídas, Núria admite nunca ter sido muito controlada devido à sua revolta por causa da mudança para uma nova cidade, onde não conhecia ninguém. Conta que os pais a deixavam sair por pensarem que ela havia de regressar mais calma, coisa que não acontecia mas só ficava a dormir em casa de amigas se os pais conhecessem os pais destas.

A jovem deu início à sua vida sexual com 15 anos de idade, foi tendo relações pouco duradouras e tomava a pílula sem a mãe saber. As fontes de informação sobre a sexualidade vinham da mãe, da irmã mais velha e da escola.

Conhecimento da gravidez e suas reações

Núria ainda se encontrava em casa dos pais quando teve conhecimento da primeira gravidez, às duas semanas de gestação, e desconfiou devido ao atraso na menstruação. Conta-nos que ficou chocada por presumir estar grávida e que tinha medo de fazer o teste e da reação de Edgar por ainda só estarem numa relação há 5 meses. No entanto, foi o pai da criança o primeiro a saber e que a apoiou desde o primeiro momento. O choque foi apenas inicial, porque quando a jovem viu o teste positivo já se tinha mentalizado. Núria explica que a mãe dela reagiu com espanto à notícia da gravidez por só saber do namoro e não do início da vida sexual da filha. O pai ficou com medo devido à idade com que a filha iria ser mãe, contudo ambos aceitaram e deram apoio. Chegou a falar-se da interrupção da gravidez devido à idade precoce mas Núria prosseguiu com a gravidez porque tinha o apoio dos pais, da irmã e do namorado.

Desejo de ser mãe e trajetórias conjugais

De todos os entrevistados, Núria é a jovem com aspirações e expectativas de ser mãe mais cedo: “talvez lá para os 20” porque “já se deixa de ser adolescente e tem-se mais cabeça”. Para ela, as condições necessárias para se ter um filho são o amor e as fontes

de apoio, estas reconhecidas como sendo os pais e Edgar. Quando a jovem teve conhecimento do RSI, já a trabalhar, foi quando decidiu dar o passo da coabitação temporária até se consomar o casamento quando a adolescente fizesse 18 anos.

Suporte social

Núria ia acompanhada por Edgar ou pela sua irmã às ecografias de Sofia. De entre as ajudas, a jovem destaca o apoio material em fraldas e apoio monetário vindos dos seus pais e dos pais de Edgar, situação que se mantém com o segundo filho. Confessa que o apoio mais forte tem sido o da mãe, mesmo no início da gravidez, vivia ela com os pais e dependia economicamente deles, “(...) orientação da minha mãe para cuidar dela. Eu tive de aprender com aquela idade... (...)”; “eu acho que sozinha não teria conseguido...”, explica-nos. Núria atribui extrema importância ao suporte familiar na adaptação ao novo papel: “(...) nem todas nós somos irresponsáveis e podemos ter apoio da família. Assim não estamos sozinhas”.

A maternidade impulsionou a adolescente para o casamento, por imposição dos pais dela, à qual não se opôs devido ao amor sentido pelo marido e por já ter uma filha dele. A partir da formação do novo agregado familiar composto por três pessoas, Núria explica que Edgar se envolveu no cuidado da filha e não tanto na divisão das tarefas domésticas. Tal como mostram outros estudos, a entrada da parentalidade empurra o homem para dentro do universo doméstico e familiar através do envolvimento nas tarefas do cuidar.

Relacionamentos interpessoais

Em termos de sociabilidades juvenis, enquanto Núria foi adolescente, saía muitas vezes com o seu grupo de pares, mas durante a gravidez a adolescente ajustou-se à nova condição de mãe: “(...) foi preciso ser mãe para deixar de sair”; “quando já estava quase a ter a menina. Porque fui reduzindo as saídas”. Hoje em dia se sair para ir tomar café com amigos leva os filhos com ela ou são os amigos que vão até sua casa.

Percurso escolar e profissional

Núria reconhece ter tido uma trajetória escolar com altos e baixos tendo em conta a mudança de residência que a tornou revoltada e rebelde, vindo a reprovar no 6º ano por esse mesmo motivo. A jovem conta-nos que o grupo de pares influenciou o seu percurso escolar: “os meus amigos também eram uns rebeldes e saíamos muito. Eram só noitadas e os meus pais deixavam para ver se assim me sentia melhor. Depois claro, nos dias das aulas não prestava atenção porque tinha dormido pouco”. No 8º ano acabou por abandonar a escola porque foi quando se deu o parto de Sofia e precisou da sua mãe como guia no novo papel. Aquando da notícia da gravidez, Núria e a mãe foram falar com a diretora de turma que se mostrou disponível em apoiar e não deixar que a adolescente abandonasse a escola, algo que acabou por acontecer. Retomou os

estudos uns meses depois, mas fora do ensino regular, e decidiu frequentar o curso das “Novas Oportunidades” para concluir o 3º ciclo¹⁷.

Os pais queriam que a jovem continuasse para seguir a trajetória da filha mais velha, com o 12º ano, mas Núria conta-nos que concluiu o 9º já com muito esforço. Logo depois do curso das “Novas Oportunidades”, Núria pretendia dar o passo da transição ocupacional, mas com estadia em casa dos pais: “eu já tinha a minha filha, já tinha acabado os estudos, tinha de sentir a minha independência. Só ficava a faltar mesmo a saída de casa”. Aqui se denota que a maternidade em meios desfavorecidos é uma das vias para a transição para a vida adulta, ou seja, a adolescente tinha o desejo de emancipação pessoal e familiar.

Ainda em adolescente, Núria apenas teve um emprego como empregada de balcão numa pastelaria sem contrato de trabalho. Este foi adquirido através de contactos informais com a ajuda da irmã. Núria conta-nos que provavelmente só ficou meio ano na pastelaria devido aos horários de amamentação. A jovem explica que mesmo ainda estando a trabalhar foi-se informando sobre a atribuição do Rendimento Social de Inserção “(...) era só sair de casa e com o meu marido num trabalho a part-time, pais novos, era fácil conseguir”, e acabou por desistir do mercado de trabalho, porque sentia que podia não ter estabilidade devido à sua baixa escolaridade (9º ano), tornando-se doméstica. Assim, com a atribuição do apoio estatal, Núria conseguiu a autonomia residencial e viveu uma coabitação temporária até à formalização da união do casal, aos 18 anos.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Apesar da pouca idade quando nasceu a filha, a entrevistada assumiu a maternidade e cuidou de Sofia com a ajuda da mãe, o que a fez abandonar os estudos e retomá-los mais tarde. Núria explica que a primeira gravidez contribuiu para a afirmação do seu papel de adulta e reconfigurou o seu novo lugar social ao reduzir gradualmente as sociabilidades: “senti que a partir [da primeira ecografia] ia ser mais responsável”; “[Adulta] quando já estava quase a ter a menina. Porque fui reduzindo as saídas.” A jovem explica que um bom pai e boa mãe é quem está presente e cuida dos filhos, sendo que esses papéis trazem novas responsabilidades, admitindo que todas as mulheres deviam ser mães: “(...) muda-nos a cabeça um bocado. Temos outra responsabilidade porque não somos já só nós. Um filho ajuda a estabilizar”. Núria sente-se satisfeita com o papel desempenhado e sente-se próxima dos filhos, visto que se dedicou inteiramente à família, o que permite dispensar o infantário do filho mais novo. Pedro é resultado de um planeamento da fecundidade, aos 24 anos. A par do projeto família, continua a ter

¹⁷ Até 2009 o 3º ciclo (9º ano de escolaridade) encerrava a escolaridade básica e obrigatória (Lei nº 46/86, de 14 de outubro).

tempo para a vivência da intimidade com o marido, deixando os filhos a cargo dos avós. Núria conjuga os dois papéis sociais, o de mãe e o de esposa.

Núria conseguiu alterar a visão que os outros, durante a adolescência, tinham dela, por criticarem a sua vida social e namoros. Acabou por conquistar reconhecimento social através do seu papel de mãe que para ela representa nitidamente um ganho estatutário: “acho que o facto de ter abdicado do trabalho para me dedicar só à família ajudou a pensarem que já tenho mais cabeça. Vizinhos e tudo estavam sempre a criticar o facto de eu não parar muito em casa antes de ser mãe”.

A jovem ao ordenar as esferas da vida mostra que se centra no papel maternal e na relação com o marido, o que evidencia a representação social de ser boa mãe e boa esposa. Núria admite a igualdade na vida doméstica, mas o marido envolve-se mais nos cuidados com os filhos, sobretudo as atividades do exterior (como passear). A jovem não tem como projeto a retoma dos estudos, mas não descarta a possibilidade de ter mais um filho, ou seja, mais uma vez se confirma o foco no projeto familiar. A sustentabilidade desta família depende muito do RSI e Núria pretende que num futuro próximo o marido arranje um emprego estável sujeitando-se à emigração. Ou seja, prevê-se uma reprodução social dos papéis tradicionais de género, em que a mulher cuida dos filhos e do lar e o homem é o sustento da família em meios jovens mas descapitalizados.

Caso 10 – Débora

Débora tem 25 anos, o 12º ano, foi mãe aos 23 e o namorado Xavier tinha 25 anos quando Ivo nasceu, agora com um ano e meio. Viviam juntos na Covilhã e namoravam há 6 anos quando o bebé nasceu, fruto de uma gravidez não planeada e de uma interrupção no efeito da pílula por toma de antibióticos. Quando ficou grávida, Débora era auxiliar num jardim de infância e Xavier já trabalhava como supervisor num parque de estacionamento, o seu emprego atual com horário noturno. Débora é filha de uma professora, o seu pai é funcionário numa empresa de aluguer de automóveis e vivia com mais quatro irmãos, todos eles rapazes, em Viseu.

Débora mudou-se para a Covilhã aos 18 anos após ter conseguido o seu primeiro e único emprego. Era seu desejo ir para a universidade em Bragança para estudar fisioterapia, mas o pai era de opinião que ela devia estudar na Covilhã, por ter cá o irmão mais velho de 35 anos. Todos os irmãos de Débora têm um curso superior, à exceção do irmão mais novo que ainda se encontra no ensino básico. A jovem deseja realizar esse sonho que também é um sonho da sua mãe, mas confessa que só o concretizará com o estatuto de trabalhadora estudante.

Como Débora se encontra atualmente desempregada passa mais tempo com o filho, enquanto Xavier participa pouco nas tarefas domésticas e nos cuidados à criança. Embora a jovem valorize a independência económica através de um trabalho pago, recusou o horário das 11-20h no jardim de infância onde trabalhava e por esse motivo o contrato de trabalho não foi renovado. A jovem explica que se não fosse o filho teria continuado a trabalhar.

Em termos de vida social a de Xavier é mais intensa ao passo que Débora se desligou dos amigos de Viseu ao vir para a Covilhã. Acerca de Xavier, Débora comenta que ele “ainda quer viver aquela vida...” e acrescenta: “nós queremos coisas diferentes. Eu quando cheguei à Covilhã acabei por me fechar, não sair com amigos. E ele é completamente ao contrário, gosta de sair”. É sobre Débora que recai a responsabilidade dos cuidados parentais e, devido à distância, não pode contar com a ajuda da sua mãe.

Família de origem

Débora é proveniente de uma família de classe média, uma vez que a mãe é professora com licenciatura em português e o pai é trabalhador por conta d’outrem numa empresa de aluguer de automóveis. O agregado familiar era composto por 7 pessoas: os pais e mais quatro irmãos todos do sexo masculino, em que o irmão mais novo tem 11 anos e os outros 20, 22 e 35 anos. A jovem caracteriza o ambiente familiar como sendo bom e que havia sempre muita gente em casa.

Namoros e experiências sexuais

Débora reconhece que por ser a única rapariga, o pai sempre a protegeu demasiado e não a deixava sair, ao contrário da mãe, daí ter uma melhor relação com ela. Conta-nos que tentava emancipar-se da tutela familiar nos momentos em que discutia com o pai e que saía mesmo à sua revelia.

A jovem iniciou a vida sexual aos 17 anos, foi tendo namorados ao longo da sua adolescência e, apesar de ter fontes de informação sobre a sexualidade, como a mãe e a escola, Débora assume um comportamento de risco ao não tomar as precauções contraceptivas, tendo a crença que ficar grávida era algo com poucas probabilidades de lhe acontecer.

Conhecimento da gravidez e suas reações

Débora deixou de viver com os pais em Viseu e mudou-se para a Covilhã. Já vivia com Xavier quando soube da gravidez, e conta-nos que foi por desconfiança e teimosia da cunhada que acabou por fazer o teste (com 4 semanas) sozinha e embrulhou-o para mostrar ao pai da criança. A jovem acha que a gravidez resultou de uma infeção respiratória que a fez tomar antibióticos e que estes cortaram o efeito da pílula. Ela sentiu um misto de emoções e pensou logo na possível reação do pai por este ter uma

personalidade mais rígida. Xavier ficou contente e a mãe de Débora foi a primeira a saber e reagiu de forma positiva. Já o pai, para espanto da jovem, reagiu bem à notícia porque este encarou a maternidade num contexto de transição para a vida adulta: “(...) “já tens a tua vida, moram juntos, não tenho de ficar chateado”. Os irmãos ficaram contentes por serem tios.

Desejo de ser mãe e trajetória conjugal

Débora não tinha projetado uma idade para ser mãe ao contrário de outras jovens entrevistadas para quem a maternidade é uma etapa obrigatória na vida das mulheres. Mas era um desejo seu devido à convivência com muitas crianças na sua família e decidiu avançar. Explica que o mais importante para ter um filho é o lado afetivo e o casal querer avançar em conjunto com a gravidez. Sempre viveu com os pais e os irmãos até se mudar para a Covilhã, iniciando a sua vida com Xavier em coabitação informal.

Suporte social

Débora explica que o apoio dado pelos seus pais tem sido emocional, em especial a mãe, e não um apoio transformado em ajudas práticas devido à distância geográfica, mas também a ajudam monetariamente, embora a jovem prefira “aguentar-se” para não depender de ninguém. Durante a gravidez foi acompanhada às ecografias por Xavier e pela irmã deste.

Débora apesar de ser oriunda de uma família com alguns recursos, ao contrário das entrevistadas anteriores, não possui uma rede informal de apoio nos cuidados à criança. Com a quebra de laços amicais da adolescência e juventude e o desemprego atual, Débora encontra-se algo isolada e dependente do cônjuge.

Relacionamentos interpessoais

O nascimento de Ivo parece ter criado uma reconciliação de Débora com a família, em especial com o pai, mesmo que longe geograficamente, e os irmãos mais presentes são os que costumam fazer chamadas telefónicas, sendo eles o mais novo que vive com os pais e o mais velho que reside também na Covilhã.

Débora admite que as tarefas diárias são feitas exclusivamente por ela e que é nesse aspeto que surgem as hostilidades com Xavier.

A jovem desde que chegou à Covilhã nunca teve uma vida social muito ativa por isso neste aspeto, não houve mudanças significativas na sua rotina social: “(...) eu quando cheguei a Covilhã acabei por me fechar, não sair com amigos. (...)”; “(...) não fazia quando não tinha o meu filho, não ia ser agora (...)”.

Percurso escolar e profissional

Débora sempre teve uma boa vinculação com a escola e um bom aproveitamento, também por pressão da mãe, professora, mas considera que no 10º ano, quando devia ter boas notas para conseguir uma boa média, foi quando se “desleixou” devido às saídas com amigos e ao seu empenho numa relação amorosa.

Débora confessa que quis ir além do 12º ano de escolaridade, optando por um curso superior em Fisioterapia fora da sua área de residência, em Bragança, mas que o pai a impediu e só a deixava seguir se viesse estudar para a universidade da Covilhã, algo que acabou por acontecer aos 18 anos, mas não por motivações académicas. A mudança de cidade representou para Débora uma forma de escapar ao controlo parental, em especial do pai, para além de ter ganho autonomia financeira.

O único emprego que Débora teve foi na Covilhã, como auxiliar num jardim de infância. Ela conta-nos que foi por via de uma funcionária do centro de emprego, que lhe conseguiu o contrato de trabalho. Segundo Débora, como ainda não tinha desempenhado nenhuma função laboral até então e, dada a sua inexperiência, foi maltratada pelas colegas do infantário, mas não desistiu e acabou por ganhar independência económica, deixando assim de depender dos pais. A jovem explica que se não fosse o filho teria continuado a trabalhar no jardim de infância e, que foi devido à recusa do horário laboral das 11-20h, não houve renovação do contrato.

Ao longo do seu discurso, Débora vai mostrando que não gosta de depender economicamente de ninguém, seja na ajuda vinda da família que ela tende a recusar, seja pelo pagamento das propinas feito pelos pais, caso ela retome os estudos. Como atualmente se encontra desempregada, já sem o subsídio de desemprego, existe uma desigualdade de poder dentro da relação do casal nomeadamente, ao nível dos recursos económicos: “(...) não estou a trabalhar (...) eu não gosto de sentir que estou a depender de alguém. Isso deita-me um bocadinho abaixo”.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Débora considera-se uma pessoa adulta desde os seus 18 anos a partir do momento em que se mudou para a Covilhã, período coincidente com a saída de casa dos pais, a entrada no mercado de trabalho e a transição para a conjugalidade, com ganhos de autonomia e independência financeira: “(...) A minha vida ia mudar e tinha de deixar de ser rebelde. Porque já não vivo com os meus pais, já ganhava o meu dinheiro”. No entanto, hoje reconhece que se pudesse voltar atrás ter-se-ia mantido perto da área de residência dos pais.

Para Débora, os outros veem-na como uma mãe protetora. Ivo é uma fonte de gratificação pessoal, reconhece que ele requer muito da sua atenção e carinho e que um filho traz um sentido de responsabilidade a todas as mulheres. A jovem conta-nos que

quando trabalhava se sentia mais cansada porque recaem sobre ela todos os cuidados com o filho e as tarefas domésticas. Agora como está em casa, reconhece que passa mais tempo com Ivo e que se sentia culpada quando tinha de ir trabalhar. Caso tivesse a família por perto, admite que o filho não precisaria do infantário, que teria mais ajuda e poderia ter mais tempo para si.

É à jovem que compete tanto as tarefas domésticas como os cuidados parentais e, como subtilmente Débora reconhece o papel do companheiro em ser o sustento, devido a estar desempregada, não ajuda à divisão igualitária dos papéis de género. Podemos observar a existência amiúde de contradições entre o discurso e as práticas porque a jovem é de opinião que as tarefas e os cuidados devem ser divididos de igual para igual mas mostra-se pouco exigente em relação ao desempenho e envolvimento de Xavier. Considera que ele ainda está numa fase de “aproveitar a vida”.

Débora coloca o foco no filho como principal fonte de gratificação, só depois vem a família, pais e irmãos, e a seguir a relação conjugal. A jovem reconhece que a vivência a dois devia ser de companheirismo e como acha que isso não acontece, casar não está nos seus planos. A jovem posiciona os lazeres e tempos livres para último, ou seja, mais uma vez existe um centramento na maternidade que faz com que Débora abdique de projetos pessoais e de tempo para si.

De facto, quanto a projetos de futuro, como é a única dos irmãos que não tem um curso superior e é o sonho da mãe de Débora, ela menciona esse futuro a curto prazo: “(...) daqui a um anito mas pretendo arranjar trabalho primeiro. Mas também sou mãe, se não me aceitarem como estudante trabalhadora, vou ter de abdicar”, ou seja, também só irá realizar este projeto se não colocar em causa o seu desempenho como mãe. A maternidade, o desemprego, um certo isolamento social e uma relação conjugal aparentemente pouco satisfatória colocam Débora numa espécie de encruzilhada e o futuro é incerto.

Caso 11 – Miguel

Miguel com 21 anos, foi pai aos 17 anos e a namorada Rita tinha 16 anos quando a Margarida, hoje com 4 anos, nasceu. Separados há seis meses, viveram juntos em casa dos pais dele desde o início da gravidez que aconteceu após dois meses de namoro. A pequena Margarida, depois da separação do casal, vive uma semana em casa do pai e dos avós paternos, onde conta também com o apoio de uma empregada que foi ama da criança antes dela entrar no infantário, e uma semana em casa da mãe e dos avós maternos, muito presentes também na vida da neta, em especial a avó, reformada.

Miguel, filho de um empresário da restauração com o 12º ano e de uma mãe com a licenciatura em turismo que trabalha como agente imobiliária, sempre contou com o apoio dos pais que ainda hoje pagam as «contas». A principal preocupação dos pais de Miguel foi que o seu filho não abandonasse os estudos. E tal não veio a acontecer. Miguel foi para a universidade e a sua vida não foi muito diferente dos amigos, estudantes a tempo inteiro como ele, com quem saía muitas vezes à noite. Tirou a licenciatura em engenharia mecânica e arranjou o seu primeiro emprego nesta área. Reconhece que não acompanhou muito o crescimento da filha na adolescência (“de início, deixava-a entregue aos meus pais ou à empregada deles para ir jogar futebol”) ou, mais tarde, enquanto estudante universitário mas hoje sente-se mais responsável e também mais envolvido nos cuidados à criança, tendo inclusive optado por um trabalho perto de casa para não ficar longe da filha. Os amigos consideram-no «um pai babado». Com a entrada no mundo do trabalho e, sobretudo, com a recente separação do casal, Miguel assume a responsabilidade dos cuidados rotineiros à criança na semana em que ela fica em casa do pai. De manhã costuma dar-lhe o pequeno almoço, vesti-la e deixá-la no infantário. À tarde ou vai ele ou a avó buscá-la. Brincam até à hora do jantar, com a participação dos avós, altura em que também lhe dá banho. Miguel não sente dificuldade em conciliar o trabalho com a vida familiar, conta com “muita ajuda” (“quando costumo ficar cansado, ou não tenho tanta paciência, ficam os meus pais com ela”). Também quando, por vezes, a criança faz «birras» e isso atrasa o pai para o trabalho, Miguel pode contar com a ajuda da empregada para levar a filha ao infantário.

No seu trajeto pessoal, Miguel sente que não teve que abdicar de muita coisa importante na sua vida (“eu não deixei a minha adolescência nem os estudos”). Contudo, a entrada precoce na parentalidade não deixa de ser percecionada como um acelerador no processo de transição para a vida adulta por via da perda de alguns convívios e aventuras com amigos: “Fui pai muito novo e apesar de ter uns pais fantásticos tive de crescer e deixar ficar para trás as aventuras típicas da adolescência. Os meus amigos (...) quando tiraram a carta iam para muitos lados. Eu não pude fazer nada disso”. Quando comparamos o impacto da entrada e da vivência da parentalidade no percurso de vida do Miguel e da Rita, não podemos deixar de notar fortes contrastes. Miguel prosseguiu os estudos e tem hoje um emprego qualificado enquanto Rita deixou a escola ao completar o 12º ano (ficou grávida no 10º ano) e começou a trabalhar como cabeleireira por conta de outrem, emprego que mantém até ao momento.

No início da vida em casal a bebé foi motivo de união mas depois começou a haver muitos conflitos, “por vivermos todos juntos” em casa dos pais de Miguel. Apesar das divergências, o casal parental faz questão de manter um bom relacionamento que, por sugestão de Rita, inclui saídas e passeios com a filha aos fins de semana. Ao princípio Miguel não gostou muito da ideia mas acabou por concordar “para que a menina perceba que estamos separados mas somos os pais dela”.

Família de origem

A família de origem de Miguel é favorecida, em que a mãe é agente imobiliária e tem licenciatura em turismo, enquanto o pai é empresário no ramo de restauração e tem o 12º ano completo. Miguel sempre viveu com os pais e na infância chegou a viver também com os avós paternos. Não chegou a ir para o infantário porque ficou ao cuidado de uma ama. Como os pais do jovem sempre foram ausentes devido à exigência das suas profissões, com a morte dos avós Miguel sentiu-se revoltado e tornou-se rebelde, fase que durou até aos 14 anos. Só quando a mãe tomou consciência da sua ausência na vida do filho, é que ela e o pai começaram a reduzir a carga de trabalho.

Namoros e experiências sexuais

Apesar da pouca disponibilidade dos pais, eles estipulavam horas para Miguel chegar a casa depois das saídas com amigos, mas nunca chegou a dormir em casa deles, só em casa dos tios.

Miguel iniciou a sua vida sexual aos 15 anos e confessa-nos que existiu pressão social por parte do seu grupo de pares, algo que se não acontecesse poderia colocar em causa a sua masculinidade e virilidade: “quando estamos rodeados de rapazes falamos dessas coisas. Para mostrarmos que somos «machos», devemos perder a virgindade cedo”.

Conhecimento da gravidez e suas reações

Miguel e Rita já se encontravam a namorar há dois meses, estudavam, e quando ela soube que estava grávida de seis semanas devido aos enjoos, decidiram fazer o teste de gravidez na presença um do outro. Os adolescentes entraram em pânico tendo em conta a responsabilidade que teriam de assumir a partir dali. Mas após o primeiro choque e terem anunciado a gravidez aos pais de Miguel, os dois experimentam a entrada na conjugalidade através da coabitação em casa dos pais, sugestão dada pelos pais do próprio para que a mãe dele os ajudasse nos seus novos papéis, assim como a empregada doméstica.

Miguel conta-nos que a reação do pai foi logo pensar no seu futuro, para que não interrompesse os estudos, enquanto que a mãe ficou desiludida porque era ela a sua principal fonte de informação sobre a sexualidade e, ainda assim, surgiu uma gravidez não planeada.

A reação da diretora de turma, já que tanto Miguel e Rita se encontravam no ensino secundário, foi de preocupação para que continuassem a frequentar a escola, algo que acabou por acontecer no percurso dos dois.

Desejo de ser pai e trajetória conjugal

Miguel confessa que antes de ser pai de Margarida não havia pensado na parentalidade porque ainda queria viver a sua vida de adolescente: “(...) com 17 anos ainda se pensa noutras coisas e não tanto em assumir responsabilidades”. Mas considera que o importante para a vida de um filho é a presença e o bom relacionamento entre os pais. Tal como para outros jovens entrevistados, a família ideal para ter e criar filhos é a família conjugal bi-parental, situação que experimentou em casa dos pais durante cerca de 3 anos até à separação com a mãe de Margarida.

Suporte social

Após o choque inicial, os pais deram todo o apoio ao casal adolescente e ficaram os dois em casa de Miguel para terem o apoio prestado tanto pelos pais dele como pela empregada doméstica, que se tornou na ama de Margarida. Houve uma dupla maternidade com o envolvimento, a ajuda e os conselhos da mãe de Miguel nos cuidados à bebé que, foram fundamentais para, quer o Miguel, quer a Rita, se sentissem seguros: “(...) não tínhamos grande noção mas com a minha mãe por perto sentimo-nos seguros, a mãe da minha filha dizia isso mesmo (...)”. Mas enquanto Miguel delegou os cuidados à criança nas mulheres da casa, Rita foi «aprendiz de mãe» colocada à prova.

Miguel continua a contar com a ajuda diária dos pais, que contribuem com dinheiro, géneros e consultas no médico para Margarida, e da empregada que faz as refeições da criança. Após a separação, Rita retornou a casa dos pais e tem sido a avó materna a estar mais presente na vida de Margarida, semana sim semana não, por se encontrar reformada por invalidez. Também em caso de doença e férias escolares de Margarida, é a avó materna e a empregada doméstica de Miguel que ficam com a criança.

Relacionamentos interpessoais

Após o nascimento de Margarida, Miguel e Rita aproximaram-se, mas a co-residência em casa dos pais dele, durante três anos, criou conflitos. No que respeita às oportunidades de sociabilidade e de convivialidade, Miguel reduziu um pouco as saídas com o seu grupo de pares e a prática do futebol manteve-se nos primeiros anos de vida da bebé, ficando esta ao cuidado dos avós paternos ou da empregada doméstica. Mesmo com o prosseguimento dos estudos na universidade Miguel e os seus amigos encontravam-se e saíam juntos ao fim de semana.

Como Margarida já tem 4 anos, é frequente Miguel levá-la quando vai ter com os amigos. Com a separação, ficou estipulado que Margarida passaria uma semana com o

pai e uma semana com a mãe e é nessas alturas que Miguel aproveita para ter tempos livres e de lazer. O jovem, principalmente depois da separação, está agora mais autónomo nos cuidados à criança e criou com a filha um vínculo emocional forte.

Percurso escolar e profissional

Miguel teve uma relação de vinculação com altos e baixos porque ao sentir-se revoltado com a ausência dos pais, isso manifestava-se nas avaliações. No ensino secundário o jovem motivou-se para conquistar uma boa média de acesso ao ensino superior e, por comparação a Rita que ficou pelo 12^o ano, Miguel teve projetos escolares mais ambiciosos, como a licenciatura em engenharia mecânica, e foi incentivado pelos pais, mesmo após o nascimento de Margarida.

No que ao percurso profissional diz respeito, Miguel ingressou no mercado de trabalho recentemente, no início do ano e encontra-se num trabalho qualificado em engenharia mecânica perto da sua área de residência. Apesar do jovem ainda continuar a depender economicamente dos pais porque ainda não se deu a transição residencial, no seu discurso denota-se a valorização da independência e da autonomia por ter conseguido o seu primeiro emprego.

Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

Miguel assume que foi a parentalidade que lhe atribuiu o estatuto de adulto, porque houve mudanças nas rotinas mas foi pouco a pouco que se afirmou com um sentido de responsabilidade em relação a Margarida: “então...desde o nascimento dela. Há outro tipo de responsabilidade. Fui pai muito novo e apesar de ter uns pais fantásticos, tive de crescer e deixar ficar para trás as aventuras típicas da adolescência (...)”. Com o prosseguimento dos estudos, o jovem confessa que não acompanhou o crescimento da filha tanto quanto seria desejável mas, ainda assim, escolheu o curso na UBI e o trabalho perto da sua área de residência para ter tempo de qualidade com Margarida. Existe uma valorização do estatuto de adulto por parte da visão do círculo envolvente de Miguel, em que os amigos dizem que ele é um pai «babado» e os pais sentem orgulho nele devido à pouca idade que tinha quando se adaptou ao novo papel. Mas enquanto a mãe adolescente está sujeita a uma enorme pressão para ser uma «boa mãe» e poderá mais facilmente ser alvo de críticas, Miguel recebe elogios dos pais no seu processo de «aprendiz de pai».

O modelo parental que Miguel pretende seguir na educação de Margarida é em tudo igual à transmissão de valores dos pais mas não pretende replicar a ausência dos mesmos, como foi na sua infância e juventude. Como já havia sido mencionado anteriormente, para Miguel o mais importante é a estabilidade de uma família biparental, tanto que apesar de separados, ele e Rita fazem questão de continuar a preencher as atividades da filha em casal, especialmente ao fim de semana.

O jovem reconhece ter tempo para si e conseguir conciliar a sua vida profissional e social com a vida familiar por ter uma forte rede de apoio informal, os avós paternos de Margarida e a empregada doméstica, que também foi ama de Miguel.

Com a separação de Miguel e Rita, ele não deseja que o primeiro passo a dar numa próxima conjugalidade seja o casamento mas a coabitação de experimentação. Os filhos são uma fonte de gratificação pessoal para Miguel, a par de outras esferas de realização e procura de felicidade como a sua vida profissional. O jovem projeta um futuro a curto prazo que é abrir a sua própria empresa (oficina), entre dois a três anos, com a expectativa que com um negócio próprio possa até ter mais tempo para a Margarida e para outro filho que venha a nascer numa futura conjugalidade.

Discussão dos resultados

No ponto anterior elaborámos retratos sociológicos e salientámos informações particulares em eixos temáticos para cada entrevistado (análise vertical). A seguir procura-se discutir os resultados comparando e ressaltando aspetos semelhantes e divergentes dos casos analisados e de forma a confrontá-los, sempre que possível, com a literatura pertinente e com outros trabalhos de investigação.

As investigações levadas a cabo em Portugal, assim como noutros países ocidentais, salientam que a gravidez adolescente e jovem ocorre maioritariamente em meios socialmente desfavorecidos (Figueiredo *et al.*, 2004; Lemos e Leandro, 2004), principalmente em famílias consideradas desestruturadas (Gerardo, 2004b). Os nossos resultados mostram que a parentalidade adolescente e jovem ocorreu em famílias de origem desfavorecida, com histórico de alcoolismo (Bianca, Isabel), de adição de drogas (Bianca), de violência psicológica (Isabel), desemprego (Olívia) e ambientes familiares pouco acolhedoras (João) e/ou que se afastam dos padrões considerados como norma ideal (Carlota e Andreia). Em alguns casos existe tendência intergeracional de gravidez precoce, já que as mães de Sónia, Andreia e João também foram mães muito cedo e o irmão de Andreia também entrou na parentalidade numa idade jovem.

A probabilidade de ocorrer uma gravidez na adolescência é, de acordo com alguns estudos, maior quando a adolescente é filha de mães que também o foram numa idade precoce (Canavarro e Pereira, 2001; Figueiredo *et al.*, 2004; Bonell *et al.*, 2006 e Ferrão, 2008). No nosso estudo, com jovens que foram pais na adolescência mas também na juventude, não se verificou esta característica intergeracional no caso dos pais adolescentes (Olívia, Núria e Miguel).

Das entrevistadas no nosso estudo, os resultados apontam para uma idade média de 15.8 anos da primeira relação sexual. Já no caso dos dois entrevistados, João e Miguel, um teve a primeira relação com 13 ou 14 anos e o outro com 15 anos de idade, respetivamente. Como confirmam Pérez *et al.* (2006), a maioria dos jovens inicia as relações sexuais mais cedo que as gerações anteriores. Miguel menciona a pressão do grupo de pares para o início d atividade sexual, dado este encontrado em Pais (2012) porque a tendência é para os rapazes serem pressionados a terem uma estreia precoce, caso contrário põe-se em causa a sua masculinidade e virilidade. Quando os entrevistados deste estudo são questionados sobre as fontes de informação sobre a sexualidade, a maioria indica a família, mãe e pai, a escola, os profissionais e os amigos. Vilar e Ferreira (2009) conta-nos que são os amigos e as mães que aparecem como

principais agentes de conversação sobre a sexualidade, em que as raparigas preferem a mãe e os rapazes o pai.

Sobre o questionamento do uso de métodos contraceptivos no presente estudo, a maioria admitiu usá-los, nomeadamente o preservativo e a pílula. Contudo, uma das entrevistadas relata o esquecimento da pílula (Isabel), outra tinha a crença de não engravidar (Débora) e outra não havia contado à mãe do início da sua vida sexual (Núria). O caso de Débora é particularmente interessante pela sua atitude e crença face à atividade sexual (aos 17 anos): “eu dizia “quase que não engravidado”. Porque eu passei um ano e nada acontecia. Pronto, deixei andar.” A propósito, Straub (2005) fala-nos no mito da invencibilidade porque os adolescentes acreditam que estão isentos de comportamentos de risco, que nada de errado acontecerá e que da primeira vez não se engravida.

Sobre a constituição familiar, a maioria dos participantes vive em coabitação e apenas Núria é casada com o pai dos seus filhos. Figueiredo (2000) refere que a gravidez na adolescência antecipa novas formas de funcionamento e de relacionamento familiar que não são comuns em adolescentes, mas em indivíduos em idade adulta. Pedrosa (2008 *in* Alves, 2018) explica que maternidade em idade precoce pode envolver as jovens mães em casamentos prematuros (caso de Núria aos 18 anos), ruturas da relação com o(a) progenitor(a) da criança (Andreia, Olívia e Miguel) e monoparentalidade (Sónia). O casal João e Fátima e o casal Miguel e Rita são os entrevistados que ainda residem com a família de origem. Também é nestes casos, a somar-se Sónia, que existe uma dupla maternidade porque as avós também participam nos cuidados aos netos e também existe (casal Fátima e João) e existiu (caso de Miguel) uma conjugalidade em co-residência em casa dos pais. Numa primeira fase pode ser uma ajuda por transmitir segurança e bem-estar (Sónia, Núria e Miguel) mas ao arrastar-se por vários anos pode tornar-se desconfortável e fonte de conflitos como foi para Miguel e para Rita porque, segundo Guerreiro e Abrantes (2007), existem dois casais no mesmo espaço com uma ou mais crianças a cargo.

O testemunho de Núria mostra que a parentalidade funcionou como “trampolim” para o casamento, por imposição familiar, em que o marido lhe atribui status social. A antecipação do casamento foi confirmada na pesquisa de Almeida (1987 *in* Justo, 2000), em que 32% das jovens com 16 anos tinham casado depois de engravidar. No nosso estudo, a constituição de uma unidade doméstica torna-se mais informal, coabita-se em vez de se casar, e alguns casos são resultado de vários momentos de transição, como ruturas conjugais seguidas de recomposições (casos de Andreia e

Olívia). Apenas Bianca e o casal Fátima e João desejam casar pela Igreja, pois têm valores de matriz tradicional e católica. Mas a maioria dos entrevistados prefere a coabitação dispensando o vínculo formal juridicamente confirmado. Tal como é explicado por Aboim e Ferreira (2002) e Santos (2016), a entrada na parentalidade por via da coabitação aponta para a modernização da família. Estamos perante um cenário de dissociações entre sexualidade e casamento, conjugalidade e casamento e parentalidade e casamento (Santos, 2016).

A amostra da pesquisa de Pires *et al.* (2013) mostra que a gravidez na adolescência, entre jovens dos 12 e 19 anos de idade, ocorreu maioritariamente em contextos de namoro duradouros (com mais de um ano) e com homens adultos. No nosso estudo observa-se que o contexto da gravidez não planeada (em todos os entrevistados à exceção de Núria com a segunda gravidez) foi resultado de um namoro, em que o progenitor da criança é sempre mais velho do que a mãe, onde nalguns casos existe grande diferença de idades (casos de Carlota e Andreia com diferença de 7 anos relativamente ao progenitor da criança), algo também observado em vários estudos (Fernandes, 2008; Carvalho, 2012). Apenas Sónia engravidou de uma relação ocasional.

Sobre os sentimentos na descoberta da gravidez, é preciso ter em conta que em alguns casos a reação das figuras parentais mexe com as emoções sentidas nas jovens, em que duas entrevistadas relatam o medo da reação da mãe (Bianca e Olívia) e uma relata o receio da reação do pai (Débora), como confirmam Canavarro e Pereira (2001) e Carlos *et al.* (2007). No estudo de Pais (2012) com enfoque nas representações dos jovens, entre os 15 e os 17 anos, sobre a sexualidade e os afetos, observou-se a existência do receio da gravidez abalar projetos futuros, como é o caso dos estudos e da carreira profissional; outro medo está relacionado com a posição dos pais quando sabem da existência da gravidez: se ela se interrompe e se age como se nada tivesse acontecido ou se se avança para a conjugalidade. O receio dos pais quanto ao futuro dos filhos é algo mencionado por Miguel que, por pertencer a uma família mais favorecida, consegue progredir nos estudos: “O meu pai disse-me para não deixar os estudos e tanto ele como a minha mãe queriam que ao menos tirasse uma licenciatura”. A não aceitação da gravidez por parte dos pais de Olívia também está relacionada com expectativas de prosseguimento de estudos: “[os meus pais] queriam que eu continuasse a estudar. Porque planearam um estilo de vida diferente para mim. Mas como entrei no mercado de trabalho ainda a acabar o 12º depois já não quis continuar.” Não podemos deixar de observar aqui os efeitos cruzados dos contextos de classe social e do género.

Carlota e Isabel experimentam um misto de emoções quando encaram com a notícia, explicação dada por Canavarro e Pereira (2001) sobre a existência de sentimentos contraditórios e confusos, onde se misturam alegria, felicidade, medo, incerteza e angústia em relação ao futuro. Esta conclusão também foi mencionada pelos autores Carlos *et al.* (2007) e por Schirò e Koller (2011 *in* Alves, 2018) e o choque e medo também são característicos no momento da descoberta, sentimentos estes vivenciados por muitos dos nossos entrevistados. Em todos os casos a gravidez não foi planeada e as mulheres desejavam ter filhos mais tarde. Mas gradualmente os adolescentes e jovens, com o apoio dos seus familiares, aceitaram esta condição e o bebé tornou-se desejado, fenómeno que se chama processo de autoassimilação da gravidez (Vilar e Gaspar, 1999), resultado este também encontrado em Carlos *et al.* (2007). Só uma entrevistada teve reincidência de gravidez e esta foi planeada aos 24 anos (Núria). No testemunho de Sónia é visível que o filho lhe vem preencher uma carência afetiva. Este dado corrobora com as ideias de Menezes (1996 *in* Frizzo, Kahl e Oliveira, 2005) e de Justo (2000) sobre a gravidez ser encarada como uma forma de colmatar a problemática afetiva, em especial quando o quadro familiar não oferece suficiente suporte emocional. Apenas uma entrevistada não aceitou a gravidez (Andreia) e tentou a interrupção voluntária da gravidez mesmo já fora do período previsto na lei. É significativo que, à exceção de Andreia, nenhuma das jovens tenha querido interromper a gravidez. Este facto pode estar relacionado com a matriz católica das suas famílias de origem, onde o aborto é encarado de forma negativa. Por outro lado, o facto da maioria das entrevistadas ter ficado grávida por volta dos 23 anos, parece ser encarado, no meio familiar e na rede de amigos, como algo natural e expectável, tendo em conta que nos setores das classes populares as mulheres têm filhos mais cedo.

A família de origem, em particular os pais, constitui um suporte de apoio emocional e material (Pappámikail, 2004a, b), tanto na transição escola-trabalho, como na entrada para o mercado de trabalho e na transição para a parentalidade e conjugalidade (Arnett, 2001), especialmente quando as políticas públicas são insuficientes, algo mencionado por Andreia e pelo casal João e Fátima. A aceitação positiva por parte da família de origem e do progenitor é mencionada pela maioria das participantes, mesmo em casos de rutura *à posteriori*. As redes familiares habitualmente funcionam como redes informais de apoio e os participantes no estudo confirmam essa relevância na adaptação ao papel de mãe (Sónia, Fátima, Núria) e de pai (João e Miguel) por parte da família de origem, com destaque para a figura dos avós. Tendencialmente a família aproxima-se, ainda mais quando existe uma relação conjugal falhada, como é visível nos relatos de Sónia e Olívia. De um modo geral, todos os participantes mencionam a

família como pilar fundamental no processo de parentalidade, pois é ela que transmite informações sobre os cuidados do bebê e em dois casos (Fátima e Miguel) é ela ainda que garante a subsistência económica dos jovens. Estes resultados são semelhantes aos encontrados por Soares *et al.* (2001) e o suporte social recebido no acompanhamento da gravidez e após a mesma é traduzido em ajudas práticas diárias, acompanhamento às ecografias, apoio emocional, instrumental e conselhos sobre os cuidados à criança. Soares *et al.* (2001) e Figueiredo *et al.* (2004) confirmam a valorização atribuída à família de origem da jovem e do companheiro. Quatro entrevistados destacam a figura materna (Sónia, Núria e Miguel) e a figura materna substituta (a avó de Andreia) como elemento principal no apoio, através, nomeadamente, da partilha de experiências. Por exemplo, Núria aprendeu o seu novo papel com a própria mãe no nascimento do primeiro filho e essa orientação já não foi necessária com o segundo filho (Colarusso, 1990). Contudo, a mobilização de recursos materiais e o apoio dado aos pais e mães jovens à guarda e cuidados das crianças são, como mostram vários estudos (Vasconcelos, 2005) desigualmente distribuídos de acordo com os contextos de classe social das famílias.

Nos dois entrevistados que foram pais ainda a frequentar a escola (Núria e Miguel), houve condições das instituições educacionais para a continuidade da formação académica, depoimentos estes que vão de encontro aos estudos de Fabião (2005), Duarte *et al.* (2006 *in* Monteiro, 2012) e Amorim *et al.* (2009 *in* Monteiro, 2012). Estes dois perfis no nosso estudo são opostos, pois Miguel não interrompeu a sua vida escolar devido ao forte apoio dos pais, com recursos económicos. Já Núria abandonou a escola para a aprendizagem do novo papel e menciona não ter retomado os estudos pelo ensino regular (mas ingressou num programa de formação) pela sua falta de interesse, o que pode ter sido uma decisão tomada pelo conhecimento da gravidez, e traduzir-se no processo de desajustabilidade social. Esta conclusão de desmotivação escolar por parte da maioria das adolescentes grávidas também é referida em Carvalho (2012). Assim como na pesquisa de Machado e Silva (2009), também no nosso estudo o absentismo é revelador de um comportamento disruptivo, nomeadamente em três entrevistados (Bianca, Fátima e João) que assumem que foram os grupos de pares os influenciadores, influência esta também mencionada por Carlota. A maioria dos entrevistados passou por “eventos críticos” no seu trajeto biográfico que afetaram a sua trajetória escolar. É de ressaltar que houve acontecimentos traumáticos, como em Carlota, Andreia e Isabel. Isabel conta-nos que teve de crescer demasiado cedo, vindo a perder a sua adolescência, devido aos problemas de alcoolismo do pai. Carlota ao perder a figura paternal tornou-se rebelde, sendo esta memória uma “representação truncada” devido

ao foco num elemento da família ausente (Baret e Gilbert, 2017) e ao difícil luto e a jovem pretende fazer sessões de hipnose para se lembrar da sua infância e dos momentos passados com ele. Andreia também foi alvo de uma tentativa de violação, mas menciona várias vezes no seu discurso o abandono da mãe, sendo uma memória de «representação alterada» de subtipo «problemático», pois fixa-se numa memória onde se vitimiza e ocupa-lhe o primeiro plano da história de vida (Baret e Gilbert, 2017).

Os «caminhos de mobilidade ascendente» caracterizam-se pelo investimento na escolaridade por ser a resposta para um futuro melhor, sinónimo de melhores empregos (Machado e Silva, 2009). Apenas uma entrevistada tenta este caminho (Bianca), dois entrevistados desistiram no primeiro ano de licenciatura (João e Fátima) e um dos pais entrevistados é licenciado e tem uma profissão qualificada (Miguel), devido ao forte apoio e mobilização da família. O percurso biográfico de Miguel e de Débora, ambos oriundos de famílias mais qualificadas e com melhores recursos económicos, são dois bons exemplos das desigualdades de género quando se analisa o impacto da parentalidade jovem para os rapazes e para as raparigas. São elas que desistem dos estudos e até de um trabalho pago para se dedicarem aos filhos.

A maioria dos entrevistados já tinha deixado a escola, após a conclusão do secundário (12^o ano) e encontrava-se no mercado de trabalho quando ocorre a gravidez, sendo que o primeiro emprego foi quase sempre precário, nas áreas da restauração (Sónia, Carlota, Andreia, Isabel), hotelaria (Bianca) e atividades de serviços (João como agente comercial, Débora num jardim de infância, Olívia como operadora de caixa e Fátima como operadora de loja). Foram quatro as participantes que conseguiram o primeiro emprego por via das redes informais de proximidade, sendo elas Carlota, Olívia, Fátima e Isabel, à semelhança do estudo de Machado e Silva (2009) sobre jovens de meios desfavorecidos. Quase todos os entrevistados mencionam o ganho de independência pela via profissional e Andreia e Débora associam claramente a obtenção do primeiro emprego ao estatuto de adulto. A independência financeira e a autonomia conseguidas através do trabalho são discutidas nos estudos de Dias (2013) e Ferrão (2008) porque dão aos jovens a noção de serem adultos, alterando o seu estatuto e papéis sociais. Castel atribui um sentido económico, social, cultural e psicológico ao trabalho porque determina a personalidade e a identidade dos indivíduos nos campos das redes de sociabilidade, recursos económicos e estilos de vida (Beck, 1992; Bauman, 2001). O trabalho é uma fonte de reconhecimento social pois é a partir dele que se garantem as necessidades pessoais e capacidades que conferem a posição na estratificação social (Beck, 1992). O trabalho dá a noção de estabilidade na vida dos indivíduos (Dias, 2013), cria uma imagem positiva e ajuda a controlar o futuro (Castel, 2000; Bauman, 2001). O

caso de Núria mostra que a entrada precoce no mercado de trabalho, aos 17 anos, e um vínculo laboral precário (emprego sem contrato), expõe as jovens mães a uma condição de maior vulnerabilidade social. Núria abandonou o trabalho para se dedicar exclusivamente à família, achando que a baixa escolaridade seria sempre um obstáculo para a obtenção de um emprego satisfatório e minimamente estável.

O período da adolescência é marcado por mais tempo passado com o grupo de pares e menos com a família (Claes, 1985) mas em contexto de gravidez precoce e jovem o relacionamento com a família de origem ganha importância (Vilar e Gaspar, 1999; Soares *et al.*, 2001; Silva e Ferreira, 2009). A tendência também encontrada no nosso estudo é o relativo afastamento do grupo de pares quando, em contrapartida, as figuras adultas e familiares se aproximam. Mas enquanto as nossas entrevistadas abordam a parentalidade centrada no aumento de responsabilidades, e no desempenho de um novo papel, os dois rapazes colocam a tónica e lamentam a menor disponibilidade para sociabilidades e tempos livres. Como sugere Nogueira *et al.* (2011 *in* Alves, 2018) a parentalidade faz com que os adolescentes ocupem novos lugares, assumam novos papéis e deem um novo significado aos seus projetos de vida. Contudo, a parentalidade jovem assume diferentes significados consoante é vivida no feminino e no masculino. Para eles significa uma perda (nas sociabilidades e lazes), para elas apresenta um ganho (nas responsabilidades, estatuto e papel social). Gerardo (2004a) ao analisar mães adolescentes concluiu que estas tentam ajustar a sua nova condição à sua idade (ser mãe e adolescente) e colocam o seu papel maternal como prioridade, à semelhança das nossas entrevistas, vindo a desistir de alguns comportamentos adolescentes. Monteiro (2012) refere igualmente que existe um decréscimo da rede social na vida das mães adolescentes comparativamente às mães adultas. Tal resultado é também encontrado neste estudo porque houve casos em que as oportunidades de sociabilidade e de convivalidade diminuíram mais para elas do que para eles. No processo de transição para a parentalidade, ficou claro em Andreia, João e Fátima, Núria, Débora e Miguel o amadurecimento, a postura responsável e o lado afetivo em relação aos filhos. No entanto este é um processo mais gradual para eles e que acontece numa idade mais madura, veja-se o caso de Miguel, enquanto que para as jovens mães, independentemente da idade, trata-se de uma transição brusca e mais exigente, tendo em conta a vigilância e o olhar crítico a que estão permanentemente sujeitas no seu desempenho enquanto mães. Berthoud (2003 *in* Levandowski, 2005) salienta que a chegada do novo membro potencia uma mudança de foco de interesses para o filho, onde se toma consciência do novo papel e de ser cuidador, com perda de sociabilidade juvenil. Sónia, Olívia e Miguel são os jovens que continuam a ter uma vida social ativa,

a primeira por conta do apoio da mãe e das irmãs, Olívia por ter a guarda partilhada, com residência alternada, e Miguel pelo apoio dos pais e da empregada doméstica, embora todos eles reconheçam que o nascimento da criança não lhes permite ter tanta liberdade. O impacto das sociabilidades nos jovens difere um pouco em função do envolvimento dos avós, também como Fernandes (2008) concluiu.

No que concerne à experiência da parentalidade, todos os entrevistados mencionam uma educação assente num ideal de parentalidade intensiva (Cruz, 2005), que significa proporcionar as condições “perfeitas” para o desenvolvimento das crianças nem sempre compatíveis com as condições socioeconómicas dos jovens pais. Para além de satisfazer todas as necessidades básicas das crianças, valorizam um ambiente seguro, estruturado, de confiança e ao mesmo tempo querem supervisionar, disciplinar e impor regras aos filhos. Há dois casos em que a criança vive ora com o pai ora com a mãe, em períodos iguais, tratando-se de guardas partilhadas com residência alternada (Olívia e Miguel). Este acordo foi estipulado tendo em vista o bem-estar dos filhos, onde é permitido um funcionamento quotidiano de acordo com rotinas temporais, e ambos os progenitores são figuras de identificação, o que possibilita a continuidade de laços principalmente com o pai. A propósito disso Schwartz (1987) reflete sobre a guarda partilhada, em que as relações familiares ultrapassam as residências, e a atenção, os cuidados e a educação não recaem apenas num dos progenitores que habitualmente é a mãe, contrariando assim a tendência para a figura do pai ausente em caso de separação. Mas tal como referem vários estudos (Marinho e Correia, 2017), são as próprias mulheres, muitas vezes, que não querem abrir mão do seu poder maternal. Olívia, de início, não lhe agradou a ideia da residência alternada, achando que a criança era muito pequena para ficar aos cuidados do pai sem a presença da mãe. Miguel apesar de estar separado da mãe da sua filha, continua a fazer atividades em conjunto com ela, de forma a que haja estabilidade no relacionamento do ex-casal com a criança. Esta preocupação é mencionada por Baret e Gilbert (2015) do lado paterno. No nosso estudo, os pais jovens pretendem ser pais participativos nos cuidados à criança, embora com maior ou menos intensidade (à exceção do caso do companheiro de Débora), e de uma maneira geral pretendem estar afetivamente próximos dos seus filhos. Estas transformações e ruturas geracionais nos papéis e identidades masculinas também puderam ser observadas na pesquisa *A vida familiar no masculino* (Wall, Aboim e Cunha, 2010) em que os homens entrevistados declaram querer ser diferentes da figura mais distante e emocionalmente menos próxima dos seus pais. O envolvimento no cuidado dos filhos é, de facto, a esfera onde os homens participam mais, uma vez que a afetividade é atualmente compatível com a masculinidade (Schouten, 2011). Este

aspecto não deixa de ser visível nos testemunhos de Andreia, Olívia, Bianca, Fátima, Isabel e Núria quando falam do envolvimento do pai biológico ou do companheiro atual com as crianças.

O indivíduo projeta-se como pai ou mãe partindo do seu modelo de referência parental, sendo usado como repetição ou transformação, de forma a preparar-se para a chegada do bebé (Colarusso, 1990). Tal como nos explica Colman & Colman (1994) e Levandowski (2005), os jovens querem fazer como os pais (casos de Carlota, Olívia, Isabel, Núria, Débora) ou fazer diferente deles (casos de Sónia, Bianca, Fátima, João e Miguel), nas suas condutas e orientações. Existem modelos positivos e negativos que podem não coincidir com os pais. Mesmo na ausência desses modelos parentais, como no caso de Andreia, ela apoia-se na educação dada pela sua avó materna, ou seja, existe sempre a necessidade dos jovens possuírem referências de transmissão. Existem dois casos de acontecimentos passados que entraram em reavaliação para o modelo de referência parental, nomeadamente, Andreia que diz ter sido abandonada pela mãe em casa da avó, e Isabel que durante a adolescência se apoiava mais na mãe devido aos problemas de alcoolismo do pai. Michell (2007) chama “efeito dominó” à perspetiva *life course* entre o passado, o presente e o futuro, visto que as mudanças ocorridas ao longo da vida podem ser explicadas a partir de acontecimentos passados. A temporalidade de cada evento influencia a trajetória de vida, onde um dado acontecimento tem impacto nos diferentes momentos da vida de cada um (*in* Nico, 2011). O sujeito ao tornar-se pai e mãe não é apenas portador de uma história, mas também é protagonista da mesma (Baret e Gilbert, 2017). De forma a repararem a sua própria história, Andreia e Isabel desejam que as suas filhas não passem pelo que elas passaram e pretendem proporcionar-lhes uma família melhor do que elas tiveram. As expectativas que Isabel tem como mãe são baseadas na sua própria mãe, por se identificar com ela enquanto cuidadora e protetora, replicando esse laço com a filha.

Todos os entrevistados viram a sua vida alterada com a experiência da parentalidade porque transformaram o seu tempo em convivência com os filhos, resultando numa redução das sociabilidades juvenis, maior sentimento de maturidade e de responsabilidade e falta de tempo para a individualidade e para a conjugalidade. Estes resultados não estão necessariamente associados à parentalidade adolescente e jovem, pois estas dificuldades, a que vêm juntar-se o cansaço, as birras e a difícil conciliação entre vida profissional e vida familiar, que afetam sobretudo as mulheres, podem estar presentes igualmente em adultos, que são pais numa idade menos jovem (Levandowski (2005; Marques, 2009; Wall, Aboim e Cunha, 2010).

Como foi referido na literatura, existe a crença de que a mulher dispõe de qualidade inatas e de talento de género para cuidar dos filhos e tal é referido nas narrativas de Sónia, Carlota, Fátima e Isabel. Assume-se um talento de género com base na crença que as mães têm vínculos únicos com as crianças e conhecimentos “naturais” sobre como cuidar delas (Cowdery e Knudson-Martin, 2005). As expectativas em relação aos jovens pais já são mais flexíveis e a avaliação sobre o seu desempenho enquanto «aprendizes de pais» também se mostra mais tolerante e compreensiva. Os pais de Miguel sentem-se orgulhosos do filho e costumam elogiá-lo sempre que ele faz algo “certo” nos cuidados ao bebé.

Após o nascimento do bebé, nos casos do casal João e Fátima e do casal Carlota e Luís, podemos observar claramente um menor investimento na relação conjugal dado o maior envolvimento na relação com a criança. Este dado está em consonância com a pesquisa longitudinal com pais adultos de Correia (2001 *in* Levandowski, 2005) e com a pesquisa de Levandowski (2005), uma vez que a conjugalidade e o investimento em si próprios ficam para segundo plano. João e Fátima mencionam a falta de tempo em casal e a sua falta de autonomia residencial (em casa dos avós e em casa dos pais, respetivamente) como obstáculos à construção da intimidade do casal, mesmo vivendo juntos ao fim de semana em casa dos pais da jovem: “já não temos tempo para nós. Há outras prioridades.”; “[gostava de] uma casa para nós. É diferente... Andamos à procura, mas não está fácil” (João); “termos tempo para nós os dois é o mais complicado.”; “(...) trabalhar por turnos não facilita em termos tempo para nós também.” (Fátima). Se na «*família instituição*» a felicidade do indivíduo dependia da felicidade da família, na «*família companheirista*» de cariz modernista, a felicidade da família depende da felicidade de cada um dos seus membros, fortemente assente no projeto conjugal (Singly, 1993; Santos e Dias, 2016).

Tendo em conta a perspetiva teórica geracional da juventude, parece-nos importante ver o que muda e aquilo que permanece ao nível das representações, dos valores e das práticas. Por exemplo, Santos e Dias (2016) acerca da modernização familiar explicam que os ideais são baseados em valores companheiristas e de igualdade de género. Pelo menos ao nível das representações sociais os entrevistados tendem a defender a igualdade na divisão das tarefas e cuidados aos filhos, assim na divisão conjugal do trabalho pago. Carlota, Fátima e Isabel têm cônjuges mais participativos e nestes casos as práticas aproximam-se dos ideais. No entanto, foi perceptível algumas contradições entre o discurso e as práticas sobre a divisão das tarefas domésticas e parentais, nomeadamente em Andreia, Núria e Débora. Débora apresenta um certo conformismo acerca da desigualdade na repartição das tarefas domésticas e parentais e exige pouco

do seu companheiro. O perfil de Núria, e de quase todas as entrevistadas, encaixa-se nas conclusões de Lalanda (2005) e de Carvalho (2012) acerca das mulheres com menores capitais escolares e profissionais que se centram na família e no papel maternal como fonte de gratificação e de construção identitária, valorizando os papéis femininos mais tradicionais, mesmo quando têm um emprego pago em detrimento de outras esferas da vida.

Dado o cenário contemporâneo de dificuldades no mercado de trabalho, os jovens enfrentam sérios obstáculos no que diz respeito à autonomia financeira, o que os leva a pairar entre o medo e a esperança (Bauman, 2001; Lipovetsky, 2011), sentimento muito evidente nos casos de Olívia, João e Núria. A pesquisa de Silva e Ferreira (2009) com mães adolescentes mostra projetos pessoais e profissionais muito centrados no futuro imediato. No presente estudo, o futuro a curto prazo é também o que mais se destaca nos discursos dos entrevistados. Arranjar emprego (Bianca) ou mudar de emprego para abrir um negócio (João, Fátima e Miguel), arranjar casa (Fátima, João e Isabel) e eventualmente prolongar os estudos (Débora) são os aspetos mais mencionados. O projeto conjugal de João e Fátima em arranjar casa como forma de emancipação da família de origem depende da melhoria de vida. Tirar um curso superior vai depender, no caso de Débora, de arranjar um trabalho compatível com os estudos e, ao mesmo tempo, com os cuidados ao bebé. Miguel, engenheiro mecânico e filho de um pai empresário, parece ser o que tem mais chances de realizar o seu projeto de negócio, em contraste com outros entrevistados pertencentes a meios descapitalizados.

A primeira hipótese considera que “a gravidez na adolescência e juventude possibilita um ganho estatutário”. Ferrão (2008) que só analisou mães adolescentes vê esta hipótese confirmada e no nosso estudo também é nas participantes que foram mães na adolescência que este ganho mais se verifica (Olívia e Núria). Houve casos em que a transição para a vida adulta ficou mais consolidada com a vivência em conjugalidade e outros pela via da transição ocupacional e residencial. O projeto familiar aliado à conjugalidade valoriza socialmente os adolescentes e jovens na mudança dos seus papéis e estatutos sociais. Os filhos permitem uma aceitabilidade pelos círculos sociais envolventes (casos de Andreia e Núria). Para Núria a gravidez na adolescência revelou ser um meio adequado a de obtenção de estatuto social, a que se juntou o casamento.

Núria, que foi mãe aos 16 anos, conta que era muito criticada pelos familiares e vizinhos pelas suas constantes saídas e sociabilidades juvenis. A partir do momento em que foi mãe começaram a vê-la com “outros olhos”, isto é, mais adulta e responsável. Este é um caso em que a transição precoce para a maternidade é nitidamente encarada

como um ganho estatutário e uma espécie de trampolim para a idade adulta. O desempenho de um papel feminino de cariz tradicional, ser mãe a tempo inteiro e cuidar das tarefas da casa, é, no seu meio, socialmente valorizado: “Acho que o facto de ter abdicado do trabalho¹⁸ para me dedicar só à família ajudou a pensarem que já tenho mais cabeça. Vizinhos e tudo estavam sempre a criticar o facto de eu não parar muito em casa antes de ser mãe” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica).

A parentalidade é vivenciada de maneiras diferentes e assume diferentes significados no masculino e no feminino. Para elas trata-se de uma transição brusca, rodeada de exigências, responsabilidades e pressão para serem «boas mães»; enquanto para eles a transição para a parentalidade é menos exigente e um processo mais gradual que nem sempre implica abdicar das sociabilidades e convívios juvenis (caso do Miguel e do cônjuge de Débora).

“Senti que a partir [da 1ª ecografia] ia ser mais responsável”; “[Adulta] quando já estava quase a ter a menina. Porque fui reduzindo as saídas” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica).

“De início, como ela era tão pequenina, deixa-a entregue aos meus pais ou à empregada deles para ir jogar futebol. (...) os meus pais sempre me foram dando conselhos e quando fazia as coisas bem, eles orgulhavam-se porque para a idade que tinha...” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).

“(...) Ainda quer viver aquela vida...ainda é novo mas somos todos não é? Acho que ainda não caiu muito em si” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).

“(...) Mas quem vive de perto, vêem-me como uma boa mãe, que me mato a trabalhar para o meu menino ter uma vida estável.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);

“Acho que estão contentes com o meu papel de mãe e o facto de estar sozinha e conseguir cuidar dele e de conseguir conciliar tudo com o trabalho. (...)” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);

“A minha avó diz que ficou surpreendida. Disse que não pensava que eu fosse assim tão boa mãe. (...)” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).

Muitos destes jovens, rapazes e raparigas já tinham passado por algumas transições consideradas fundamentais para aceder à vida adulta: deixaram a escola, saíram de casa dos pais, entraram na conjugalidade e no mercado de trabalho. A entrada na

¹⁸ A opção de Núria de ser mãe a tempo inteiro e abdicar de um trabalho pago fora de casa não é alheia ao facto dela receber o Rendimento Social de Inserção. Entre ter um emprego desqualificado e mal remunerado, dado as suas baixas qualificações escolares e profissionais, e ficar em casa a receber o RSI, Núria optou por ficar em casa, ser doméstica e mãe a tempo inteiro, condição valorizada enquanto papel social feminino.

parentalidade só veio consolidar a transição para a vida adulta e o sentimento de ser adulto.

“(...) Porque já não vivo com os meus pais, já ganhava o meu dinheiro” (Débora, mãe aos 23 anos e a viver em conjugalidade quando a filha nasceu, desempregada).

“(...) desde os 19 anos, ao sair de casa, ao ganhar dinheiro. (...) sem depender de ninguém (...)” (Andreia, mãe aos 23 anos, a viver em conjugalidade quando a filha nasceu, separou-se e foi para casa da avó; vive hoje numa família recomposta, empregada de balcão).

“Ali aos 21/22. Mudei por mudar. Também o nascimento do meu filho ajudou” (João, pai aos 23 anos, segurança privado).

“Fomos logo viver juntos. Já tínhamos falado em viver juntos antes de acontecer, então fomos logo” (Bianca, mãe aos 20 anos, entrou em conjugalidade após o anúncio da gravidez, estudante de licenciatura).

Os nossos resultados indicam que o significado da parentalidade como um ganho estatutário e um “acelerador” para a vida adulta em meios desfavorecidos é válido, sobretudo, para as mulheres jovens e não tanto para os jovens pais¹⁹. Mesmo quando elas valorizam o trabalho remunerado e o papel de ganha pão feminino (caso das mães sós) fazem-no em função dos filhos e num contexto em que o papel maternal assume o papel principal. Sónia, exemplo de mãe só (sem conjugalidade), diz que se mata a “trabalhar para o seu menino ter uma vida estável” e Carlota orgulha-se do seu papel de figura parental principal (por motivo do cônjuge trabalhar no estrangeiro), por ser capaz de, sozinha, conseguir “conciliar tudo”, dois trabalhos e os cuidados ao filho.

Quase todas as entrevistadas partilham a ideia de que as mulheres são diferentes por serem mães e que isso as torna especiais, elevando assim, por via da maternidade, o seu estatuto social através do olhar que têm sobre si próprias (ganho íntimo) e através do olhar de outros significativos (ganho estatutário). As jovens mães valorizam a maternidade como laço biológico e a relação única, especial e insubstituível que se estabelece entre a mãe e a criança:

“É o sonho de todas as mulheres serem mães” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).

“Para além de passar 9 meses no nosso corpo, é um filho que será sempre nosso, um amor que não lhe consigo explicar...” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).

¹⁹ Contudo, torna-se necessário uma base empírica mais alargada no caso da paternidade adolescente e jovem. Em meios desfavorecidos, a entrada na parentalidade tende a reforçar e a intensificar o papel de ganha pão masculino (pela necessidade de trazer mais dinheiro para casa), enquanto em meios favorecidos os homens tentam dedicar-se menos à sua carreira profissional para terem mais tempo para os filhos (Marques, 2009; Wall, Aboim e Cunha, 2010). Assim, podemos prever que no caso dos homens que são pais cedo o mesmo possa vir a acontecer, em meios descapitalizados.

“Porque é uma grande felicidade e é algo que é só nosso” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância).

Os nossos dados, à semelhança de outros estudos (Lalanda, 2005; Carvalho, 2012), mostram que nos setores operários e executantes das classes populares com baixas qualificações escolares, as mulheres estão mais dependentes das representações de género, nomeadamente, da maternidade como sinónimo de feminilidade. A valorização do papel de mãe enquanto esfera principal de realização e construção da identidade pessoal está muito presente em todas as jovens entrevistadas. Mesmo no caso de Bianca que está a tirar um curso de licenciatura e “gostava muito de arranjar emprego como designer”. Esta jovem não hesitou em encarar a possibilidade de um dia deixar de trabalhar para se dedicar ao filho, se os horários do emprego forem incompatíveis com a vida familiar, o que parece ser contraditório com um trajeto pessoal de conquista de autonomia e realização através da profissão²⁰.

Os resultados da nossa investigação confirmam a segunda hipótese de que as redes sociais de apoio às mães e pais jovens baseiam-se fundamentalmente em apoios familiares informais. São os testemunhos de Sónia, Fátima, João, Núria e Miguel que mais confirmam a importância do suporte dos pais desde o início da gravidez. Existe uma espécie de dupla maternidade com a presença e o envolvimento dos avós: Sónia no primeiro mês de vida do bebé e ainda hoje dorme, muitas vezes, em casa da mãe; Fátima vive em casa da família de origem e o seu cônjuge João salienta a importância da ajuda familiar na adaptação ao novo papel; Núria prolongou a estadia em casa dos pais até aos 17 anos e Miguel viveu com a Rita em casa dos pais e aí permaneceu após a separação do casal. O sentimento de segurança dá aos adolescentes e jovens pais confiança quando se vêm receosos ou com dúvidas em relação às exigências e mudanças que a maternidade traz consigo (Mendes *et al.*, 2011), algo expressamente mencionado por Sónia, Núria e Miguel. Conforme verificado na nossa investigação, a família garante a subsistência económica da adolescente ou jovem (Fátima, Núria e Miguel) e fornece-lhe informações sobre como cuidar do bebé; já os grupos de pares funcionam mais como apoio emocional, dados que se coadunam com os de Monteiro (2012).

A pergunta “de que modo é que ser mãe/pai na adolescência e numa idade jovem afeta os projetos de vida?” encontra resposta nas trajetórias escolares, profissionais e

²⁰ À pergunta “Achas que 74...”, Bianca responde “sim, sem dúvida”. “Definitivamente” e não por um certo período de tempo. Contudo se nas questões anteriores, ela parece estar a projetar-se no futuro quando avalia a conciliação entre trabalho e vida profissional (a jovem antes de engravidar experimentou dois trabalhos por turnos, como empregada de andares e no McDonald’s), parece, por outro lado, falar no presente e na sua dificuldade atual em arranjar emprego compatível com os estudos e os cuidados do filho: “Eu acho complicado arranjar um emprego...eu não consigo estar num emprego por turnos porque estaria a abdicar do tempo que tenho com ele.”

familiares dos nossos entrevistados. Carlota não investe a nível profissional porque não se aventura com horários uma vez que é ela que assume o principal papel parental. Olívia trabalha a part-time para conseguir ter tempo para o filho. Débora só retoma os estudos se conseguir conciliar o estatuto de trabalhadora estudante com os cuidados à criança e Miguel com várias propostas de emprego qualificado, escolheu o trabalho mais perto da sua área de residência. Em relação ao impacto da entrada na parentalidade nos percursos biográficos dos jovens, na sua relação com os processos de transição para a vida adulta, podemos dizer que existem diferentes formas de experienciar a parentalidade, em que a classe social, o género, a transição residencial e ocupacional, a vivência da conjugalidade (ou a sua ausência) e a (in)dependência financeira dos adolescentes e jovens são os principais fatores que condicionam essa passagem. Em pertenças sociais desfavorecidas, a parentalidade acelera a emancipação familiar através da entrada na conjugalidade e através da aquisição de um novo estatuto – ser mãe/pai e adulto. Quanto mais favorecido for o contexto social de origem, menores as interrupções na vida escolar e profissional, pois neste caso os jovens dispõem de recursos económicos e afetivos, diminuindo assim o impacto que a parentalidade causa nos seus percursos de vida. Na transição para a parentalidade existe um perfil ancorado em meios mais desfavorecidos, com ambições de frequência universitária, forte apoio dos pais e estadias mais prolongadas na casa da família de origem, como é o caso de Fátima (que estudou em Coimbra), e sobretudo de Miguel.

Considerações finais

No presente estudo, analisámos a transição biográfica para a parentalidade e procurámos reconstruir o seu processo (antes e após o anúncio da gravidez), explorando eventos marcantes no percurso de vida dos jovens, representações, práticas e situações familiares, a partir das suas experiências individuais. Existem diferentes formas de experienciar a parentalidade, em que a classe social, o género, as transições residencial e ocupacional, a conjugalidade e a (in)dependência financeira dos adolescentes e jovens são alguns dos fatores que condicionam a transição para a vida adulta. O fenómeno da gravidez adolescente e jovem faz com que os jovens experienciem diversos percursos e sentimentos, dependendo do suporte familiar e social em presença, sendo o mais importante dado pela família de origem e pelo parceiro conjugal.

A realização deste estudo tornou possível a obtenção de respostas às interrogações e objetivos inicialmente definidos.

Acerca da primeira hipótese, nem sempre a gravidez é o “trampolim” para a transição para a vida adulta pois alguns jovens já se consideravam adultos antes de serem pais e já viviam em conjugalidade (Carlota, Andreia, Isabel e Débora) ou, então, precipitaram a entrada em casal quando a gravidez se anunciou (Olívia, Bianca e Miguel). É nos casos das jovens que foram mães na adolescência (Olívia, Núria) que o ganho estatutário associado à maternidade surge com maior nitidez e acelera o processo de transição das jovens para a vida adulta. A segunda hipótese foi confirmada e, em todos os entrevistados, o suporte familiar é mencionado como um aspeto fundamental na vida dos jovens pais.

Através de uma abordagem qualitativa, foi possível observar uma multiplicidade de significados e modos de viver a parentalidade jovem, tendo em conta os perfis sociais, o género e os percursos biográficos dos entrevistados. O nosso estudo mostra que a juventude não é uma categoria homogénea e que, ela própria, é atravessada por desigualdades sociais e de género.

É importante realçar que a parentalidade adolescente e jovem nem sempre é vivida, do ponto de vista subjetivo, como um acontecimento negativo na vida dos indivíduos, causando ruturas biográficas, e que as relações conjugais não têm de ser necessariamente curtas comparativamente às dos adultos (Levandowski, 2005).

Contudo, as jovens mães entrevistadas acumulam uma série de desvantagens sociais por serem oriundas quase todas de meios com menores recursos e capitais escolares, por elas próprias terem abandonado os estudos e começado a trabalhar cedo (neste aspeto os pais dos seus filhos seguem trajetórias semelhantes), em empregos precários e/ou pouco qualificados e mal remunerados; algumas interromperam potenciais trajetórias de manutenção ou ascensão social devido a eventos críticos na sua biografia, como a morte de familiares, o excessivo controlo parental (que no caso de Débora dificultou o prosseguimento dos estudos na universidade) ou, ainda, porque a entrada na parentalidade numa idade jovem e o centramento no papel maternal as levou a desistir dos estudos para arranjar um emprego ou até a desistir de um emprego por dificuldades de conciliação com os cuidados à criança, o que já não acontece com os jovens pais. Em contextos familiares do meio operário e de empregados executantes filhos e filhas têm uma relação diferente com a escola (Almeida, André e Cunha, 2005), sendo as raparigas melhor sucedidas na conclusão de estudos secundários e universitários. A maternidade precoce, como mostram os resultados do nosso estudo, contraria esta tendência, para além de ser desfavorável ao reforço da autonomia pessoal em grupos sociais com baixas qualificações escolares e profissionais.

Como foi empregue uma abordagem não probabilística de “bola de neve” no recrutamento dos entrevistados, estamos conscientes da limitação para encontrar uma maior diversidade de percursos biográficos, tendo em conta os contextos sociais, o género e as situações familiares. Porém, a caracterização sociográfica em profundidade dos entrevistados revelou alguma diversidade em termos de contexto social de classe e foram encontrados participantes oriundos de famílias com maiores recursos económicos e capitais escolares, como é o caso de Débora e Miguel.

Não se pode descartar igualmente o fenómeno da desejabilidade social, pois as respostas dadas pelos participantes podem ter sido influenciadas por uma imagem positiva que se pretende transmitir em contexto de entrevista, de acordo com o que é socialmente esperado de um «bom pai» e, principalmente, de uma «boa mãe».

Em termos de futuras investigações, e dada a escassez de estudos com pais adolescentes e jovens do sexo masculino, seria importante a inclusão desta população, ainda mais que este estudo só contou com a participação de dois jovens. Estes pais poderão dar-nos uma visão do significado da parentalidade do ponto de vista masculino de modo a explorar melhor as questões relacionadas com a desigualdade de género e as mudanças nos papéis e identidades masculinas. As narrativas dos entrevistados fizeram-nos repensar na esfera da vida conjugal, que não foi tão explorada neste estudo mas que

sabemos estar intimamente ligada à forma como se vivencia a parentalidade e aos significados que lhe estão associados (Wall, Aboim e Cunha, 2010).

De igual modo, estudos longitudinais realizados em diferentes momentos da vida das mães e dos pais parecem-nos importantes para compreender a mudança de crenças, expectativas e comportamentos face à parentalidade, tendo em conta a idade, acontecimentos marcantes no percurso de vida dos indivíduos e as suas trajetórias de mobilidade social.

Referências bibliográficas

Aboim, Sofia (2010), “Género, família e mudança em Portugal” In Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (Ed.), *A vida familiar no masculino. Negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, pp. 39-66

Almeida, Ana Nunes, André, Isabel e Cunha, Vanessa (2005), “Filhos e filhas: uma diferente relação com a escola” In Karin Wall (Org.), *Família em Portugal*, Lisboa, ICS, pp.517-550

Alves, Sandra Coutinho (2018), *Parentalidade na adolescência: O impacto na vida adulta e a intervenção do serviço social*, Dissertação de Mestrado em Serviço Social, ISCTE

Arnett, J.J. (2001), “Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife”, *Journal of Adult Development*, vol. 8, nº 2, pp. 133-143

Almeida, Ana Nunes de (2016), “A queda da fecundidade: o seu lado solar” In Vanessa Cunha, Duarte Vilar, Karin Wall, João Lavinha e Paulo Trigo Pereira (Org.), *A(s) Problemática(s) da Natalidade em Portugal: uma questão social, económica e política*, Lisboa, ICS, pp. 73-79

Almeida, Ana Nunes de, André, Isabel Margarida e Laland, Piedade (2002), “Novos padrões de outros cenários para a fecundidade em Portugal”, *Análise Social*, volume 37, nº 163, pp. 371-410

Almeida, André Filipe, Oliveira, Isabel e Jaleco, Ana (2011), *Gravidez na Adolescência - estudo epidemiológico em adolescentes da população escolar do concelho de Odivelas*, Licenciatura em Análises Clínicas e Saúde Pública, Universidade Atlântica, Lisboa

Amâncio, Lúcia (1992), "As Assimetrias nas Representações de Género", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 34, pp. 9-22

Amâncio, Lúcia (1993), "Género - Representações e Identidades", *Sociologia, Problemas e Práticas*, Nº 14, pp. 127-140

Amâncio, Lúcia (1994), *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento

Araújo, Eliana (2007), *Representações da sexualidade e os jovens de hoje*, Projeto em Sociologia, Universidade da Beira Interior

Ariès, Philippe (1986), *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro, Guanabara

Ariès, Philippe (1988), *A criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*, Lisboa, Relógio d'Água

Augusto, Nuno (2006), *Novos Atores Sobre Velhos Palcos: juventude, política e ideologias no Portugal democrático*, Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior

Badinter, Elisabeth (1985), *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira

Badinter, Elisabeth (1998), *O amor incerto: história do amor maternal do séc. XVII ao séc. XX*, Lisboa, Relógio D'água

Badinter, Elisabeth (2010), *O conflito: a mulher e a mãe*, Lisboa, Relógio D'água

Beauvoir, Simone de (2015), *O segundo sexo*, Lisboa, Quetzal Editores

Beck, Ulrich, (1992), *Risk Society: towards a new modernity*, New Delhi

Borges, Ana (2007), "Pressão social do grupo de pares na iniciação sexual de adolescentes", *Revista de Enfermagem da USP*, vol. 41, pp. 782-786

Bourdieu, Pierre (1984), "A juventude é apenas uma palavra", *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero

Baret, C. e S. Gilbert (2015), "Parentalidade descontente entre jovens descontentes: quando se tornar pai é sinônimo de autoexclusão", *Family Research*, n° 12, p. 263-277

Baret, Caroline e Gilbert, Sophie (2017), "Mémoire familiale chez des jeunes parents en difficulté: mécanismes de représentation et de narration d'une histoire familiale tourmentée", *Enfances, Familles, Générations*, n° 26

Bauman, Zygmunt (2001), *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Zahar

Bonell, C., Allen, E., Strange, V., Oakley, A., Copas, A., Johnson, A. & Stephenson, J. (2006), "Influence of family type and parenting behaviours on teenage sexual behaviour and conceptions", *Journal of Epidemiol Community Health*, vol. 60, nº 6, pp. 502–506

Caetano, Ana (2018), "O léxico das crises biográficas", *Análise Social*, vol. 53, nº226, pp. 88-111

Canavarro, M. C. e Pereira, A. I. (2001), "Gravidez e maternidade na adolescência: Perspectivas teóricas" In M. C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade*, pp. 323-355, Coimbra, Quarteto Editora

Carlos, Ana Isabel, Pires, António, Cabrita, Telma, Alves, Helena, Araújo, Cármen e Bentes, Maria Helena (2007), "Comportamento parental de mães adolescentes", *Análise Psicológica*, vol. 25, nº 2, pp., 183-194

Carvalho, Paula Susana Loureiro Saraiva de (2012), *Fatores de Influência individuais, psicossociais e relacionais para a ocorrência de gravidez na adolescência em Portugal Continental*, Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade da Beira Interior

Chanfrault-Duche, T. M. F. (1988), "Le système interactionnel du récit de vie", *Sociétés, Revue des sciences humaines et sociales*, Paris, Editions Masson, vol. 18, pp. 26-31

Castel, Robert (2000), "A precariedade: transformações históricas e tratamento social" in Marc-Henry Soulet (Org.), *Da Não-integração*, Coimbra, Quarteto, pp. 21-38

Claes, Michel (1985), *Os problemas da adolescência*, Lisboa/São Paulo, Verbo

Coelho, Cátia Sofia Russo (2017), *Famílias Multiproblemáticas: A percepção da sua parentalidade*, dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais

Colarusso, Calvin A (1990), "The third individuation: the effect of biological parenthood on separation-individuation processes in adulthood", *Psychoanalytic Study of the Child*, vol. 45, nº 1, pp. 179-194

Coleman, James S. e Husen, Torsten (1985), *Tornar-se adulto numa sociedade em mutação*, Porto, Edições Afrontamento

Colman, Libby Lee e Colman, Arthur (1994), *Gravidez: A experiência psicológica*, Lisboa, Edições Colibri

Connolly, J.; Craig, W.; Goldberg, A. & Debra Pepler (1999), “Conceptions of Cross-Sex Friendships and Romantic Relationships in Early Adolescence”, *Journal of Youth and Adolescence*, vol. 28, nº 3, 219-251

Cowdery, Randi e Knudson-Martin, Carmen (2005), “The Construction of Motherhood: Tasks, Relational Connection, and Gender Equality”, *Family relations*, vol. 54, nº 3, pp. 335-345

Cruz, Orlanda (2005), *Parentalidade*, Coimbra, Quarteto

Cunha, Vanessa (2005), “As Funções dos Filhos na Família” In Karin Wall, (Org.), *Famílias em Portugal*, Lisboa, ICS, pp. 465-497

Cunha, Vanessa (2007), *O lugar dos filhos: ideais, práticas e significados*, ICS

Cunha, Vanessa (2012), “O filho único na sociedade portuguesa: contributo sociológico para a compreensão da baixa natalidade” In Maria Filomena Mendes, Maria Luís Rocha Pinto e Mário Leston Bandeira (orgs.), *Declínio Demográfico: que mudanças?*, Actas do III Congresso Português de Demografia, Lisboa, Associação Portuguesa de Demografia, pp. 24-34

Cunha, Vanessa (2016), “O adiamento do segundo filho. As intenções reprodutivas tardias e a fecundidade da coorte nascida em 1970-1975” in Vanessa Cunha, Duarte Vilar, Karin Wall, João Lavinha e Paulo Trigo Pereira (Org.), *A(s) Problemática(s) da Natalidade em Portugal: uma questão social, económica e política*, Lisboa, ICS, pp. 125-133

Cunha, Vanessa e Atalaia, Susana (2014), “A evolução da conjugalidade em Portugal: principais tendências e modalidades da vida em casal” in Anabela Delgado e Karin Wall (coord.), *Famílias nos censos 2011: diversidade e mudança*, Lisboa, ICS, pp. 155-175

Dias, André Daniel Ferreira (2013), “E agora?” *O desemprego de longa duração como gerador e condicionador do bem-estar*, Dissertação de Mestrado em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais, Universidade da Beira Interior

Dias, M. G. F., & Fontaine, A. M. (2001), "Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários", col. *Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, FCG-FCT

Duarte, Rosália (2004), "Entrevistas em Pesquisas Qualitativas", *Educar em Revista*, nº24, pp.213-225, consultado a 23/04/2019, em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>>

Elder, Glen H., Johnson, Monica Kirkpatrick e Crosnoe, Robert (2002), "The Emergence and Development of Life Course Theory" In *Handbook of the Life Course*, Jeylan T. Mortimer e Michael J. Shanahan (Ed.), New York, Kluwer Academic Publications, pp. 3-9

Erikson, E. H. (1968 [1972]), *Adolescence et Crise: la Quête d' Identité*, Paris, Flammarion

Fabião, J. (2005), *Adolescentes grávidas: vidas em desenvolvimento*, Dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto

Fernandes, Ludmila Maria (2008), *Os silêncios da parentalidade na adolescência – Experiências de mães e de pais adolescentes*, Tese de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa

Ferrão, Sara (2008), "*Mães de Palmo e Meio*" – *Perfis, Trajectórias e Transições para a Vida Adulta de Mães Adolescentes de Meios Desfavorecidos*, Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade da Beira Interior

Ferreira, Pedro Moura e Aboim, Sofia (2002), "Modernidade, laços conjugais e fecundidade: a evolução recente dos nascimentos fora do casamento", *Análise Social*, volume 38, nº 163, pp. 411-446

Figueiredo, Bárbara (2000), "Maternidade na adolescência: Consequências e trajectórias desenvolvimentais", *Análise Psicológica*, Lisboa, ISPA

Figueiredo, Bárbara, Pacheco, Alexandra, Costa, Raquel e Magarinho, Rute (2004), "Gravidez na adolescência: das circunstâncias de risco às circunstâncias que favorecem a adaptação à gravidez", *International Journal of Clinical and Health Psychology*, volume 6, nº1, pp. 97-125

Fleming, Manuela (1993), *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*, Porto, Edições Afrontamento

Frizzo, Giana Bitencourt, Kahl, Maria Luiza Furtado e Oliveira, Ebenézer Aguiar Fernandes de (2005), “Aspetos psicológicos na gravidez na adolescência”, *Revista Psico*, volume 36, nº 1, pp.13-20

Galland, Olivier (1995), "Une entrée de plus en plus tardie dans la vie adulte" em *Economie et statistique*, nº283-284, consultado a 27/4/2019, em <http://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1995_num_283_1_5961>

Gardner, M. e Steinberg, L. (2005), “Peer influence on risk taking, risk preference, and risky decision making in adolescence and adulthood: An experimental study”, *Developmental Psychology*, vol. 41, nº 4, pp. 625–635

Gerardo, Filomena (2004a), "A maternidade das mães adolescentes, processo de reconstrução identitária", *Atas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Minho, 12 a 15 de maio

Gerardo, Filomena (2004b), “Maternidade na adolescência: uma forma de integração social e/ou exclusão social”, *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Universidade de Coimbra, 16 a 18 de setembro

Giddens, Anthony (2013), *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian

Guerreiro, Maria das Dores e Abrantes, Pedro (2007), *Transcrições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, Comissão para Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE)

INE e Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS) (2014), *Inquérito à Fertilidade 2013*, Lisboa, INE

Javeau, C. (2006), “Routines quotidiennes et moments fatidiques”, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. 2, nº 121, pp. 227-238

Jongenelen, Inês (2004), *Vinculação em mães adolescentes e seus bebês: Da matriz contextual à matriz relacional*, Dissertação de Doutorado não-publicada, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga

Justo, João (2000), “Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebês adolescentes: Causas, consequências, intervenção preventiva e não só”, *Revista Portuguesa de Psicossomática*, volume 2, nº 2, pp. 97-147

Kugelberg, Clarissa (1998), “Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº27, pp. 41-57

Lahire, Bernard (2004), *Sucesso Escolar nos Meios Populares: As Razões do Improvável*, São Paulo, Ática – AO INICIAR O CAPÍTULO DA EMPIRIA

Lakatos, Eva Maria e Marconi, Marina de Andrade (2003), *Fundamentos de metodologia científica*, São Paulo, Atlas

Lalanda, Piedade (2005), “Transições familiares e identidade das mulheres” In Karin Wall (Org.), *Famílias em Portugal*, Lisboa, ICS, pp. 363-391

Leal, Dora Margarida Mariano (2006), *Impacto da Gravidez na Adolescência no distrito da Guarda*, Dissertação de Mestrado em Medicina, Universidade da Beira Interior

Lei nº 46/86, de 14 de outubro

Lemos, Armanda Eulália Lopes e Leandro, Maria Engrácia (2004), “Sexualidade e gravidez na adolescência – Um estudo de caso” *Atas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Minho, 12 a 15 de maio

Levandowski, Daniela Centenaro (2005), *A transição para a parentalidade e a relação de casal de adolescentes*, Dissertação de Doutoramento em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Lipovetsky, Gilles (2011), *Os Tempos Hipermodernos*, Lisboa, Edições 70

Letourneau, N., Stewart, M., & Barnfather, A. (2004), “Adolescent mothers: Support needs, resources, and support education intervention”, *Journal of Adolescent Health*, vol. 35, nº 3, pp. 509-525

Macedo, Eunice e Santos, Sofia (2009), "Apenas mulheres: situação das mulheres no mercado de trabalho em quatro países europeus", *ex aequo*, nº19, pp. 129-155

Machado, Fernando Luís e Alexandre Silva (2009), *Quantos caminhos há no mundo? Transições para a vida adulta num Bairro Social*, Cascais, Princípa

Maciel, Diana (2014), “Gender and individual life courses. Between reproduction and defiance” In Sofia Aboim e Pedro Vasconcelos (Ed.), *Gender, Sexuality and the Body: Critical perspectives - Collection of Papers*, ICS Estudos e Relatórios, pp. 40-47

Mannheim, Karl (1982), “O problema sociológico das gerações” In Marialice M. Foracchi (Org.), *Karl Mannheim: Sociologia*, São Paulo, Ática, pp. 67-95

Marinho, Sofia e Correia, Sónia Vladimira (2017), *Uma família parental, duas casas*, Lisboa, Edições Sílabo

Marinho, Sofia Pappámikail Sofia da Costa (2011), *Paternidade de hoje: Significados, práticas e negociações da parentalidade na conjugalidade e na residência alternada*, Tese de doutoramento em Ciências Sociais com especialização em Sociologia Geral, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Marques, Ana Cristina (2009), “Eu gosto muito do meu filho mas...”, *Parentalidades entre o desejo e a realidade*, CIES e WORKING PAPER, nº 39/2008

McDermott, E., & Graham, H. (2005), «Resilient young mothering: Social inequalities, late modernity and the “problem” of “teenage” motherhood», *Journal of Youth Studies*, 8(1), 59-79

Mendes, Maria Filomena (2012), “Fecundidade e natalidade: problemas e políticas sociais e de saúde” In Civil da Presidência da República (coord.), *Roteiros do Futuro – Conferência Nascer em Portugal*, Lisboa, Presidência da República/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 91-110

Mendes, Maria Filomena (2016), “A natalidade e a fecundidade em Portugal” In Vanessa Cunha, Duarte Vilar, Karin Wall, João Lavinha e Paulo Trigo Pereira (Org.), *A(s) Problemática(s) da Natalidade em Portugal: uma questão social, económica e política*, Lisboa, ICS, pp. 83 – 110

Mendes, Teresa, Soares, Isabel, Jongenelen, Inês e Martins, Carla (2011), “Mães Adolescentes: Adaptação aos Múltiplos Papéis e a Importância da Vinculação”, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 24, nº 2, pp. 309-317

Monteiro, Carlos (2012), *Ser Mãe Precocemente – Sentimentos das mães adolescentes no processo de maternidade*, Monografia final de Curso Licenciatura em Enfermagem, Universidade Atlântica, Lisboa

Nico, Magda, Cunha, Vanessa e Casimiro, Cláudia (2016), “Nota de Apresentação”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número Temático - Famílias e Curso de Vida. Potencialidades, limites e desafios metodológicos, pp. 8 – 19

Nico, Magda Lalanda (2011), *Transição Biográfica Inacabada. Transições para a Vida Adulta em Portugal e na Europa na Perspetiva do Curso de Vida*, Tese de Doutoramento em Sociologia, ISCTE, Lisboa

Pais, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Ambar

Pais, José Machado (2012), *Sexualidade e afectos juvenis*, Lisboa, ICS

Pantoja, Florinaldo Carreteiro, Bucher, Júlia Sursis Nobre Ferro e Queiroz, Cristiane Holanda (2007), “Adolescentes Grávidas: Vivências de uma Nova Realidade”, *Psicologia, Ciência e Profissão*, vol. 27, nº 3, pp. 510-521

Pappámikail, Lia (2004a), “Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº46, pp.91-116

Pappámikail, Lia (2004b), "Transições para a vida adulta: Percepções e avaliações do apoio familiar" *Atas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Minho, 12 a 15 de maio

Pérez, Felipe Santana, Varela, Olga Lidia Verdeja, Carballo, Gisel Ovies e Ruiz, Reina Fleitas (2006), “Asociación entre algunos factores psicosociales y el inicio de las relaciones sexuales en adolescentes escolares”, *Revista Cubana de Medicina General Integral*, vol. 22, n.º 1

Pinto, Paula Campos, Costa, Dália, Coelho, Bernardo, Maciel, Diana, Reigadinha, Tânia e Theodoro, Ellen (2018), In Anália Torres (coord.), *Igualdade de Género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos

Pires, Raquel, Pereira, Joana, Pedrosa, Anabela Araújo, Bombas, Teresa, Vilar, Duarte, Vicente, Lisa e Canavarro, Maria Cristina (2013), “Trajetórias reprodutivas na origem da gravidez na adolescência: Um estudo representativo da realidade nacional e regional portuguesa” In A. Pereira, M. Calheiros, P. Vagos, I. Direito, S. Monteiro, C. F. da Silva, & A. A. Gomes (Eds.), *Atas do VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 158-168), Lisboa, Associação Portuguesa de Psicologia

Pité, Jorge (1997), *Dicionário Breve de Sociologia*, 1ª edição, Lisboa, Editorial Presença

Portugal, Sílvia (2000), “Retórica e ação governativa na área das políticas de família desde 1974”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais

Ramos, Vasco, Atalaia, Susana e Cunha, Vanessa (2016), *Vida familiar e papéis de género: atitudes dos portugueses em 2014*, OFAP – Observatório das Famílias e das Políticas de Família, ICS-ULisboa

Roussel, Louis (1987), “Deux décennies de mutations démographiques (1965-1985) dans les pays industrialisés”, *Population*, 3, vol. 42, n° 3, pp. 429-448

Roussel, Louis (1989), *La famille incertaine*, Paris, Odile Jacob

Santos, Boaventura de Sousa (1999), *Pela Mão de Alice : O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto, Edições Afrontamento

Santos, Filomena (2008), *Sem Cerimónia nem papéis – um estudo sobre as uniões de facto em Portugal*, Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior, consultado a 27/4/2019, em <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/654>>

Santos, Filomena (2012), “O Papel da Sexualidade nos Percursos de Formação dos Casais Coabitantes: Género, Mudanças Geracionais e Contextos Sociais”, *Actas do VII Congresso Português de Sociologia Sociedade, Crise e Reconfigurações*, Porto, Associação Portuguesa de Sociologia, 19 a 22 de junho

Santos, Filomena (2014), “Pesquisa Qualitativa: o debate em torno de algumas questões metodológicas”, *Revista Angolana de Sociologia*, n° 14, pp. 11-24

Santos, Filomena e Dias, Rita (2019), “Building a Family within a Non-Heterosexual Couple: Struggles, Fears, Representations and Practices” In R. P. Costa and S. L. Blair

(Ed.), *Childbearing and the Changing Nature of Parenting: The Contexts, Actors, and Experiences of Having Children*, Contemporary Perspectives in Family Research, Volume 14, UK, Emerald Publishing, pp. 165–190

Santos, Filomena e Dias, Rita, (2016), “Famílias e Mudança em Portugal: uma Perspectiva Sociológica” In Maria José Vidigal, Filomena Santos, João Paulo Ribeiro, José Pedro Sequeira e Rita Dias, *Contributos para a História da Psiquiatria e Saúde Mental em Portugal*, Lisboa, Trilhos Editora, pp. 215-261

Schlossberg, N., Waters, E. & Goodman, J. (1995), *Counseling Adults in Transition. Linking Practice with Theory*, New York, Springer Publishing Company, Inc.

Schouten, Maria Johanna (2011), *Uma Sociologia do Género*, Vila Nova de Famalicão, Húmus

Schwartz, L. L. (1987), “Joint custody: Is it right for all children?”, *Journal of Family Psychology*, vol. 1, nº 1, pp. 120–13

Singly (2000), *Família e individualização*, Brasil, FGV Editora

Silva, Carla e Ferreira, Joaquim Armando (2009), “Gravidez na adolescência e estruturação da identidade feminina”, *Psychologica*, nº 50, pp. 141-168

Singly, F. (1993), *Sociologie de la famille contemporaine*, Paris, Nathan

Soares, I., Marques, M., Martins., Figueiredo, B., Jongenelen, I. & Matos, R. (2001), “Gravidez e Maternidade na Adolescência: um estudo longitudinal” In Canavarro, C. (Ed.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*, Coimbra, Quarteto Editora

Sobotka, Tomáš (2016), “Understanding low fertility: Portugal in a European context” In Vanessa Cunha, Duarte Vilar, Karin Wall, João Lavinha e Paulo Trigo Pereira (Org.), *A(s) Problemática(s) da Natalidade em Portugal: uma questão social, económica e política*, Lisboa, ICS, pp. 49-71

Straub, Richard O. (2005), *Psicologia da saúde*, Porto Alegre, Artmed Editora

Tavares, Gaudêncio Miguel (2015), *Sexualidade na Adolescência*, Mestrado em Enfermagem – Especialização em Enfermagem Comunitária: Relatório de Estágio, Escola Superior de Saúde de Portalegre, Instituto Politécnico de Portalegre

Vasconcelos, Pedro (1998), “Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses” In Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coord.), *Jovens Portugueses de Hoje: resultados do inquérito de 1997*, Oeiras, Celta, pp. 215-305

Vasconcelos, Pedro (2005), “Redes sociais de apoio” In Karin Wall (Org.), *Famílias em Portugal*, Lisboa, ICS, pp.599-631

Vilar, Duarte e Ferreira, Pedro (2009), “A educação sexual dos jovens portugueses - conhecimentos e fontes”, *Revista Educação Sexual em Rede*, n.º 5, pp. 2-53

Vilar, Duarte, André, Isabel Margarida, Lalanda, Piedade, Almeida, Ana Nunes de (Coord.) (2004), *Fecundidade e Contraceção: Percursos de Saúde Reprodutiva das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, ICS

Vilar, Gilberto e Gaspar, Ana Micaela (1999), “Traços redondos (a gravidez em mães adolescentes)” In José Machado Pais (Org.), *Traços e Riscos de Vida*, Porto, Ambar

Wall, Karin (Org.) (2005), *Famílias em Portugal*, Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais e Instituto de Ciências Sociais

Wall, Karin, Aboim, Sofia e Cunha, Vanessa (coord.) (2010) *A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades*, Lisboa, CITE

Wall, Karin, Cunha, Vanessa, Atalaia, Susana, Rodrigues, Leonor Bettencourt, Correia, Rita, Correia, Sónia Vladimira e Rosa, Rodrigo (2016), *Livro Branco – Homens e Igualdade de Género em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais / Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego

ANEXOS

ANEXO I

Dados sociográficos

Nome e situação familiar	Idade na entrevista	Idade quando foi mãe/pai pela primeira vez e nº de filhos	Origem social (escolaridade e profissão dos pais)		Escolaridade e do/a entrevistado/a	Situação na profissão		Profissão e condição perante o trabalho		Rendimento líquido mensal do agregado
			Pai	Mãe		Entrevistado/a	Mãe/pai da criança	Entrevistado/a	Mãe/pai da criança	
Sónia (família monoparental)	23	22; um filho (10 meses)	Construtor civil	Ajudante em copa	12º ano completo	-	?	Em formação profissional	?	Menos de 500€
Carlota (coabitante)	26	23; um filho (2 anos e meio)	Auxiliar em lar de idosos (4º ano)	Agricultor (falecido)	12º ano completo	Assalariada por conta de outrem (nos dois empregos)	Assalariada por conta de outrem	Costureira e empregada de balcão	Técnico de energias renováveis	Mais de 1901€
Andreia (família recomposta)	26	23; uma filha (3 anos)	Construtor civil	Empregada de limpeza	12º ano completo	Assalariada por conta de outrem	-	Empregada de balcão	Operador de armazém; Desempregado à procura do primeiro emprego	901-1100€

Olívia (família recomposta)	22	19; um filho (2 anos)	Construtor civil (12º ano)	Empregada de limpeza (12º ano)	12º ano completo	Assalariada por conta de outrem	Assalariado por conta de outrem	Operadora de <i>call center</i>	Operador de armazém	501-700€
Bianca (coabitante)	23	20; um filho (3 anos)	Funcionário em junta de freguesia; funcionário em lar (último emprego) (4º ano)	Operária fabril (6º ano)	Licenciatura incompleta	-	Assalariado por conta de outrem	Estudante	Polidor de metais	701-900€
Fátima (vive com a família de origem)	23	22; um filho (15 meses)	Militar da GNR (reformado)	Operadora de loja	12º completo	Assalariada por conta de outrem	Assalariado por conta de outrem	Operadora de loja	Segurança privado	Mais de 1901€
João (vive com os avós)	24	23; um filho (em comum com Fátima)	Operário (9º)	Esteticista (12º)	12º completo	Assalariado por conta de outrem	Assalariada por conta de outrem	Segurança privado	Operadora de loja	701-900€

Isabel (coabitante)	24	24; uma filha (6 meses)	Eletricista (6º ano) (falecido)	Empregada doméstica (4º) (falecida)	12º completo	Assalariada por conta de outrem	Assalariado por conta de outrem	Auxiliar em jardim de infância a <i>part- time</i>	Carpinteiro	501- 700€
Núria (casada)	24	16; dois filhos (8 anos e 6 meses)	Jardineiro (4º ano)	Operária fabril (4º ano)	9º completo	-	-	Doméstica	Canalizador; desempregado à procura de um novo emprego	501- 700€
Débora (coabitante)	25	23; um filho (1 ano e meio)	Funcionário em empresa de aluguer de automóveis	Professora (licenciatura)	12º completo	-	Assalariado por conta de outrem	Auxiliar em jardim de infância; desempregada à procura de um novo emprego	Supervisor	901- 1100€
Miguel (vive com a família de origem)	21	17; uma filha (4 anos)	Empresário no ramo da restauração (12º ano)	Agente imobiliária (licenciatura)	Licenciatura completa	Assalariado por conta de outrem	Assalariada por conta de outrem	Engenheiro mecânico	Cabeleireira	Mais de 1901€

ANEXO II

Guião de entrevista às mães adolescentes e jovens

Chamo-me Filipa, sou aluna do 2º ano de Mestrado em Sociologia, na Universidade da Beira Interior e, sob a supervisão da professora Filomena Santos, estou a fazer um trabalho de investigação sobre a maternidade e paternidade adolescente e jovem. Gostaria de fazer algumas perguntas sobre o teu caso e história de vida. Todas as respostas são confidenciais e anónimas, ou seja, o teu nome nunca será mencionado. A tua participação é fundamental para conhecer a vida dos adolescentes e jovens que foram mães e pais cedo, quais as dificuldades e projetos de vida. Agradeço desde já a tua disponibilidade e cooperação.

Data: ___/___/_____ Hora de início: ___h__min. Hora de fim:___h__min.

Duração:_____

a) **Dados sociográficos** (recolher informação indiretamente do pai/mãe que não está presente na entrevista)

Sexo:

Idade:

Estado civil:

Situação conjugal (solteiro(/a), numa relação, numa relação com essa pessoa)

Escolaridade:

Não sabe ler nem escrever

Sabe ler e escrever sem diploma

1º ciclo do ensino básico (4ª classe)

2º ciclo do ensino básico (6ºano/ensino preparatório)

3º ciclo do ensino básico (9º ano/5º ano dos liceus) incompleto

3º ciclo do ensino básico (9º ano/5º ano dos liceus) completo

Ensino Secundário (12ºano/7ºano dos liceus) incompleto

Ensino Secundário (12ºano/7ºano dos liceus) completo

Licenciatura incompleta

Licenciatura completa

Mestrado

Doutoramento

Condição perante o trabalho:

Empregado(/a)

Desempregado(/a) à procura do primeiro emprego

Desempregado(/a) à procura de um novo emprego

Trabalhador(/a) estudante

Doméstico(/a)

Estudante

Profissão:

Situação na profissão:

- Assalariado por conta de outrem
- Isolado/trabalhador por conta própria (sem empregados)
- Patrão/empregador (com menos de 5 pessoas ao serviço)
- Patrão/empregador (com 5 pessoas ou mais ao serviço)
- Trabalhador familiar não remunerado
- Outra situação

Regime de trabalho: a tempo inteiro ou a tempo parcial

Horário de trabalho

Tipo de horário de trabalho: regular, irregular ou por turnos

Recebes algum apoio do Estado, como RSI, Abono de Família ou algum subsídio? E no passado, algum?

Rendimento **líquido** mensal do agregado (depois dos descontos e já com os apoios)

- Menos de 500€
- 501 a 700€
- 701 a 900€
- 901 a 1100€
- 1101 a 1300€
- 1301 a 1500€
- 1501 a 1700€
- 1701 de 1900€
- Mais de 1901€

Quantos filhos tens? Nome; idade; escolaridade.

Com quem vives atualmente?

Quem? O que fazem? Escolaridade?

b) A infância, juventude e vida familiar

- 1.) Com quem vivias em criança? Tens irmãos? Se sim, quantos e que escolaridade completaram?
- 2.) Conta-me um bocadinho sobre a tua infância.
- 3.) Conta-me agora um bocadinho como foi a tua adolescência.
- 4.) Sobre os teus pais, qual a escolaridade e a profissão (se estiver(/em) desempregado(/s), perguntar o que fazia(/m) antes)?
- 5.) Como era o teu ambiente familiar? Davas-te melhor com o teu pai ou com a tua mãe (ou outros familiares com quem vivias)? Com quem tinhas mais conflitos? Porquê?

6.) Os teus pais (avós ou outras figuras parentais) controlavam-te muito nos horários e saídas com amigos?

6.1) Deixavam-te dormir fora de casa?

7.) Na tua família e dos teus amigos algum deles teve filhos cedo? Se sim, quem e com que idade?

c) A sexualidade na adolescência

8.) Que idade tinhas quando iniciaste a tua vida sexual?

9.) Usaste algum método de contraceção? Se sim, qual? Se não, porquê?

10.) Sabias os riscos que corrias se não usasses proteção?

11.) Quais foram as tuas fontes de informação sobre a sexualidade? (pais, outros familiares próximos, amigos, escola, *media*, enfermeiro, médico).

12.) Foste tendo namorados?

d) A gravidez e suas reações

Gostaria agora que falasses acerca da tua gravidez.

13.) Como soubeste que estavas grávida? Qual foi a tua primeira reação? E depois?

14.) A gravidez foi o resultado de uma experiência ocasional ou tinhas um namorado na altura? Há quanto tempo andavam?

15.) E foi uma gravidez planeada ou simplesmente aconteceu?

16.) Como é que reagiu o /(nome do pai)/ teu namorado/companheiro/marido/pai da criança à notícia da gravidez?

17.) Quando ficaste grávida, que idade tinhas? Já trabalhavas na altura? E o pai do(/a) teu(/tua) filho(/a), que idade é que ele tinha? Estudava (ano de escolaridade) ou já trabalhava (fazia o quê)? E neste momento?

18.) Qual foi a pessoa a quem contaste primeiro?

19.) Como reagiram os teus pais (ou outros familiares/figuras parentais)?

20.) (Caso tenha irmãos) Como reagiram os irmãos?

21.) E os teus amigos?

22.) E na escola (se ainda andava na escola na altura), qual a reação dos teus colegas e professores?

23.) Qual foi a pessoa que te deu mais apoio durante a gravidez? Que tipo de apoio (emocional/ajudas práticas)?

24.) Ias acompanhada às consultas? Se sim, por quem?

25.) Na altura que soubeste que estavas grávida alguma vez pensaste em abortar? Discutiste esse assunto com alguém?

- 25.1) E o /(nome do pai)/ namorado/companheiro/marido/pai da criança o que é que ele achava? Discutiram o assunto? Tinham opiniões diferentes ou pensaram o mesmo?
- 26.) Decidiste logo levar a gravidez para a frente ou não sabias o que havias de fazer? Alguém da tua família, o pai da criança/, amigo(/a) ou outra pessoa te aconselhou ou sugeriu a ideia de recorreres à interrupção voluntária da gravidez?
- 27.) Sabias que segundo a lei portuguesa é preciso o consentimento dos pais para recorrer à interrupção voluntária da gravidez quando a rapariga tem menos de 16 anos? De acordo com a lei portuguesa a interrupção voluntária da gravidez é possível até à décima semana.
- 27.1) Estavas grávida de quanto tempo quando soubeste? Achas que o tempo de gravidez foi um impedimento para tomares a decisão de recorrer ao aborto?
- 28.) O que te levou a continuar com a gravidez? Qual foi a razão mais importante? O que é que teve mais peso na tua decisão?
- 29.) O que sentiste quando fizeste a primeira ecografia?

e) Desejo de ser mãe e família ideal

- 30.) Desejavas ser mãe (mesmo que não planeado)? Porquê?
- 30.1) Se sim, com que idade te imaginavas a ter filhos? E em que fase da tua vida? Porquê?
- 31.) Em termos ideais, quais são para ti as condições necessárias para ter um filho? Há alguma família ideal para criar e educar uma criança? Se sim, qual é?

f) A situação familiar atual e suporte familiar e social

Gostaria que me falasses agora da tua situação familiar atual.

- 32.) Qual a tua situação familiar depois da gravidez? Foste viver com o pai da criança, ficaste a viver em casa dos pais, a viver sozinho(/a) ou numa instituição? Porquê?
- 33.) No teu dia-a-dia quais são as tuas principais dificuldades (económicas, falta de suporte emocional, falta de ajuda nas tarefas, etc.)?
- 34.) Há algum tipo de ajuda que gostarias de ter e não tens? Se sim, por parte de quem?
- 35.) Que tipo de ajudas recibes da tua família?
- 36.) Quem na tua família consideras que te dá maior apoio? Que tipo de apoio (monetário, em géneros, apoio afetivo)?

- 37.) Quem, entre os teus amigos, consideras que te dá mais apoio? Que tipo de apoio?
- 38.) Achas que a tua família consegue dar-te o apoio, o conforto e a segurança de que precisas?
- 38.1) A tua família dá-te conselhos?
- 39.) Continuas a depender economicamente dos teus pais? E logo depois do bebé nascer?
- 40.) Na realização de tarefas e ajuda nos cuidados à criança quem é que te ajudou/ajuda? Essa ajuda é diária ou só de vez em quando? Em que situações?
- 41.) Que outras ajudas tens para criar o(/a) teu(/tua) filho(/a) (dentro e fora da família – instituições, amas)?
- 42.) O pai da criança acompanhou a gravidez e o parto?
- 43.) (No caso do pai não estar no mesmo agregado) E atualmente é uma figura presente na vida do(/a) filho(/a)?
- 43.1) Se sim, quando é que o pai costuma estar com o(/a) filho(/a) (Diariamente, todos os fins de semana, 15 em 15 dias, só nas férias...)? Leva-o(/a) para casa dele? O que fazem? Vão passear juntos? Que tipo de atividades fazem juntos? O pai costuma levar ou ir buscar o(/a) filho(/a) ao infantário/creche/escola/instituições/ama ou às atividades?
- 43.2) O pai contribui financeiramente para as despesas com a criança?
- 43.3) Quando têm de tomar alguma decisão como fazem? Telefonam um ao outro ou encontram-se pessoalmente? Quem é que achas que tem a palavra final? Dá-me um exemplo.
- 44.) Quando a criança adoece quem toma conta dela?
- 45.) (Caso a criança tenha idade pré-escolar/escolar) E nas férias escolares quem fica com ela?
- 46.) Quem costuma levar a criança às consultas?
- g) O impacto da transição para a parentalidade nas relações familiares e amicais**
- 47.) Depois do(/a) teu/tua filho(/a) nascer, achas que a relação com os teus pais ficou melhor, pior ou ficou na mesma?
- 47.1) (Se ficou pior) A partir do momento em que foste mãe quais foram/são os principais conflitos ou divergências com os teus pais/familiares mais próximos?
- 47.2) (Se ficou pior) Eles costumavam criticar-te por algum motivo? Porquê?
- 48.) (Caso tenha irmãos) Depois do(/a) teu/tua filho(/a) nascer achas que a relação com o/a(s) irmão/irmã(/s) ficou na mesma ou mudou? Porquê?

49.) Há alturas em que te sentiste/sentes cansado(/a) e gostarias de te distraíres e sair com amigos mas não tens a quem deixar a criança?

50.) Depois do(/a) teu/tua filho(/a) nascer achas que a relação com o teu namorado/companheiro/marido/pai da criança ficou melhor, pior ou ficou na mesma? O que mudou? Porquê?

51.) Depois do(/a) teu/tua filho(/a) nascer achas que a relação com os teus amigos ficou na mesma ou mudou? Porquê?

h) Os trajetos escolares e profissionais

Gostaria agora que falasses um pouco sobre a escola, da tua relação com ela e do teu futuro.

52.) Ficaste pelo _ (ano de escolaridade completo até ao momento) por opção ou querias prosseguir?

52.1) (Caso tenha interrompido) Porque é que não quiseste continuar a estudar? Os teus pais (avós ou outras figuras parentais) queriam que continuasses a estudar ou não falavam muito sobre isso?

52.2) Falaste com alguém sobre essa tua decisão, em deixares de estudar (familiares, amigos, professores)?

52.3) Que razões é te levaram a deixar de estudar?

53.) Qual era/é a tua relação com a escola?

53.1) O que é que gostavas mais na escola? O que é que gostavas menos?

54.) Alguma vez reprovaste? Se sim, que motivos apontas para que tal tenha acontecido? Recebeste algum apoio para melhorar o teu aproveitamento escolar (apoio dos pais, explicações, aulas de apoio na escola)?

55.) Houve algum acontecimento marcante que tenha ocorrido na tua família (divórcio, morte, mudança de residência, doença, desemprego) que influenciou o teu percurso na escola?

56.) Que tipo de aluna te consideravas/consideras ser: boa, média, má?

56.1) O facto de te considerares uma aluna (boa, média ou má), isso foi mudando, teve altos e baixos ou foi sempre igual? Porquê?

57.) Achas que as companhias e o teu grupo de amigos influenciaram o teu aproveitamento e o teu percurso escolar?

58.) Os teus amigos continuaram a estudar?

59.) Se pudesses voltar atrás o que gostarias de ter mudado na tua relação/no teu comportamento face à escola?

60.) Depois da escola, o que fizeste a seguir? Foste procurar trabalho?

61.) (Caso já tenha trabalhado ou trabalhe atualmente) Como conseguiste o teu primeiro emprego (e os que se seguiram/ e quais foram)? Alguém ajudou?

61.1) Ficaste contente ou triste por teres começado a trabalhar? Porquê?

61.2) Sentiste dificuldades na procura de emprego por seres mãe/pai?

62.) Pensas voltar a estudar? Quando e porquê?

63.) (Caso tenha falado da universidade) Esse projeto viu-se adiado? Se sim, não ponderas candidatares-te ainda ao ensino superior? Porquê?

i) Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

64.) Gostaria que falasses do teu dia-a-dia. Conta-me um dia normal da semana desde que acordas até que deitas. E aos fins de semana? Conta-me como são.

65.) De que forma a tua vida mudou desde que foste mãe?

65.1) Quais foram os aspetos mais positivos? E os aspetos que consideras menos bons?

65.2) Continuas a teres tempo para ti?

65.3) Se sim, como costumavas passá-lo e com quem fica a criança?

66.) Ao tornares-te mãe deixaste de sair à noite, de sair com amigos ou continuas a sair? Se sim, em que ocasiões (aniversários, festas, quando és convidada)? Muitas vezes ou raramente? E dantes, saías mais ou menos vezes?

67.) (Caso trabalhe) Consegues conciliar o teu trabalho com a vida familiar? Isso é fácil ou é difícil? Porquê?

68.) Consideraste uma pessoa adulta? Se sim, partir de quando é que começaste a sentir que eras uma pessoa adulta? Porquê? (A maternidade ajudou de alguma maneira?)

69.) Para ti, o que significa o casamento ou a vida a dois?

69.1) Tencionas vir a casar? Porquê?

70.) Um filho é importante para ti? Porquê?

71.) Para ti, o que significa ser bom pai? E boa mãe?

72.) Para ti o que é mais importante para o bem-estar do/a(/s) teu/tua(/s) filho/a(/s)?

73.) Achas que ser mãe é uma experiência pela qual todas as mulheres devem passar?

74.) Achas que, se o teu ordenado não fizesse falta, podias abdicar do trabalho que tens para te dedicares mais à família e aos filhos? Definitivamente ou por um certo período de tempo?

75.) Pretendes dar uma educação diferente ao/à(/s) teu/tua(/s) filho/a(/s) daquela que te deram (os pais, avós, outras figuras parentais)? Se sim, em que aspetos? (Algum modelo parental a seguir)

76.) Sentes-te satisfeito com o teu papel enquanto mãe/pai? Há aspetos que gostarias de melhorar?

76.1) Achas que dar uma palmada aos filhos é aceitável?

76.2) Achas que passas tempo suficiente com o/a(/s) teu/tua filho/a (/s)?

76.3) Sentes-te próximo(/a) dele/a(/s)?

76.4) Como achas que os outros te veem enquanto mãe?

77.) Idealmente como é que achas que um casal deve dividir os cuidados à criança? E as tarefas domésticas?

78.) Ordena as seguintes esferas da vida em função da importância que elas têm para ti (da mais importante para a menos importante):

Estudos; profissão; relação com a família; relação com os amigos; relação conjugal; filhos; tempos-livres e lazeres; outras, quais?

79.) Tens algum projeto na tua vida que gostarias de realizar? Se sim, quando, porquê?

80.) (Caso não esteja numa relação) Pretendes investir em relações amorosas?

81.) Desejas ter mais filhos? Porquê? Se sim, quantos? Em que altura da vida (idade)?

81.1) E o teu namorado/companheiro/marido/pai da criança gostaria de ter (mais) filhos?

82.) Se pudesses mudar alguma coisa na tua vida, mudavas alguma coisa?

j) Validação da entrevista

83.) Desejas acrescentar algo aos assuntos abordados?

84.) Qual a sua opinião sobre a entrevista?

84.1) E sobre o trabalho que está a ser desenvolvido?

Agradecer novamente a participação e cooperação da entrevistada.

ANEXO III

Guião de entrevista aos pais adolescentes e jovens

Chamo-me Filipa, sou aluna do 2º ano de Mestrado em Sociologia, na Universidade da Beira Interior e, sob a supervisão da professora Filomena Santos, estou a fazer um trabalho de investigação sobre a maternidade e paternidade adolescente e jovem. Gostaria de fazer algumas perguntas sobre o teu caso e história de vida. Todas as respostas são confidenciais e anónimas, ou seja, o teu nome nunca será mencionado. A tua participação é fundamental para conhecer a vida dos adolescentes e jovens que foram mães e pais cedo, quais as dificuldades e projetos de vida. Agradeço desde já a tua disponibilidade e cooperação.

Data: ___/___/_____ Hora de início: ___h__min. Hora de fim:___h__min.

Duração:_____

d) **Dados sociográficos** (recolher informação indiretamente do pai/mãe que não está presente na entrevista)

Sexo:

Idade:

Estado civil:

Situação conjugal (solteiro(/a), numa relação, numa relação com essa pessoa)

Escolaridade:

Não sabe ler nem escrever

Sabe ler e escrever sem diploma

1º ciclo do ensino básico (4ª classe)

2º ciclo do ensino básico (6ºano/ensino preparatório)

3º ciclo do ensino básico (9º ano/5º ano dos liceus) incompleto

3º ciclo do ensino básico (9º ano/5º ano dos liceus) completo

Ensino Secundário (12ºano/7ºano dos liceus) incompleto

Ensino Secundário (12ºano/7ºano dos liceus) completo

Licenciatura incompleta

Licenciatura completa

Mestrado

Doutoramento

Condição perante o trabalho:

Empregado(/a)

Desempregado(/a) à procura do primeiro emprego

Desempregado(/a) à procura de um novo emprego

Trabalhador(/a) estudante

Doméstico(/a)

Estudante

Profissão:

Situação na profissão:

- Assalariado por conta de outrem
- Isolado/trabalhador por conta própria (sem empregados)
- Patrão/empregador (com menos de 5 pessoas ao serviço)
- Patrão/empregador (com 5 pessoas ou mais ao serviço)
- Trabalhador familiar não remunerado
- Outra situação

Regime de trabalho: a tempo inteiro ou a tempo parcial

Horário de trabalho

Tipo de horário de trabalho: regular, irregular ou por turnos

Recebes algum apoio do Estado, como RSI, Abono de Família ou algum subsídio? E no passado, algum?

Rendimento **líquido** mensal do agregado (depois dos descontos e já com os apoios)

- Menos de 500€
- 501 a 700€
- 701 a 900€
- 901 a 1100€
- 1101 a 1300€
- 1301 a 1500€
- 1501 a 1700€
- 1701 de 1900€
- Mais de 1901€

Quantos filhos tens? Nome; idade; escolaridade.

Com quem vives atualmente?

Quem? O que fazem? Escolaridade?

e) A infância, juventude e vida familiar

5.) Com quem vivias em criança? Tens irmãos? Se sim, quantos e que escolaridade completaram?

6.) Conta-me um bocadinho sobre a tua infância.

7.) Conta-me agora um bocadinho como foi a tua adolescência.

8.) Sobre os teus pais, qual a escolaridade e a profissão (se estiver(/em) desempregado(/s), perguntar o que fazia(/m) antes)?

5.) Como era o teu ambiente familiar? Davas-te melhor com o teu pai ou com a tua mãe (ou outros familiares com quem vivias)? Com quem tinhas mais conflitos? Porquê?

6.) Os teus pais (avós ou outras figuras parentais) controlavam-te muito nos horários e saídas com amigos?

6.1) Deixavam-te dormir fora de casa?

39.) Na tua família e dos teus amigos algum deles teve filhos cedo? Se sim, quem e com que idade?

f) A sexualidade na adolescência

40.) Que idade tinhas quando iniciaste a tua vida sexual?

8.1) Houve pressão por parte dos teus amigos?

41.) Usaste algum método de contraceção? Se sim, qual? Se não, porquê?

42.) Sabias os riscos que corrias se não usasses proteção?

43.) Quais foram as tuas fontes de informação sobre a sexualidade? (pais, outros familiares próximos, amigos, escola, *media*, enfermeiro, médico).

44.) Foste tendo namoradas?

g) A gravidez e suas reações

Gostaria agora que falasses acerca da tua gravidez.

45.) Como soubeste que a mãe do(/a) teu(/tua) filho(/a) estava grávida? Qual foi a tua primeira reação? E depois?

46.) A gravidez foi o resultado de uma experiência ocasional ou namoravam na altura? Há quanto tempo andavam?

47.) E foi uma gravidez planeada ou simplesmente aconteceu?

48.) Quando ficou grávida, que idade tinhas? Já trabalhavas na altura? E a mãe do(/a) teu(/tua) filho(/a), que idade é que ele tinha? Estudava (ano de escolaridade) ou já trabalhava (fazia o quê)? E neste momento?

49.) Qual foi a pessoa a quem contaste primeiro?

50.) Como reagiram os teus pais (ou outros familiares/figuras parentais)?

51.)(Caso tenha irmãos) Como reagiram os irmãos?

52.) E os teus amigos?

53.) E na escola (se ainda andava na escola na altura), qual a reação dos teus colegas e professores?

54.) Qual foi a pessoa que te deu mais apoio durante a gravidez? Que tipo de apoio (emocional/ajudas práticas)?

55.) Na altura que soubeste da gravidez alguma vez pensaram em abortar? Discutiste esse assunto com alguém?

23.1) E o /(nome do mãe)/ namorada/companheira/esposa/mãe da criança o que é que ela achava? Discutiram o assunto? Tinham opiniões diferentes ou pensaram o mesmo?

56.) Decidiram logo levar a gravidez para a frente ou não sabias o que havias de fazer? Alguém da tua família, a mãe da criança/, amigo(/a) ou outra pessoa te aconselhou ou sugeriu a ideia da interrupção voluntária da gravidez?

57.) Sabias que segundo a lei portuguesa é preciso o consentimento dos pais para recorrer à interrupção voluntária da gravidez quando a rapariga tem menos de 16 anos? De acordo com a lei portuguesa a interrupção voluntária da gravidez é possível até à décima semana.

27.1) A mãe do(/a) teu(/tua) filho(/a) estava grávida de quanto tempo quando soube? Achas que o tempo de gravidez foi um impedimento para tomares a decisão de recorrer ao aborto?

58.) O que te levou a continuar com a gravidez? Qual foi a razão mais importante? O que é que teve mais peso na tua decisão?

59.) Assististe à primeira ecografia? Se sim, o que sentiste?

h) Desejo de ser pai e família ideal

60.) Desejavas ser pai (mesmo que não planeado)? Porquê?

28.1) Se sim, com que idade te imaginavas a ter filhos? E em que fase da tua vida? Porquê?

61.) Em termos ideais, quais são para ti as condições necessárias para ter um filho? Há alguma família ideal para criar e educar uma criança? Se sim, qual é?

i) A situação familiar atual e suporte familiar e social

Gostaria que me falasses agora da tua situação familiar atual.

62.) Qual a tua situação familiar depois da gravidez? Foste viver com a mãe da criança, ficaste a viver em casa dos pais, a viver sozinho(/a) ou numa instituição? Porquê?

63.) No teu dia-a-dia quais são as tuas principais dificuldades (económicas, falta de suporte emocional, falta de ajuda nas tarefas, etc.)?

64.) Há algum tipo de ajuda que gostarias de ter e não tens? Se sim, por parte de quem?

65.) Que tipo de ajudas recebes da tua família?

66.) Quem na tua família consideras que te dá maior apoio? Que tipo de apoio (monetário, em géneros, apoio afetivo)?

67.) Quem, entre os teus amigos, consideras que te dá mais apoio? Que tipo de apoio?

68.) Achas que a tua família consegue dar-te o apoio, o conforto e a segurança de que precisas?

36.1) A tua família dá-te conselhos?

37.) Continuas a depender economicamente dos teus pais? E logo depois do bebé nascer?

38.) Na realização de tarefas e ajuda nos cuidados à criança quem é que te ajudou/ajuda? Essa ajuda é diária ou só de vez em quando? Em que situações?

39.) Que outras ajudas tens para criar o(/a) teu(/tua) filho(/a) (dentro e fora da família – instituições, amas)?

40.) Acompanhaste a gravidez e o parto?

41.) (No caso do mãe não estar no mesmo agregado) E atualmente é uma figura presente na vida do(/a) filho(/a)?

41.1) Se sim, quando é que a mãe costuma estar com o(/a) filho(/a) (Diariamente, todos os fins de semana, 15 em 15 dias, só nas férias...)? Leva-o(/a) para casa dela? O que fazem? Vão passear juntos? Que tipo de atividades fazem juntos? A mãe costuma levar ou ir buscar o(/a) filho(/a) ao infantário/creche/escola/instituições/ama ou às atividades?

41.2) A mãe contribui financeiramente para as despesas com a criança?

41.3) Quando têm de tomar alguma decisão como fazem? Telefonam um ao outro ou encontram-se pessoalmente? Quem é que achas que tem a palavra final? Dá-me um exemplo.

42.) Quando a criança adoecer quem toma conta dela?

43.) (Caso a criança tenha idade pré-escolar/escolar) E nas férias escolares quem fica com ela?

44.) Quem costuma levar a criança às consultas?

g) O impacto da transição para a parentalidade nas relações familiares e amicais

45.) Depois do(/a) teu/tua filho(/a) nascer, achas que a relação com os teus pais ficou melhor, pior ou ficou na mesma?

45.1) (Se ficou pior) A partir do momento em que foste pai quais foram/são os principais conflitos ou divergências com os teus pais/familiares mais próximos?

45.2) (Se ficou pior) Eles costumavam criticar-te por algum motivo? Porquê?

46.) (Caso tenha irmãos) Depois do(/a) teu/tua filho(/a) nascer achas que a relação com o/a(s) irmão/irmã(/s) ficou na mesma ou mudou? Porquê?

47.) Há alturas em que te sentiste/sentes cansado(/a) e gostarias de te distraíres e sair com amigos mas não tens a quem deixar a criança?

48.) Depois do(/a) teu/tua filho(/a) nascer achas que a relação com a tua namorada/companheira/esposa/mãe da criança ficou melhor, pior ou ficou na mesma? O que mudou? Porquê?

49.) Depois do(/a) teu/tua filho(/a) nascer achas que a relação com os teus amigos ficou na mesma ou mudou? Porquê?

j) Os trajetos escolares e profissionais

Gostaria agora que falasses um pouco sobre a escola, da tua relação com ela e do teu futuro.

50.) Ficaste pelo _ (ano de escolaridade completo até ao momento) por opção ou querias prosseguir?

50.1) (Caso tenha interrompido) Porque é que não quiseste continuar a estudar? Os teus pais (avós ou outras figuras parentais) queriam que continuasses a estudar ou não falavam muito sobre isso?

50.2) Falaste com alguém sobre essa tua decisão, em deixares de estudar (familiares, amigos, professores)?

50.3) Que razões é te levaram a deixar de estudar?

51.) Qual era/é a tua relação com a escola?

51.1) O que é que gostavas mais na escola? O que é que gostavas menos?

52.) Alguma vez reprovaste? Se sim, que motivos apontas para que tal tenha acontecido? Recebeste algum apoio para melhorar o teu aproveitamento escolar (apoio dos pais, explicações, aulas de apoio na escola)?

53.) Houve algum acontecimento marcante que tenha ocorrido na tua família (divórcio, morte, mudança de residência, doença, desemprego) que influenciou o teu percurso na escola?

54.) Que tipo de aluno te consideravas/consideras ser: bom, médio, mau?

54.1) O facto de te considerares um aluno (bom, médio ou mau), isso foi mudando, teve altos e baixos ou foi sempre igual? Porquê?

55.) Achas que as companhias e o teu grupo de amigos influenciaram o teu aproveitamento e o teu percurso escolar?

56.) Os teus amigos continuaram a estudar?

57.) Se pudesses voltar atrás o que gostarias de ter mudado na tua relação/no teu comportamento face à escola?

58.) Depois da escola, o que fizeste a seguir? Foste procurar trabalho?

59.) (Caso já tenha trabalhado ou trabalhe atualmente) Como conseguiste o teu primeiro emprego (e os que se seguiram/ e quais foram)? Alguém ajudou?

59.1) Ficaste contente ou triste por teres começado a trabalhar? Porquê?

59.2) Sentiste dificuldades na procura de emprego por seres mãe/pai?

60.) Pensas voltar a estudar? Quando e porquê?

61.) (Caso tenha falado da universidade) Esse projeto viu-se adiado? Se sim, não ponderas candidatares-te ainda ao ensino superior? Porquê?

k) Adaptação, vivência da parentalidade e projetos de vida

62.) Gostaria que falasses do teu dia-a-dia. Conta-me um dia normal da semana desde que acordas até que deitas. E aos fins de semana? Conta-me como são.

63.) De que forma a tua vida mudou desde que foste pai?

63.1) Quais foram os aspetos mais positivos? E os aspetos que consideras menos bons?

63.2) Continuas a teres tempo para ti?

63.3) Se sim, como costumavas passá-lo e com quem fica a criança?

64.) Ao tornares-te pai deixaste de sair à noite, de sair com amigos ou continuas a sair? Se sim, em que ocasiões (aniversários, festas, quando é convidado)? Muitas vezes ou raramente? E dantes, saías mais ou menos vezes?

65.) (Caso trabalhe) Consegues conciliar o teu trabalho com a vida familiar? Isso é fácil ou é difícil? Porquê?

66.) Consideraste uma pessoa adulta? Se sim, partir de quando é que começaste a sentir que eras uma pessoa adulta? Porquê? (A paternidade ajudou de alguma maneira?)

67.) Para ti, o que significa o casamento ou a vida a dois?

67.1) Tencionas vir a casar? Porquê?

68.) Um filho é importante para ti? Porquê?

69.) Para ti, o que significa ser bom pai? E boa mãe?

70.) Para ti o que é mais importante para o bem-estar do/a(/s) teu/tua(/s) filho/a(/s)?

71.) Achas que ser mãe é uma experiência pela qual todas as mulheres devem passar?

71.1) Achas que ser pai é uma experiência pela qual todos os homens devem passar?²¹

72.) Pretendes dar uma educação diferente ao/à(/s) teu/tua(/s) filho/a(/s) daquela que te deram (os pais, avós, outras figuras parentais)? Se sim, em que aspetos? (Algum modelo parental a seguir)

²¹ Esta pergunta foi colocada para os entrevistados não se aperceberem de uma sobrevalorização do papel maternal na questão anterior.

73.) Sentes-te satisfeito com o teu papel enquanto pai? Há aspetos que gostarias de melhorar?

73.1) Achas que dar uma palmada aos filhos é aceitável?

73.2) Achas que passas tempo suficiente com o/a(/s) teu/tua filho/a (/s)?

73.3) Sentes-te próximo(/a) dele/a(/s)?

73.4) Como achas que os outros te veem enquanto pai?

74.) Idealmente como é que achas que um casal deve dividir os cuidados à criança? E as tarefas domésticas?

75.) Ordena as seguintes esferas da vida em função da importância que elas têm para ti (da mais importante para a menos importante):

Estudos; profissão; relação com a família; relação com os amigos; relação conjugal; filhos; tempos-livres e lazeres; outras, quais?

76.) Tens algum projeto na tua vida que gostarias de realizar? Se sim, quando, porquê?

77.) (Caso não esteja numa relação) Pretendes investir em relações amorosas?

78.) Desejas ter mais filhos? Porquê? Se sim, quantos? Em que altura da vida (idade)?

78.1) E o teu namorada/companheira/esposa/mãe da criança gostaria de ter (mais) filhos?

79.) Se pudesses mudar alguma coisa na tua vida, mudavas alguma coisa?

j) Validação da entrevista

80.) Desejas acrescentar algo aos assuntos abordados?

81.) Qual a sua opinião sobre a entrevista?

81.1) E sobre o trabalho que está a ser desenvolvido?

Agradecer novamente a participação e cooperação do entrevistado.

ANEXO IV

Sinopses das entrevistas

b) A infância, juventude e vida familiar

Funcionamento familiar		Excerto e entrevistado
Histórico de álcool e drogas		“O meu irmão mais velho é toxicodependente, foi assim um bocadinho complicado. E o meu pai era alcoólico.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante).
Histórico de álcool e violência psicológica		“(…) O meu pai era alcoólico (…) Foi uma infância um pouco complicada porque fui obrigada a crescer porque, entretanto, a minha irmã também foi para a Suíça, tinha eu uns 9/10 anos quando ela foi para lá. Só fiquei eu e os meus pais. Cheguei a sair várias vezes de casa com a minha mãe. Pronto, o meu pai não nos batia mas fazia-nos a vida negra. Cortava-nos a luz, a água. Até fui afetada um pouco na escola.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância).
Perturbação pelo falecimento do pai		“(…) Eu tenho uma parte da minha infância de que não me lembro. O meu pai faleceu quando eu tinha 12 anos e então bloqueei. Não me lembro muito bem. Vou começar a fazer sessões de hipnose para recuar um pouco. Porque é assim um período assim muito negro.” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão).
Falta de laço com o pai		“(…) Nunca senti que o meu pai fosse apegado a mim. Foi ter por ter. Não houve assim uma ligação...muito forte.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado).
Abandono da família e residência com a avó materna		“Pois, eu fui abandonada pela minha mãe. A minha mãe deixou-me em casa da minha avó aos 7 meses.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).
Ausência das figuras parentais		“Apesar dos meus pais passarem muito tempo fora de casa, sempre estive rodeado de gente. Os meus avós paternos viviam connosco e os meus primos às vezes ficavam cá aos fins de semana”; “Na minha adolescência foi mais complicado. Perdi os meus avós e passei a estar mais tempo com a empregada cá de casa. Revoltei-me um pouco na altura e levava isso para a escola, porque os meus pais não passavam muito tempo comigo (...)” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).

	Bom ambiente familiar	<p>“O ambiente sempre foi muito bom.” (Sônia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“Era calmo, sempre nos demos bem em casa.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“É bom.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Sempre foi bom até ir viver para o Fundão. (...)” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica);</p> <p>“Eu agora costumo dizer “eu era feliz e não sabia” porque foi boa. Agora fico a pensar “porque é que saí de o pé dos meus pais?” O aconchego era bom, tinha sempre muita gente.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>
--	-----------------------	---

Supervisão parental	Saídas com controle parental	<p>“Podiam era dizer “olha amanhã chegas a x de horas, ok tranquilo”” (Sônia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“(...) comecei a sair por volta dos 15/16. E já só estava mais a minha mãe e o meu irmão. E sim, houve ali uma altura em que controlava um bocadinho, porque eu também me portava mal. De início.” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p> <p>“(...) a minha avó sempre foi muito controladora, era para o nosso próprio bem. Então se saíamos à noite, tínhamos de estar à meia-noite, duas da manhã em casa, e não mais do que isso.”; “(...) sempre joguei futsal, tinha jogos fora... longe e acabávamos por dormir lá, muitos torneios e assim e dormíamos fora, e aí não se importava, desde que conhecesse as pessoas com quem fosse... Sempre foi muito protetora, a minha avó.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“Estipulavam horas para chegar a casa.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“No início da adolescência a não me permitiam muito sair. Depois começaram a controlar. Mas foi difícil para começar a sair à noite...” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Com horários. Não era que eu cumprisse, mas eu tinha horários. Depois levava aquele raspanete, sermão, mas depois passava.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Se pedisse com jeitinho, lá deixavam.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“Diziam-me tens de cá estar a essa hora, na adolescência, lá está. Quando</p>
---------------------	------------------------------	--

		tu queres esticar-te mais um bocadinho...” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância); “Sempre tive horas para chegar a casa. Às vezes excedia-me, mas levava sempre sermão.” (Miguel, pai dos 17 anos, engenheiro mecânico).
	Saídas com grupo de pares à revelia do pai	“[A minha mãe] entendia que eu tinha aquela necessidade de descobrir a vida. O meu pai nunca entendeu. Então estávamos sempre a chocar por isso.”; “[Dormir fora de casa] era mais quando eu e o meu pai discutíamos. Eu aproveitava para nessas alturas ir arejar a cabeça e como saía, já não havia nada a fazer, voltava para casa e sabia que no dia seguinte as ia ouvir.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).
	Saídas sem controlo parental	“[Controlo] nem por isso. Como me tornei rebelde, eles achavam que sair me iria ajudar e ficaria mais calma.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica).

c) A sexualidade na adolescência

Métodos contraceptivos	Adesão	<p>“Tomava a pílula e usávamos preservativo.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“Sim, sempre. Fazíamos só com preservativo.” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p> <p>“A pílula e o preservativo, óbvio.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“Eu tomava a pílula, mas não era muito certa. Usávamos sempre preservativo.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“Eu tomava a pílula e só havia relações com preservativo.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Sempre com preservativo. E mal tive a minha primeira relação, receitaram-me a pílula.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Preservativo.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“Eu tomava a pílula desde a minha primeira consulta de planeamento familiar, embora não fosse muito certa nisso” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância);</p> <p>“Já tomava a pílula sem a minha mãe saber. E usávamos proteção, o preservativo.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica);</p> <p>“Preservativo.” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>
------------------------	--------	--

Não adesão	“Eu dizia “quase que não engravidado”. Porque eu passei um ano e nada acontecia. Pronto, deixei andar.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).
------------	---

d) A gravidez e suas reações

Descoberta da gravidez pela adolescente ou jovem	Misto de emoções	“(…) Já eu estava assustada, enervada, feliz ao menos tempo. Era um misto de emoções, eu.” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão); “Como não estava à espera até chorei. Mas foi assim um misto...e agora? (...)” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância).
	Sentimentos de choque e de susto	“(…) fui apanhada de surpresa. Mas por um lado foi bom, depois foi desejado. (Sônia, mãe aos 22 anos, em formação profissional); “Fiquei um bocadinho em choque, mais por ter de contar à mãe, por causa da reação que ela ia ter. (...)” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center); “No início fiquei chocada. (...)” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja); “Ao início é sempre um choque. Mas depois quis (...)” (João, pai aos 23 anos, segurança privado); “(…) Fiquei um bocado bloqueada [ao saber do atraso na menstruação] porque comecei a pensar que podia estar grávida, mas tinha medo de fazer o teste.(...)”; “Como com o atraso me fui mentalizando, fiquei tranquila quando vi o teste.” (Núria, mãe pela primeira vez com 16 anos, doméstica); “(…) fiquei chocado porque era muito novo... (...)” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).
	Sentimento negativo de medo	“Foi de medo. Depois fiquei contente”; “(...) tinha medo da reação da minha mãe.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante); “Nem sabia se sabia se havia de chorar ou rir. Pensei logo no meu pai, como ele é mais rígido...mas até nem foi assim tão mau. (...)” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).
	Não aceitação	“(…) apanhei uma bebedeira nessa noite. (...) Porque eu não queria ser mãe. Por causa daquela revolta da minha mãe me ter abandonado (...)”; “(…) depois quis abortar mesmo já sabendo que era muito tarde. Tentei abortar. Ou seja, fui a clínicas mesmo privadas, para tentar abortar. Até que eles [médicos]... são umas pessoas muito... fáceis, puseram o coração

	da menina a bater, então aí uma pessoa... começa a mexer connosco.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).
--	--

Reação do outro progenitor	Sentimento de felicidade	<p>“Ele ficou feliz porque já tem um filho de outra relação. Eu estava um bocado em choque e ele contente mas também assustado” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p> <p>“Reagiu bem, sim, sempre apoiou” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“Ficou bastante feliz, o que é raro” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Muito bem, por ele já cá estava (...)” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância);</p> <p>“Quando lhe contei que estava atrasada, ficou contente, tanto que me apoiou logo e quis que eu confirmasse com o teste” (Núria, mãe pela primeira vez com 16 anos, doméstica);</p> <p>“Foi a mesma reação do meu pai, bem (...)” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>
	Sentimento de choque	<p>“Também ficou chocado ao início como é óbvio (...)” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“(...) Ela ficou em pânico. Éramos muito novos para assumirmos tal responsabilidade (...)” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>
	Não aceitação	<p>“Não reagiu bem”; “(...) ele queria que eu fizesse [o aborto]. Foi a primeira reação e continuou a insistir.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional).</p>
	Reação positiva inicial	<p>“O oposto de mim, ficou super feliz.”; “(...) Todos os meses tinha de depositar e nem isso...não ajuda com nada, não se preocupa. (...)” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).</p>

Reação dos pais ou substitutos familiares	Boa reação	<p>“O meu pai reagiu super bem, disse que qualquer que fosse a minha decisão [avançar com a gravidez ou interrompê-la], ele aceitava. (...) A mãe já não soube por mim, porque o pai do meu filho já andava a espalhar por toda a gente que eu estava grávida e que não era dele.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“(...) A minha mãe ficou super contente (...)” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p>
---	------------	---

		<p>“Ela ficou feliz, não é? Mas é sempre aquela situação de termos de cuidar de uma vida para além da nossa. O meu pai, lá está, não tenho ligação. Ficou contente, mas não demonstrou muito. (...)”</p> <p>(João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“(...) Eles reagiram super bem. Foi o que eu meu pai me disse “já tens a tua vida, moram juntos, não tenho de ficar chateado”. (...)”</p> <p>(Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>
	Sentimentos de felicidade e de preocupação	<p>“(...) Ela [a avó] ficou ficou super feliz, ao mesmo tempo ficou preocupada porque sabe que eu não era uma boa mãe. Acho que foi mesmo isso que ela pensou que não ia ser uma boa mãe, que eu era cabeça no ar, que só queria bola, saídas...” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).</p>
	Sentimentos de choque e de medo	<p>“A minha mãe chorou bastante. O meu pai acho que até ficou contente, deve ter ficado receoso, mas não demonstrou.”</p> <p>(Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“À minha mãe ao início custou-lhe um bocadinho, também foi ali apanhada de surpresa, mas depois aceitou super bem. (...) O pai também ficou contente.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“A minha mãe ficou chocada, sabia que eu namorava, mas não sabia que tomava a pílula. (...) Depois o meu pai ficou com medo porque eu era muito nova. Mas depois lá me apoiaram.” (Núria, mãe pela primeira vez com 16 anos, doméstica).</p>
	Desilusão e consciencialização quanto ao futuro	<p>“A reação do meu pai foi logo para eu não deixar os estudos e que devia ir para a universidade como eu sempre quis. (...) A minha mãe ficou foi desiludida comigo (...)” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>
	Não aceitação inicial	<p>“(...) não aceitaram ao início. Porque planearam um estilo de vida diferente para mim do que aquele que ia acontecer.”; “Depois tentaram aproximar-se quando houve a separação.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center).</p>

f) A situação familiar atual e suporte familiar e social

Situação familiar depois da gravidez	Residir com os pais	<p>“Em casa dos pais. Mas já fomos ver de casa os dois, mas temos um animal de estimação e não nos deixam...é complicado.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Ainda continuámos em casa dos nossos pais. Depois fui viver com o meu marido.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica).</p>
	Residir com a mãe	<p>“Fui para casa da mãe para ela me ajudar. Mas depois, ao final de um mês, fui viver mais o menino. Já lá estou há 9 mesinhos.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional).</p>
	Residir com os avós maternos	<p>“Continuei em casa dos meus avós [maternos]. Com o divórcio dos meus pais, preferi ir viver com eles.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado).</p>
	Residir com o pai da criança	<p>“Já vivíamos juntos na altura, embora ele fosse e viesse do estrangeiro.” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p> <p>“Até estávamos a viver em Coimbra, ele era de lá... e estávamos os dois no Pingo Doce.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“Saí da casa dos meus pais e fui viver com ele.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“Já vivíamos juntos.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância);</p> <p>“Já vivíamos juntos.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>
	Co-residência com a progenitora	<p>“Os meus pais convidaram-na [mãe da criança] logo depois de termos sabido e ela mudou-se logo.” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>

Suporte familiar e social por parte da família e do/a companheiro/a	Apoio instrumental	<p>“(...) desde roupa, dinheiro, tudo, elas [a avó e irmã] fazem tudo pelo garoto. (...)” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“As avós também nos ajudam com roupa, calçado, fraldas, comida, coisas assim. (...)” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p> <p>“Recebo quando eles ajudam com a roupa. Esse tipo de ajudas, no que faz falta à criança.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“A família contribui com tudo para o menino, e para mim quando preciso também. Alimentação, fraldas, roupa.”; “A minha mãe, neste caso, vive ali. Paga as minhas contas, a viver assim. E dá-me imensas coisas para ele. Bens essenciais.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“De vez em quando, quantias monetárias, fraldas e toalhas.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“Ao início até me ajudaram muito. Iam lá a casa, até lhe davam fraldas. E estão sempre a perguntar se é preciso alguma coisa. Até agora, se é preciso alguma coisa ou ficarem com a menina, ou assim.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância);</p> <p>“(...) dinheiro, fraldas, mesmo agora com o menino...” (Núria, mãe pela primeira vez com 16 anos, doméstica);</p> <p>“Embora os nossos pais nos ajudem muito com roupa, calçado, dinheiro e consultas no médico, [a mãe da minha filha] também contribui.” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>
	Apoio emocional	<p>“[Emocional] Foi a minha avó, sem dúvida.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“É só mesmo amor. Às vezes é que o meu pai se apercebe de algum sufoco e sei que ajuda. (...)” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada);</p> <p>“O pai [da criança] foi mesmo em questão emocional”; “Neste momento, agora os meus pais. O apoio emocional e mesmo nas necessidades do garoto. Se falta algo, sei que eles estão lá para ajudar.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“(...) [apoio da família] isso é importante quando se é pai ou mãe na nossa idade.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p>

	<p>“[O meu namorado] emocional e também ajudas práticas porque eu tive de estar de baixa de repouso.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância).</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Ajudas práticas</p>	<p>“(...) se eu for para a formação, vou deixar o menino a casa das minhas irmãs ou estou a dormir em casa da minha mãe e ela fica com ele. (...)” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“(...) Por exemplo, para ir trabalhar, as avós é que me ficam ele. (...)” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p> <p>[A minha avó materna] é ficar com a menina ao fim-de-semana”; A minha [filha] ainda não pode ter atividades, mas [o meu companheiro] é o voluntário que vai também para as atividades com ela... Ele voluntário? Não, ele é mesmo obrigado. Ele é o meu apoio. (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“Em casa, o meu namorado ajuda-me em algumas tarefas.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“Às vezes para não faltar às aulas, [os meus pais] ficarem com ele quando está doente.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“A minha mãe ajuda-me a tirá-lo do banho. Ele [pai da criança] ajuda a mudar a fralda, no banho também.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“[O meu marido] ajuda-me a cuidar deles. É ele que os leva mais a passear.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica);</p> <p>“Nos primeiros 3 anos de vida da menina, a empregada, [ajudava nas tarefas e cuidados à criança] sem dúvida. Agora como já está no infantário, ajuda só nas refeições. Depois para estarem com a menina, costumam ser os meus pais. (...)” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>

g) O impacto da transição para a parentalidade nas relações familiares e amicais

Relacionamentos interpessoais	Reaproximação da família de origem	<p>“Depois tentaram aproximar-se quando houve a separação.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“[a relação com os pais] ajudou a aproximarmo-nos de longe.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>
	Reaproximação do companheiro	<p>“Melhor, aproximou-nos mais.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja).</p>
	Afastamento do grupo de pares	<p>“Nós ficamos mais seletivas quando somos mães. Isso mudou bastante, drasticamente. Só se mantiveram as pessoas que já eram mães é que ficou mais forte ainda.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“A maior parte afastou-se. Mesmo por ser mãe, acho que sim.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“(…) Afastei-me um bocadinho deles porque agora sou mãe. Mas de início não. Ainda era muito de sair e assim. Amigos só ficou a irmã do meu marido. Está muito presente.” (Núria, mãe pela primeira vez com 16 anos, doméstica);</p> <p>“(…) Só saía mais no período da escola.”; “(…) Eu quando cheguei a Covilhã acabei por me fechar, não sair com amigos. (…)” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>

Sociabilidades juvenis	Redução das oportunidades de sociabilidade e de convivialidade	<p>“Fiquei mais limitada. Não saio tanto como antes.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“Muito raramente. Saía mais enquanto vivi com a minha mãe e o meu irmão. Já não me posso dar a esse luxo. Também já não é vida para mim sair à noite, sinceramente. As noitadas passo-as eu com o meu filho.” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p> <p>“[saídas com amigos] Isso não acontece. Isso está fora de questão.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“Eu tento [sair] quando [o meu filho] não está. Mesmo para quebrar um bocadinho essa rotina. Como eu tenho essa facilidade quando ele está no pai...” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“Continuo a sair agora que já está um bocadinho maior, mas antes saia mais.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Raramente, saia mais antes. Lá está, tenho de cumprir os horários do menino e a rotina dele.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Já não dá para estar junto com eles.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“Por enquanto ainda não volto a sair porque ainda é muito pequenina (...)” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância);</p> <p>“Era de sair muito e mal soube da gravidez, reduzi até ficar com barriguinha, que aí já não saia mesmo à noite e tudo.” (Núria, mãe pela primeira vez com 16 anos, doméstica);</p> <p>“Sair à noite só acontece na semana em que a menina fica com a mãe. E também não é sempre. Muito raramente, até.” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>
------------------------	--	--

h) Trajetos escolares e profissionais

Relação com a escola	Reprovações	<p>“Acho que foi no 7º ano.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“No 4º ano porque os meus pais assinaram um papel em conforme eu não tinha notas suficientes para ir para o 5ºano. E depois no 10º ano, porque deixei matemática para trás e eu achei que era desnecessário perder mais tempo ali e mudei de curso.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“(...) no 8º ano. Chumbei por faltas.” (Fátima, mãe aos 22 anos,</p>
----------------------	-------------	--

		<p>operadora de loja);</p> <p>“Reprovei no 8º.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“(…) no 8º ano. Possivelmente na fase do meu pai, também ajudou. E foi um ano assim que eu achei difícil, não consegui levantar.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância);</p> <p>“(…) reprovei duas vezes. Duas vezes no mesmo ano, no 6º porque foi quando me mudei. (…)” (Núria, mãe pela primeira vez com 16 anos, doméstica).</p>
	Absentismo	<p>“Faltar. No secundário.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“[os amigos] influenciaram-me a tornar-me “baldas”.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Fiquei agarrado a um jogo de computador. Faltava por causa disso.”; “Na altura pronto, éramos [amigos] todos rebeldes. Íamos todos uns atrás dos outros” (João, pai aos 23 anos, segurança privado).</p>
	Abandono escolar	<p>“(…) Estudei até ao 9º, depois deixei de estudar, voltei. Foi um período muito negro.” (Carlota, mãe aos 23 anos, costureira e empregada de balcão);</p> <p>“(…) Depois não reprovei no 8º, mas parei uns meses até ir para aquilo do Sócrates. Das novas oportunidades.”; “Foi na altura em que tive a menina e precisei de orientação da minha mãe para cuidar dela. Eu tive de aprender com aquela idade... Depois já não quis ir para o ensino regular. Soube das novas oportunidades e fui só mesmo para acabar o 9º.” (Núria, mãe pela primeira vez com 16 anos, doméstica).</p>

“ Eventos críticos”	Abandono da mãe e tentativa de violação	<p>“Para além do abandono, houve mais uma situação, tentaram-me violar.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).</p>
	Alcoolismo	<p>“Os problemas [de alcoolismo] do meu pai. Também não tinha cabeça para nada e eu andava na psicóloga na escola. Mexem muito connosco.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância).</p>

	Alcoolismo e toxicod dependência	“(…) acho que os problemas do meu irmão. E o desemprego do meu pai.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante).
	Ausência das figuras parentais	“A ausência dos meus pais até aos 14 anos, mais ou menos”; “Na adolescência, como me sentia revoltado, levava isso para a escola. E isso sentia-se no meu comportamento porque era rebelde e também nas notas. (...)” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).
	Desemprego	“Tive o desemprego dos pais, dos dois ao mesmo tempo.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center).
	Falecimento	“Acho que foi ali o falecimento do meu pai e os amigos. As noitadas e o ter começado a fumar.” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão).
	Mudança de residência	“Mudança de residência, sim. Como aumentaram a renda da casa dos meus pais, fomos para o Fundão. E eu culpava-os por isso. Ia deixar os meus amigos para trás.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica).

i) Adaptação e experiência da parentalidade e projetos de vida

Dificuldades, desafios e preocupações	Falta de tempo para si	<p>“Não, principalmente durante a semana.” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“Deixei de ter. Se tiver tempo para mim é mesmo para passar a ferro e tomar café antes de vir trabalhar.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“Às vezes, não me sinto revoltada, mas não tenho nenhum tempo para mim. Como eu não exijo que o pai [dele] me ajude, não saio com as minhas amigas... Quando trabalhava é que ficava mais cansada. Porque tinha o trabalho e as tarefas em casa.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>
---------------------------------------	------------------------	--

<p>Falta de tempo em conjugalidade</p>	<p>“(...) Ah, mas também tenho sempre férias que o vou pôr sempre ao infantário. Faz-nos bem ter um pouco de tempo para nós. E só acontece em abril, nas férias da Páscoa. Quando o pai está cá, não conseguimos ter tempo de qualidade. (...)” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão); “Trabalhar por turnos não facilita em termos tempo para nós [casal] também.”; “Termos tempo para nós os dois é o mais complicado.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja); “(...) Aspetos negativos, só se for mesmo no tempo em que não estou com ela [Fátima].”; “(...) Às vezes só tenho tempo de estar com ela na pausa dela do almoço (...)” (João, pai aos 23 anos, segurança privado).</p>
<p>Recursos financeiros</p>	<p>“Queria ter mais dinheiro, sim, e que o meu marido arranjasse um emprego estável.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica).</p>
<p>Falta de apoios estatais</p>	<p>“Eu acho que isso já falo por muitas mães é ajudas nos infantários, as mensalidades são altas. Isso, a sério, isso já é uma grande ajuda...” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão); “A nível dos infantários sim, mais apoios financeiros.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja); “[Faltam ajudas] do Estado!” (João, pai aos 23 anos, segurança privado).</p>
<p>Receio quanto ao futuro profissional</p>	<p>“O meu trabalho como só é a 4h tenho facilidade em fazer tudo. Mas a desvantagem é ser menos o dinheiro. É assim neste momento, não é bem dificuldade, é mais o medo. Eu como mãe não consigo ter um trabalho que em termos de horários, dê para estar com o filho, por exemplo quando o infantário está fechado nos mesmos dias. Mas o meu trabalho permite só que é não saber se fico de hoje para amanhã e, se entretanto, aparece outro igual.” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center).</p>

	Medo em não ser «boa mãe»	“Questionar-me se estou a fazer um bom trabalho, se dou a atenção necessária. Por vezes falta de apoio emocional, um bocadinho.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante).
--	------------------------------	---

Construção identitária	Identidade íntima	<p>“(...) [sinto-me adulta porque] agora tenho de cuidar dele e não só de mim.”; “Tenho é mais responsabilidades.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“Assim a sério, [adulta] aos 17. Acho que depois a gente também vai crescendo e olhamos para nós e “porra eras uma criança”.” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“[Adulta] desde os 19 anos, ao sair de casa, ao ganhar dinheiro. A conseguir autossustentar-me, sem depender de ninguém.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“[Adulta] a partir de que o garoto nasceu, com 19/20.”; “[Ao ser mãe mudei] se calhar os objetivos de vida, se calhar pensaria em aproveitar mais a vida. Agora pensamos mais no futuro dele (...)” (Olívia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“Sim, 21/22, acho que somos jovens adultos. Mas isso também depende da identidade da pessoa. Olhando para trás vejo que comportamentos, formas de pensar que não se enquadram. A maternidade também ajudou, vemos que há consequências e objetivos diferentes.”; “Acho que [com a maternidade] uma pessoa cresce muito e vê o mundo de outra forma. Deixei de gostar de sair à noite, prefiro estar com ele em casa.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Não digo desde que fui mãe, talvez aos 21. Mas ele ajudou, temos uma responsabilidade nos braços. Fazer tudo por ele, isso implica ser-se um adulto.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“[Adulto] Ali aos 21/22. Mudei por mudar. Também o nascimento do meu filho ajudou.”; “(...) Mesmo nos horários [do meu filho]. Nos tempos livres. E a responsabilidade, acresce.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“[Adulta] infelizmente desde muito nova, quê? 15 anos”; “Tive de perceber coisas demasiado cedo e podia ter vivido mais a minha adolescência...”; “A nossa independência fica mudada [com filhos], já é ela que depende de nós. Passou a ser uma prioridade (...)” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância);</p> <p>“Senti que a partir [da 1ª ecografia] ia ser mais responsável”; “[Adulta] quando já estava quase a ter a menina. Porque fui</p>
------------------------	-------------------	--

		<p>reduzindo as saídas.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica);</p> <p>“[Adulta] desde que cá cheguei, com 18. A minha vida ia mudar e tinha de deixar de ser rebelde. Porque já não vivo com os meus pais, já ganhava o meu dinheiro.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada);</p> <p>“(…) há outro tipo de responsabilidade. Faço tudo a pensar nela. Por exemplo, o facto de ter escolhido o emprego mais perto de casa.”;</p> <p>“Então...[adulto] desde o nascimento dela. Fui pai muito novo e apesar de ter uns pais fantásticos, tive de crescer e deixar ficar para trás as aventuras típicas da adolescência. (...)” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Identidade estatutária</p>		<p>“(…) Mas quem vive de perto, vêem-me como uma boa mãe, que me mato a trabalhar para o meu menino ter uma vida estável.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“Pelo menos nunca me criticaram à minha frente. Por isso acho que estão contentes com o meu papel de mãe e o facto de estar sozinha e conseguir cuidar dele e de conseguir conciliar tudo com o trabalho. (...)” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“A minha avó diz que ficou surpreendida. Disse que não pensava que eu fosse assim tão boa mãe. Claro que peço, mas diz que sou boa mãe. Dizem-me que há certas situações que me devia impor mais e noutras que devia deixar, ou seja, ralhar quando não valia a pena.” (Andreia, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“Já me disseram que estou sempre preocupada com ele. Quando está na minha mãe, estou sempre a ligar.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Acho que o facto de ter abdicado do trabalho para me dedicar só à família ajudou a pensarem que já tenho mais cabeça. Vizinhos e tudo estavam sempre a criticar o facto de eu não parar muito em casa antes de ser mãe.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica);</p> <p>“Eu acho que as pessoas ao meu redor me acham protetora demais.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada);</p> <p>“Os meus amigos dizem que eu sou um pai babado. Os meus pais sempre me foram dando conselhos e quando fazia as coisas bem, eles orgulhavam-se, porque para a idade que tinha...” (Miguel, pai</p>

		aos 17 anos, engenheiro mecânico).
	Representação da ideologia da maternidade	<p>“É o sonho de todas as mulheres serem mães.”; “Acho que todas as mulheres querem ser. Também só crescem dentro da nossa barriga.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“Para além de passar 9 meses no nosso corpo, é um filho que será sempre nosso, um amor que não lhe consigo explicar...” (Carlota, mãe aos 23 anos, empregada de balcão);</p> <p>“(...) uma experiência única. Deviam ter essa sensação, digo eu.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Porque é uma grande felicidade e é algo que é só nosso.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância).</p>

Projetos de vida e ambições	Arranjar casa própria	<p>“(...) já fomos ver de casa os dois, mas temos um animal de estimação e não nos deixam...é complicado.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Ah e termos uma casa para nós. Andamos à procura mas não está fácil.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“Ter a minha própria casa. Já começámos e agora é a fase de terminar...é um sonho que está a ir aos poucos. Mas queremos que se concretize rapidamente, para os três.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância).</p>
	Arranjar emprego	<p>“Eu gostava muito de arranjar emprego como designer. Quando acabar a licenciatura.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Daqui a um anito [voltar a estudar] mas pretendo arranjar trabalho primeiro (...)” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>
	Abrir negócio próprio	<p>“Sair do trabalho em que estou para ir trabalhar por minha conta própria.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Gostava de ter uma empresa. Eu pensar, penso. Falta é o capital. (...)” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“Tenciono abrir a minha própria oficina...daqui a uns dois, três anos, vamos ver” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>
	Casar	<p>“Acho que é mais pelo simbolismo religioso que trás e a união que traz. Querer passar a vida para sempre os dois.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Sim pensamos nisso, em oficializar. Pelo religioso, vestida de branco. Se é para ser, é em grande.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de</p>

		<p>loja);</p> <p>“Sim, gostava de me casar, mas hoje em dia é um bocado caro. Não para já.”</p> <p>(João, pai aos 23 anos, segurança privado).</p>
	Emigrar	<p>“Eu não, mas se calhar o meu marido vai emigrar. Eu assim continuo a receber o RSI que sempre ajuda e ele tenta algo melhor lá fora.” (Núria, mãe pela primeira vez aos 16 anos, doméstica).</p>
	Retomar os estudos	<p>“Gostava de voltar.”; “Para tentar arranjar um emprego melhor do que aquele que tenho.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“(…) Se não me aceitarem como estudante trabalhadora, vou ter de abdicar. Os meus pais querem pagar as propinas e tudo mas eu não quero.”;</p> <p>“Realizar o sonho da minha mãe, acabar os estudos. Sinto um bocadinho de culpa. Que ela só se sente realizada quando os filhos todos tiverem acabado.” (Débora, mãe aos 23 anos, desempregada).</p>
	Ter mais filhos	<p>“Mais um, sempre quis ter dois filhos.”; “Talvez aos 28 de forma planeada.” (Sónia, mãe aos 22 anos, em formação profissional);</p> <p>“Sim, mais um. Ou seja, dentro de três anos.” (Olivia, mãe aos 19 anos, operadora de call center);</p> <p>“Sim, um, mais um. Eu gostaria, se tudo corresse bem, daqui a dois, três anos.” (Bianca, mãe aos 20 anos, estudante);</p> <p>“Mais um. No máximo aos 28. Quando tiver mais estável.” (Fátima, mãe aos 22 anos, operadora de loja);</p> <p>“Se tiver é só mais um.”; “(…) perto ali dos 30, aos 28/29. Talvez consiga já ter mais tempo aí.” (João, pai aos 23 anos, segurança privado);</p> <p>“E também quero deixar um pouco de mim neste mundo.”; “Sim, pelo menos mais um. Quando a menina já tiver 4/5 anos.” (Isabel, mãe aos 24 anos, auxiliar em jardim de infância);</p> <p>“Talvez mais um. Quando tivesse a minha própria oficina porque provavelmente teria mais tempo para [os meus filhos]” (Miguel, pai aos 17 anos, engenheiro mecânico).</p>